

A DEFESA NACIONAL

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

DIRECTOR-PRESIDENTE :

Alcides de Mendonça Lima Filho

SECRETARIO :

Aluizio de M. Mendes

GERENTE :

Armando Baptista Gonçalves

Anno XXV

Brasil - Rio de Janeiro, Maio de 1938

N.º 288

Esta terra, Senhor... é em toda
praia praiana, chan e mui formosa...
Em tal maneira é graciosa, que que-
rendo-a aproveitar dar-se-ha nella
tudo.

PERO VAZ CAMINHA

(Carta, no 1.º de Maio de 1500)

S U M M A R I O

LITERATURA — HISTORIA — GEOGRAPHIA — SCIENCIAS PAG.
Abertura das aulas da Escola de Estado Maior 475

O quadro é afflictivo — *Edmundo Luiz* 491
A guerra de secessão dos Estados Unidos — A batalha de
Gettsburg — Cap. *Jayme Graça* 499

SECÇÃO DE TACTICA GERAL

Protecção contra os gases — Todas as armas — Cap. *Carlos Proença Gomes Sobrinho* 509

SECÇÃO DE CAVALLARIA

Serviço de campanha — Cap. *Lelio R. Miranda* 531

SECÇÃO DE ARTILHARIA

	PAG.
A artilharia de apoio directo na tomada de contacto — <i>Cel. F. Ricard</i>	545
Quadro de correccões — <i>Cap. Breno Borges Fortes</i>	558

SECÇÃO DE AVIAÇÃO

A infantaria do ar — <i>Ten. Cel. Armando Ararigboia</i>	561
--	-----

SECÇÃO TECHNICA INDUSTRIAL

Um rapido estudo (subsídio) sobre o F. M. modelo brasileiro, 1932 — <i>Ten. José Rubens Botelli</i>	567
---	-----

NOTICIARIO E VARIEDADES

Impropriedades e correccões na linguagem da caserna — <i>Cap. Rubens Massena</i>	583
O communismo — <i>Dr. Luiz Betim Paes Leme</i>	594

AVISO IMPORTANTE

Communicamos a todos os nossos collaboradores que a “A Defesa Nacional”, a partir do mez de Julho vindouro, em obediencia ao decreto-lei n.^o 292 de 23 de Fevereiro de 1938, será redigida na orthographia nacional.

A REDACÇÃO

Abertura das aulas da Escola do Estado Maior

Com a presença das altas autoridades reencetaram-se, no dia 15 de Março ultimo, as aulas do nosso, mais elevado instituto de estudos militares.

Por essa occasião pronunciou o então Comandante da Escola de Estado-Maior, Sr. Ten.-Cel. Ajalmar Vieiras Mascarenhas a seguinte oração:

Meus senhores:

15 de Março. Abertura das aulas.

Congrega-nos, professores e alumnos, no limiar do anno lectivo de 1938, este imperativo do programma de instrucção. A Escola retorna hoje ás suas actividades normaes depois le vos ter facultado, a vós alumnos, o merecido repouso que desejamos vos tenha tonificado corpo e espirito, para mais facil conquista dos novos objectivos em presença.

O programma de 38 não differe enormemente do do anno passado; muito ao contrario, é nas linhas geraes a reproducção daquelle de vez que os fins a attingir permanecem os mesmos e os meios de os alcançar nos são familiares.

Assim, vossa actividade escolar se exercita em periodos de instrucção os quaes englobam o estudo de assumtos de certa natureza ou marcam determinado gráu de treinamento.

Os periodos se compõe de estadios. A cada estadio corresponde o estudo de u'a modalidade do assumpto previsto para cada periodo.

Os periodos differem em numero e duração para os dois annos do curso.

O estudo da Divisão permanece o motivo principal do 2.^º anno e será precedido de recapitulação do das armas; o do Exército, o do 3.^º.

O ensino da Historia Militar terá cunho mais objectivo e se limitará ao estudo de casos vividos, em campanhas recentes, nos escalões e nas situações correspondentes aos do ensino da Tactica Geral.

Previram-se tres viagens de Tactica para o 2.^o anno e quatro para o terceiro.

Si não mudou, em essencia, o programma, evoluiram, fructo da experientia dos dois ultimos annos, o methodo e os processos de ensino: — o trabalho a domicilio é excepcional; a regra são os exercícios e trabalhos em sala e no terreno, cada expressão tendo sentido bem definido na tecnologia pedagogica da Direcção do Ensino;

— como já haviam desapparecido as conferencias, desapparecem tambem as demonstrações; se vos distribue uma *documentação de base* cuja parte mais importante são os cursos de Armas e de Tactica Geral, documentação que vos permitirá abordar immediatamente o caso concreto considerado;

— far-se-ha falar o alumno muito mais do que no anno passado; exigir-se-hão frequentemente decisões que serão examinadas, discutidas e comparadas;

— busca-se um resultado definido por media de nível satisfactorio; não se formarão *azes* mas se trabalhará pela conquista de media elevada para o conjunto da turma;

— tereis sob os olhos não só o programma semanal, mas o quadro pormenorizado dos trabalhos de todo um periodo; tendes assim o espaço e o tempo necessarios á montagem de vossa manobra... como alumnos. Nela o inimigo não intervirá.

Reconhecemos dura vossa tarefa de alumnos da Escola de Estado Maior, mercê de factores varios. Para minoral-a, os professores chefes de cursos, com a collaboração de seus adjuntos, vos offerecem um contingente de trabalho tambem arduo, realizado no curto espaço de dois mezes, sem prejuizo de outros encargos que todos tiveram: esse contingente são os cursos da Escola.

Estão já redigidos o curso de Tactica Geral (3^o e 2^o annos), os cursos de Infantaria, de Cavallaria, de Artilleria e de Transmissões; delles uma parte está impressa, a que hoje se vos distribue. Infelizmente, as possibilidades da Imprensa Militar, em virtude de seus multiplos encargos, não puderam emparelhar com a producção in-

tensa da sala dos professores. As partes restantes dos cursos vos chegarão ás mãos oportunamente.

Os cursos se publicam em edição provisória pois as condições de tempo em que foram organizados, revistos e impressos não nos permitem vos offerecer obra perfeita nesta primeira divulgação. Seu conteúdo, por constituir doutrina de emprego, por vezes, de Grandes Unidades, não deve sahir do ambito do Exército, motivo por que os exemplares são numerados, de uso pessoal e não poderão ser vendidos a terceiros nem cedidos, embóra não se trate de assumpto secreto nem reservado.

Ainda referentemente aos Cursos seja-nos permitido render um preito de homenagem ao Exmo. Sr. General Noel, o grande animador de sua publicação immediata, aos Srs. Cel. NALOT, SCHWRATZ e Cmt. DARNOUX, orientadores dos cursos, respectivamente de Infantaria, Artilharia e Cavallaria; nossos agradecimentos aos professores chefes de cursos e seus adjuntos que trabalharam sem desfalecimento em obra de tal vulto; cumprimos por fim o dever de pôr em relevo o trabalho intenso já produzido pelo Gabinete Cartographico do E. M. E. e sobretudo a acção pessoal de seu chefe o Sr. FREITAS que, em meio das maiores aperturas soube comprehendêr o valor e a necessidade de tal obra.

Programmas, cursos, directrizes de ensino, eis o contingente inicial de trabalho da Direcção de Ensino e de seus collaboradores nesta abertura de aulas: vôlei offerecemos para que bem o utilizeis.

E o contingente do alumno?

Todos o sabeis, através da experencia de *um* e *dois* annos de vida escolar:

- o esforço de que todos déstes provas inequivocas no anno passado; mas esforço bem orientado, sem perda inutil de energias, distinguindo-se bem o essencial do secundario;

- desenvolvimento do raciocinio e da personalidade pelo abandono das soluções eschematicas, para applicação judiciosa dos principios no caso concreto considerado;

- interesse pelos exercícios apparentemente secun-

darios os quaes permitem, em regra, ajuizar do espirito militar do alumno;

— regulação do esforço tendo em vista os fins a attingir, devendo-se evitar exagerar a importancia dos assumptos como a prolixidade. A perda da saúde não pôde conduzir a resultados satisfactorios;

— esmero no que forçosamente constitue elemento de juizo da aptidão geral;

— comprehensão intelligente das difficuldades no ensino decorrentes dos meios, da ambiencia, da época, das contingencias legaes, da razão maior, para que possaes vos tornar leaes collaboradores da Direcção do Ensino.

Eis a obra de intelligencia e de hôa vontade que se espera de vós, obra capaz de realização facil pois que vintes de sahir vencedores de asperas refregas, sobretudo vós, da turma do 3º anno que num anno inteiro de vida escolar, dêstes em 1937, demonstrações frequentes de espirito de ordem, pontualidade, disciplina e interesse pelo ensino as quaes nos autorisam vaticinar exito completo. Mas esta confiança se extende aos mais novos, os do segundo anno, através dos trabalhos produzidos na Escola e nos estagios, com interesse e espirito de metodo muito apreciaveis.

A Escola se vos abre confiante do exito e vos offrece em parodia a frase de SMILES: "AJUDA-TE e a Direcção te ajudará".

Agradecendo a honra da presença do Exmo. Sr. Chefe do Estado-Maior do Exército, do Sr. General Chefe da M. M. F., do Sr. General Inspector do E. M. e demais autoridades presentes, convido o Sr. Tenente Coronel Sub-Director do Ensino para produzir sua palestra afim de collocar os nossos trabalhos no quadro geral das actividades nacionaes.

Declaro abertos os cursos da Escola de Estado Maior no anno lectivo de 1938.

* * *

Em seguida, com a palavra, falou o Sub-Director do Ensino, Ten.-Cel. J. B. MAGALHÃES dissertando sobre:

A GUERRA MODERNA E CERTOS ASPECTOS INTIMOS DO EXERCITO, DE ORDEM CAPITAL

Meus Senhores:

Houve por bem nosso commandante de determinar que na qualidade, embóra interina de Sub-Director de Estudos desta Escola, vos fizesse a presente conferencia. O objectivo visado por elle é collocar nossas actividades em face de seus superiores destinos, para dar-vos uma idéa do *clima moral e mental* em que deve viver nosso espirito para que, dessarte, contribuamos melhor para a formação do ambiente saadio de que a Patria necessita para viver e progredir, e nos colloquemos no quadro geral das actividades uteis á nação. Corresponde isso a uma necessidade?

Abandono-vos a questão; respondei-a como melhor vos parecer. Ao fazel-o, porém, reparai que um tal proceder obedece ao caracter *predominante* da guerra, que é a *objectividade*, a *realidade objectiva* de tudo que a ella se refere, directa ou indirectamente. O que não tem *existencia real* e, em meio do que existe, o que não tem applicação, destino, ou consequencias uteis, não convém á guerra. A propria fantasia, o trabalho de pura imaginação tem que se sujeitar ao caracter objectivo da guerra para não ser inutil e prejudicial. Ora, nossa Escola nada mais é que um agrupamento ephemero, formado de elementos que se renovam constantemente e que a necessidade de seu funcionamento perfeito e rendoso aconselha obediencia sem o minimo desfalecimento, a um rythmo annual invariavel. É uma particula do grande *organismo* constituído pelos *estados-maiores* e directamente ligada a principal delles, o E. M. E. Certo, não tem ella papel algum directo a representar em caso de guerra. Desaparecerá talvez. Mas, é essencial á vitalidade de sua preparação. É como que uma *glandula* que alimenta e activa as funcções do cerebro. É della que vivem os *estados-maiores*. A importancia de seu *funcionamento normal*, é, então, consideravel e *mesmo preponderante*, para a saúde perfeita do Exercito.

E' isso uma verdade incontestavel e reconhecidamen-

Ten.-cel. J. B. Magalhães, sub-diretor do Enre
no da E. E. M.

te expressa, sob varias fórmas theoricas e praticas manifestadas na organização dos Exercitos em todo mundo civilisado, onde as *escolas* analogas são tratadas com um cuidado todo especial.

Algumas palavras, portanto, pronunciadas aqui, ao se iniciarem os trabalhos do anno, que nos recordem porque e para que nos esforçamos e que nos sugiram como e com que espirito devemos trabalhar, não são descabidas e podem ser uteis.

Além disso, a D. E. assim procedendo, obedece á regra maxima do *ensino* e da *educação* que é a do principio da preponderancia do *exemplo* sobre as prédicas: dá testemunho de suas cogitações e mostra com que sentimento longinquamente desenvolve suas actividades e onde encontra suas inspirações.

Vemos, assim, até aqui, desabrocharem duas *idéias mestras* que convém assignalar, *idéias* que nos devem dominar, escravizar, absorver, reger nossos pensamentos e nossos actos quaesquer, não só relativos ao nosso ambito restricto, como não importa a que situação em que nos encontramos:

— uma, é a de que existe acima da esphera em que labutamos, qualquer que seja aliás, outra que tudo envolve e domina — a do *objectivo geral*, commun, para que todos devem trabalhar desde o mais humilde soldado ao mais graduado chefe, a qual todos envolve e tudo condiciona;

— outra, é a de que a satisfação de nossos destinos exige actos por mais modestos que sejam não se contentando jamais com palavras por mais elegantes, sonoras ou retumbantes que se apresentem.

Isto posto, pode-se ainda perguntar si nos é lícito cogitar de assumptos extramuros escolares. Certo não iremos aqui tratal-os porque escapam a nossa competencia, mas, parece, é dever nosso referirmo-nos a elles e lembrar qual é a importancia do que fazemos em relação aos mesmos.

Basta o que dissemos sobre o papel *physiologico* de nossa Escola no organismo do Exército para o justificar.

Trata-se de uma Escola, mas de natureza e carácter especiaes, cujo objectivo é a preparação para um fim de acção mais collectiva que individual; exterior, visando resultados longinquos, em futuro indeterminado.

Encarada sua actividade, sem presença da *idéia vivificante* de que seu trabalho se orienta para objectivo bem superior a esphera em que opéra, seria ella um orgão exdruxulo, caro, quasi inutil, senão mesmo prejudicial.

Convém, ainda, chamar vossa attenção para o facto de que nossa escola trabalha elementos de *escól* para o exerceccio de funcções superiores. O regimen de suas actividades não pôde ser, portanto, um *regimen commun* e o *sistema ou criterio* de apuração dos resultados do trabalho nella effectuados não pôde nem deve corresponder ao que é proprio das *escolas de formação de jovens* e das de *aperfeiçoamento obrigatorio*.

Ao contrario dessas escolas, a nossa não *ensina propriamente* e não classifica o saber nella adquirido. Facilita apenas, de um lado, aos elementos de escól moral e intellectual que ingressaram nella, a propria aprendizagem e exercita-os, procurando desenvolver suas aptidões naturaes; e, de outro lado, aprecia e classifica a capacidade de seus alumnos á vista dos resultados dos trabalhos que executaram.

O *saber*, a posse de certos conhecimentos, elemento basico, preocupa pouco, por ser condição fóra de discussão.

Assim sendo, nossa Escola obedece ainda ao carácter realista da guerra, pois é sabido que a evolução desta torna rapidamente obsolêtos certos conhecimentos ligados aos *meios e processos*, os quaes variam mercê dos progressos da industria. E' esse pensamento consignado na Introdução Geral do Curso de Tactica Geral e por isso nos contentamos aqui apenas em cital-o.

* * *

Não é, pois, descabido relembrarmos, no inicio de nossos cursos, os *aspectos geraes* da guerra moderna e de sua preparação.

A extensão de seu campo de acção e o caracter nacional que lhe são proprios attingiram o maximo desenvolvimento, transbordando mesmo este ultimo para um sentido ainda mais amplo, o da raça, o do continente, o de grupo de civilisação. São factos conhecidos. Não insistiremos nelles. Mas chamaremos a attenção para a importancia logicamente crescente de uma *necessaria e adequada preparação*, cujo caracter é geral e total como o da propria guerra, e cuja influencia no resultado final da lucta é hoje mais decisiva e irremediavel, se insuficientemente realizada, do que hontem.

Essa *preparação*, cujas modalidades moraes e naturaes conheceis e cuja universalidade é impressionante, não pôde ser descuidada ou siquer retardada. E' uma das grandes lições que nos lega a conflagração mundial de 1914. E' a conclusão que se deve logicamente tirar dos progressos da industria applicaveis á guerra e em presença dos sacrificios armamentistas realizados pelos paízes europeus e o Japão, a Russia, os Estados Unidos e, mais proximo de nós, a Argentina. Basta reflectir um pouco na enormidade dos sacrificios consentidos para se ter a impressão de que existe nesses povos a convicção profunda de que o minimo retardo no desenvolvimento da fôrça e dos *meios de dominar ou neutralizar* o adversario pôde acarretar a propria perda.

Em taes condições, só se justificaria deixar em segundo plano a *preparação nacional* para a eventualidade de uma guerra, si a politica fosse capaz de resolver seus problemas sem esse recurso ou, em summa, pudesse evitá-la. Ora, não é ella capaz disso. Mesmo que não haja *razões apparentes* de guerra, sua impotencia é manifesta, é o que nos mostram, entre outros mais recentes, os acontecimentos de 1914.

Hoje, dada a extensão que pôde rapidamente tomar um conflicto entre duas grandes potencias e a enormidade das fôrças e dos interesses que entrarão em jogo, nem mesmo será talvez preciso a acção subtil dos submarinos e a intriga invisivel dos agentes provocadores para lançar certos povos na fogueira.

A' luta podem ser arrastados pelos seus proprios interesses.

No que diz respeito ao Brasil é positivo, apezar de nossa indole e de nossas tradições, que nenhuma politica poderá ter certeza de nos conservar alheiadoss a um conflito geral: isentos de uma cooparticipação activa num conflito mundial; ou livres de uma guerra de aspectos mais restrictos, que nos interesse ou vise directa ou exclusivamente.

E' o que nos indica nossa posição no ultimo conflito mundial; é o que nos vem ao espirito á vista de certas manifestações surgidas na Europa a respeito de uma nova partilha da America do Sul e especialmente do Brasil para solver as difficuldades da vida daquelle continente assolado pelo *chômage* e cheio de paízes superpovoados. Solução esta, sem duvida, a um tempo arrojada e ingenua e talvez irrealizavel; mas a semente lançada é perigosa e capaz de germinar ao ponto de crear sérias ameaças e dificuldades.

Ninguem tem o direito de ser incredulo ou septico em materia de tal relevancia, mas todos têm o dever de meditar profundamente o assumpto e de fazê-lo sem idéia preconcebida a moda de Descartes.

Nós não podemos olhar com indifferença o que se passa na Europa e Asia, onde o *espirita racista* sob fórmas e ideologias diferentes, mas premido talvez por necessidades analogas resolve seus problemas a sua moda.

O *programma nazista* alemão se realiza com *audacia* e *methodo* e esse *programma* não se refere a territórios mas a povos de raça alemã: — *um só povo alemão, um só Reich*. Depois dos povos alemães da Europa Central, não serão incorporados os povos alemães dos outros continentes?

Que accordo internacional surgirá dahi a nosso respeito?

Seja como fôr a importancia bellica de certas matérias primas como o ferro, o manganez e o algodão; as carnes, as gorduras, o cacáo e o café, etc., economicamente interessantes, notadamente em caso de conflagração extensa, mostram que será difficult isentarmo-nos com-

pletamente de uma cooperação mais ou menos activa, notadamente se outros paízes da America se virem nella envolvídos.

A outra hypothese de guerra que poderemos ser arrastados, sem falar nas mais subtis e invisiveis, causadas pelas questões correlactas da imigração, é o caso de um conflicto motivado por interesses locaes sul-americanos. Ha fundamentos historicos e começam a surgir questões de interesse economico e politico que nos forcão a admitir uma tal hypothese, cuja fórmula mais nociva, é a de uma aggressão simultanea de paizes cujos interesses se congreguem contra nós, embóra momentaneamente, mesmo sob pressão dos mais fortes e melhor collocados.. Os conflictos do Acre, de Leticia, e do Chaco, mostram-nos que podem haver causas determinantes da realização da hypothese referida.

A unica maneira de evitar taes situações ou de minorar as más consequencias que possam ter, é *sermos militarmente fortes*, é termos tudo preparado para que a nação possa passar do regimen de vida do tempo de paz ao regimen de guerra, sem *colapsos* ou *graves perturbações*.

Tres noções dominam aqui:

— uma é a de que o que não estiver prompto jamais será realizado;

— outra é a de que o desenvolvimento dos acontecimentos será tanto mais rapido quanto maior fôr a diferença no gráu de *preparação* dos *antagonistas* ou, o que é o mesmo, a superioridade inicial desenvolvida por um delles;

— outra, ainda, é a de que é mais facil manter o paiz ao abrigo de uma aggressão que ter de reconquistal-o.

* * *

Seja como fôr, é facto que ninguem mais discute a necessidade de estar *preparado* com todo desenvolvimento compativel com a hypothese de guerra accepta como verificavel. Só seria logico negar essa necessidade si não se admittisse a possibilidade de guerra, o que não correspon-

de a existencia do mecanismo militar decretado em toda parte. E' então, isso materia pacifica.

Todavia, pôde-se admittir haja certa nuança na extensão a dar a essa preparação e no modo de realizá-la.

— Que *preparar* e como *preparar*?

O que preparar pôde-se resumir numa palavra: — tudo. O caracter da guerra moderna põe em jogo tudo que é força ou pôde contribuir para a formação da força: — material e moral.

Em que extensão? Depende da hypothese de guerra, o facto é que é necessário poder desenvolver rapidamente a força necessaria para dominar ou neutralizar a do adversario. Essa força é, como sabemos constituída:

— pelos effectivos em campanha;

— pelos que trabalham para armar, municiar, alimentar, conservar, etc., esses effectivos;

— pelos que servem ao seu transporte e ao de que delle necessitam;

— pelos que mantêm o seu moral elevado e confiante na victoria.

Ora, esses aspectos desdobrados abrangem *tudo* que constitue uma nação e sua vida.

Como *preparar*?

E' o ponto mais difficult da questão. Em primeiro lugar, será preciso sahir do terreno vago da nossa palavra anterior *tudo*. E' necessário definir o mais exactamente esse *tudo*, decompondo-o em *qualidade* e em *quantidade*, arranjando-o ou traduzindo-o em *quadros e graficos*. E' o primeiro termo de nossa resposta.

Isto feito, sabe-se o que é *preciso*, quaes são os homens, os quadros, os canhões, os fuzis, os viveres, os calçados, etc., etc., necessarios ao Exército em campanha; e tambem o que é necessário aos que trabalham para elle, isto é, ao resto da nação.

O segundo termo surge naturalmente: — para obter o *necessario* é preciso determinar o que *existe*, *como* e *onde existe*.

O terceiro é a expressão das faltas ou dos excessos e a determinação de como serão preenchidas as faltas e utilizados os excessos.

Eis ahi todo problema... E' simples, mas é enormemente difficult, não pelo grande volume de questões interessantes que se entrecrusam; não pelo apparelhamento administrativo que requer; não pelos conhecimentos technicos que precisam possuir os que têm encargos da preparação nem pelos proprios recursos financeiros que exigem suas realizações; — mas pelo espirito, pelos sentimentos, pelo caracter que precisam ter todos os que têm seu papel a representar. Entendamo-nos, sem recursos financeiros, sem technica, sem apparelhamento administrativo conveniente a preparação não se faz, mas tudo isso existe quando ha o espirito, o sentimento e a fôrça de vontade necessarias.

A idéia de realizar surgida da noção da necessidade, é o germen sem cuja existencia nada é possivel fazer.

Mas essa idéia não pôde ser vaga, tenue e passageira. Precisa ser forte e persistente, para poder se transformad em factos *uteis, continuados* e que se somem sempre no mesmo sentido.

Mas essa idéia só existe quando se *acredita* na hypothesis da guerra e se têm as preocupações, os cuidados que uma tal crença faz surgir. Quando ella excita o *instincto de conservação*. Então somos conduzidos a meditar; e dahi surge o resto.

* * *

Ora, o que vimos de dizer, approximado da realidade nacional, considerada como podemos vê-la pelo que é visivel, mostra a primeira vista que muito ha ainda a fazer em nosso paiz para que fique a salvaguarda de uma dolorosa e irremediavel surpresa. No entanto, determinadas realizações evidenciam que os *recursos superam* de certo modo algumas necessidades primarias as quaes ficam, no entanto, insatisfitas. São faltas que se originam naturalmente da ausencia da idéia do perigo a que acima nos referimos; ausencia acoitada por longo tempo de paz, vivo sem precalços capazes de impressionarem a opinião publica.

Assim, o perigo mesmo para os que o conhecem, fica

longinquo e perde, sua noção, o poder de estimulante energico do *instincto de defesa*.

Mesmo para alguns espiritos cultos que se não deram, porém, o trabalho de examinar a fundo a situação ou que não dispuzeram de lázer para tanto, a noção do perigo é praticamente inexistente.

A *idéia* não desperta nelles, porque se assim fôsse, seu patriotismo haveria de leval-os a uma actividade intensa, que não possuem, para que os riscos fossem afastados longamente sustentada e incansavel, quanto mais sentissem ou percebessem a enormidade da tarefa a realizar, os recursos financeiros de que é preciso dispôr e o longo tempo, mesmo minimo, que é necessario esperar para alcançar um resultado sensivel, capaz de dar relativa tranquillidade.

Qual é o valor desse *tempo minimo*? Certamente elle só poderá ser determinado por um estudo objectivo, feito em condições normaes e por gente capaz. Mesmo nesse caso poderá ser apenas *estimado*. Mas, pôde-se julgar por alguns dados colhidos nos paizes que dispõem de parques industriaes de grande rendimento, sua ordem de grandeza.

Basta considerar, para ter uma idéia, que são necessarios quatro ou cinco annos para começar uma producção industrial ainda de fraco rendimento, quando quasi tudo esteja por fazer. E isso responde apenas a um aspecto da questão.

A conclusão a tirar dessa *constatação* é a de que a *primeira necessidade* para a realização do poder ou fôrça militar da nação é *acreditar na possibilidade da guerra* e temer, na eventualidade de sua eclosão, ser colhido a descovertido ou desprevenido.

E aqui temos duas noções a reter que devem tambem presidir a nossos trabalhos e concorrer para a formação do clima que nos convém:

- nós acreditamos na possibilidade da guerra e sabemos que é indeterminada a data de seu advento e que são indeterminados os motivos excitantes das causas existentes;

— sabemos qu^e seus resultados serão fatalmente nocivos e que poderão ter as mais desastradas consequencias se houvermos de entrar nella sem a fôrça necessaria para vencer ou neutralisar a do adversario.

A' vista dessas considerações, assusta-nos a mentalidade fatalmente preguiçosa, septica ou demasiado modesta, gerada por um longo periodo de paz vivido, a qual repelimos com horror.

* * *

Tal convicção e taes sentimentos, capazes de darem ao patriotismo sincero energia realizadora de consideravel valor, postos em presença do conhecimento das necessidades reaes da guerra e dos methodos de sua preparação, saberão achar a róta a seguir para alcançar um resultado positivo, e rapidamente.

Seja como fôr, o certo é que no nosso caso particular preponderam de modo singular, necessidades de caracter *urgente e premente*, para satisfação das quaes todos podem contribuir. Entre estas, citaremos algumas:

— *ordem em tudo* — não apenas ordem material, mas, ordem tambem moral; sem ordem não ha progresso;

— *disciplina activa* — individual e collectiva. Sem *disciplina*, obediencia ás leis e regulamentos, não ha ordem; sem *disciplina activa*, espontaneidade no trabalho e voluntariedade do espirito e do sentimento, para estabelecer e desenvolver a ordem existente consolidando-a cada vez mais, não ha progresso. A *disciplina activa* obedece ao espirito dos regulamentos e das leis e não simplesmente á letra. A *disciplina*, si não é activa, géra a rotina e não o progresso.

— *actividade*, resultante do espirito da *disciplina activa* que excita as iniciativas e conduz á voluntariedade e á expontaneidade da acção; mas actividade orientada e methodica, systematica e, calma

para que não degeneré em *agitação estéril*, ou não se torne mesmo nociva.

— *continuidade*, idéia indispensavel ao progresso sem desperdicio de *tempo*, de meios e de *esforços*; — ao progresso rapido, economico e durável. Só assim havendo continuidade nos pensamentos e nas accções, poderá elle consolidar-se, amarrado por profundas raizes mergulhadas no passado. O *espirito de continuidade* é talvez a necessidade mais difficult de satisfazer, porque exige *conhecimento do passado* e noção clara do futuro que se quer realizar. E', no entanto, a noção mais urgente a se incutir nos espiritos e nos sentimentos. O momento presente é sempre transitorio entre o passado e o futuro a que fica sujeito queira ou não queira, pela força natural das cousas. Si o *presente* desconhece essa circunstacia, surgem resistencias invenciveis, ha perda de esforços e de tempo e ha *désordem*, donde enfraquecimento do organismo, até que a *natureza seja obedecida*. Sem espirito de *continuidade* jamais poderemos ir além de estados preparatorios e iniciaes.

Chegamos assim a relacionar uma série de *idéias* a ter sempre presentes no espirito, que devem dominar em todos nós considerados isoladamente e que por nossa accão devemos propagar nas collectividades a que pertencemos para que ahí preponderem tambem.

Mas a assimilação dellas, até que sejam capazes de gerar *actos*, requer *trabalho e estudo* que só serão uteis si não abstraírem da idéia fundamental, da que considera a *guerra possível em um momento qualquer indeterminado*.

* * *

Não nos é permittido por circunstacias varias levar mais a fundo estas questões mas supposmos haver dito o bastante para pôr vossos espiritos bem orientados sobre a razão de ser de suas actividades e no rumo que estas devem seguir.

E assim procedendo conformamo-nos com o papel que temos a desempenhar no Exército, no qual exercemos talvez a função de maxima importancia que é a de fornecer o elemento de que deve se *alimentar o seu cerebro*.

Nosso dever é tornar esse alimento cada vez mais forte, rico em fôrça de vida, afim de que as actividades daquelle não esmoreçam ou decahiam.

E' isso nossa parte nas responsabilidades geraes da preparação *da guerra* — parte visivelmente da maxima importancia, pois plasmamos a materia de que se constituirá o commando. Despertando vossa attenção para nossos destinos e necessidades fundamentaes, fazemos nosso dever. Os resultados dependerão em grande parte das actividades que ides desenvolver nesta Escola para a assimilação da dôctrina de guerra, unico cimento capaz de manter-nos cohesos, formando um corpo que se move sem attrictos interiores numa direcção unica.

Mas não nos esqueçamos, não admittamos illusões nem meias interpretações a respeito: — *na guerra só impera a realidade brutal dos factos*.

E' preciso *realizar* e considerar que tudo estará por fazer se no momento critico alguma cousa restar a fazer e isso porque nella só valem fôrças effectivas e resultados adquiridos.

Acostumemo-nos com essa mentalidade.

O DESCOBRIMENTO E A POSSE DA TERRA

“Alguns dias depois, a 1.^o de Maio (1), repetiu-se a cerimonia (2) com todo apparato em terra firme, onde se levantou, no meio da curiosidade e do espanto dos naturaes, uma grande cruz de madeira e juncto a ella um altar. Ali, com toda a solennidade, celebrou-se a grande missa official, pregando fr. Henrique de Coimbra um sermão que não foi para aquella pobre gentilidade mais sensacional que edificante para os portuguezes. Pela prmeira vez naquellas paragens salvou a Artilharia; enquanto o chefe da expedição tomava posse formal da terra para o seu rei, e dava-lhe o nome de ILHA DE VERA CRUZ”.

(ROCHA POMBO — Hstoria do Brasil, pag. 20).

(1) Uma linda sexta-feira de 1500.

(2) A santa missa.

LITERATURA · HISTÓRIA GEOGRAPHIA · SCIENCIA

O quadro é afflictivo

(Páginas escolhidas)

Por LUIZ EDMUNDO

NOTA DA RED.: Afim de dar uma idéia exacta do quadro tenebroso por que atravessou o BRASIL durante o angustioso periodo esclavagista, sob a dominação portugueza, transcrevemos — com a devida vénia — do magnífico livro “O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis”, os trechos que se seguem e que pintam de maneira notável esse momento sombrio da nossa história. Ao completar *meio século* de abolição da escravatura — no dia 13 de Maio de 1938 — a Redacção de “A Defesa Nacional” rende o mais justo e sincero preito de homenagem a todos os que luctaram denodadamente pela conquista de tão nobre e humanitária medida.

O Vallongo é uma enseada espremida entre duas elevações cobertas de verdura: o outeiro da Saúde de um lado, e de outro lado o morro do Livramento. No outeiro, que penetra a agua tranquilla e azul por um penhasco abrupto, vê-se amendoeiras aprateleiradas e coqueiros flebeis, que balouçam ao vento, a capellinha da Virgem caiada de branco, pequena e triste, dando vida e dulçor á paizagem tranquilla.

E' um recanto esquecido da cidade este sitio bucolico escolhido pelo Marquez do Lavradio para que nelle se assente o sinistro mercado dos escravos. Estão os armazens em linha, melancholicamente, beirando a praia, cada um com a sua porta larga e aberta ao sol. Ahi, a carne humana, que já passou pelo carimbo da alfandega, pagando a coroa direitos de entrada, aboleta-se para ser vendida a quem mais dér.

O quadro é afflictivo. Mancha a nossa Historia. Avulta-nos. Para suprir o braço do caboclo orgulhoso, que não se deixa escravizar, vae-se buscar, no viveiro d'Africa, o africano submisso. O Brasil é uma terra enorme. Portugal, um despovoado paiz. A colonização tem que ser feita. Caça-se por isso o preto na floresta africana a laço, como se caça o gorilla ou o tigre.

Preso, tolhido para qualquer movimento, sob a presão de cordas ou de algemas, deixam-no uns dias sem comer, para que se lhe quebrem, com a fraqueza physica, os ultimos resquicios de rebeldia e altivez. Embarcam-no, depois, num exiguo porão sem ar, sem luz. Um sacerdote catholico, nessa hora de embarque, vem aspergir agua benta por sobre a carga humana.

Faz-se mister que ella chegue, com a ajuda de Deus, inteirinha ao seu destino. Em Loanda, ainda existe certa cadeira de pedra, onde se sentava o proprio bispo.

A travessia do Atlântico é cruel. Os veleiros partem com os porões entulhados de carga humana. Para um vâo, onde podem caber cem homens, empurram-se trezentos. O negro chora. O negro soffre. O negro desespera. Vezes, como um louco, avança para os varaes de ferro da escotilha. E' uma fera. Os olhos congestos sahem-lhe das orbitas, a bocca baba e espuma de dôr. E assim, grita, terrivel, e esbraveja. Aquelle desespero, aquella colera e aquella ira são a labareda impetuosa da revolta. Ergue-se todo o porão em rebeldia. E centenas de boccas gritam, tambem, e centenas de ameaças fuzilam através dos vergalhões da grade. Bradam ás armas no convéz. Chegam ahi, então, uns seis ou oito tripulantes da nau, com os seus mosquetões pesados e os assestam pelos vãos abertos da escotilha. E os descarregam, uma, duas, tres vezes.

Augmentam no começo, as vozes, os gritos e os la-

mentos; mas logo depois, como que por encanto, cessa tudo... Tinge-se o porão de sangue. No dia immediato os tubarões do Atlântico têm uma ração mais farta de carne humana. E a viagem, serena, continua.

São setecentos quando embarcam. Desembarcam trezentos... Morre mais de metade no caminhô. Desafoga-se um tanto a pilha viva de bordo. Só assim ha mais ar e mais luz no porão.

Quem mata menos, porém, é a arma de fogo. Mais, muito mais matam nesses porões infectos e exiguos a deficiencia de ar puro, o escorbuto, a dysenteria, as febres, a ausencia de sadia nutrição e a escassez d'agua para beber.

A intelligencia do mercador, estreito mercador, afundado na infamia do negocio, não percebe isso. O negro continua a vir em pilhas. E a ser devorado pela morte.

Chega o escravo ao Brasil. O que se salva sobe o pontavante da Alfandega para receber o imposto fiscal, que é o sello com que a civilização no paiz tributa o braço que vem trazer á terra o bem estar e a fartura. E' um esqueleto que mal se põe em pé, coberto de chagas e vermina. E' a sombra do que foi. Marcha como um sonnambulo. Cheira mal á distancia. Empesta.

Ao negreiro, no entanto, pouco impressiona esse aspecto de miseria e afflictão. O homem conhece o seu negocio e sabe que na engorda, um negro pôde aumentar, no prazo de uma semana, obra até de quatro ou cinco libras.

Do Juizo da Alfandega marcha o infeliz para a céva do bazar, no Vallongo. Ahi pousa. Ahi se affixa. E, desde logo, é a mercadoria que fica á disposição do comprador. Vae ser vendido o pobre, pelo aspecto, pelo que promette como rendimento de trabalho. Do lado de fóra está o cartaz: Negros bons, moços e forte; os chegados pela ultima nau, com abatimento.

Estão elles, coitados, completamente nus, escaveirados, tristes, de cocoras, sobre esteiras ou sobre a terra dura; olhando o capataz que mostra na mão severa um relho emvara, alto, de onde pendem duas tiras de couro com um anel de ferro em cada ponta.

De quando em quando um serventuario distribue cuias de farinha, bananas, laranjas, frutas do paiz, grandes potes de agua. E' o suppicio da engorda. A obrigaçao no momento é comer muito, comer demais, empaturrar-se, augmentar de peso. O negro continua a soffrer. A pagina é torpe. Não ha outra mais torpe em nossa Historia. Entra, subito, um comprador. Suspende-se a refeição. O feitor estraleja o chicote. Tangidos a vergalho, formam todos os folegos. Mostram-se. Para disfarçar as chagas, a magreza e os defeitos physicos das peças, recorre-se a ardis os mais espaventosos. Os ciganos são especialistas na materia. Tambem ha compradores exigentes, que não se deixam assim, facilmente, ludibriar. Escolhe-se em geral um negro como se escolhe um cavallo, pela estampa e pela robustez, arregaçando os beiços, para ver a dentuça forte. O preço varia durante o curso do seculo. E' sempre, entretanto, o mais caro de todos os animaes, o negro . . .

Que é coisa que sempre val
E desdobra o capital,

como dizia Garcia de Rezende.

No paiz mal povoad o e novo, a rude máquina de trabalho, ferramenta da colonização, não demora muito no bazar. Mais que cheguem. E elles chegam aos milhares.

No Rio, pelo anno de 1799, para uma população de 43.377 homens, ha, apenas, 19.578 brancos. Triste minoria. E pelo paiz inteiro a proporção é, pouco mais ou menos, a mesma. Não fosse o indio em quantidade notavel,

esmagadora, e seríamos hoje quarenta milhões de negros e mulatos.

Na hora de se fechar a venda do degraçado, muitas vezes, o filho vai para um lado, vai a mãe para outro.

Corre nessa hora triste, para o pobre negro, a loteria do destino. Bom senhor, mau senhor... Que os ha ferozes como tambem os ha amaveis.

Fecha-se o negocio.

Desapertam-se os cordeis da bolsa, paga-se a mercadoria. Della vai tirar-se o lucro e proveito.

Lá parte o triste, o comprado, vai trabalhar de sol a sol sob a tutela aspera e cruel do feitor. Não lhe dão direito, na hora do serviço, de parar, de cansar, de adoecer.

Quando está aleijado, velho, imprestável, atiram-no ao meio da rua. Vai viver de esmolas, pelas portas das egrejas, por sordidas alfurjas. Quando morre, vai apodrecer para as estradas, que a igreja é só para o branco. A Santa Casa só muito tarde é que pensa em fazer um cemitério para escravos. O senhor continua a sua vida tranquila, empilhando dobrões. Alguns há que as escravas moças e bellas transformam em rameiras e as mandam aos mercados de Cythera vender os corpos. No fim do dia recolhem a férias. Negocio, no tempo, altamente rendoso.

Para os faltosos na hora do serviço, o mais severo castigo. Formar-se-hia, hoje, um museu só com instrumentos que serviram para atormentar os negros escravos no Brasil. O nosso Museu Histórico possue, no entanto, bastantes desses atormentadores inquisitoriais, entre elles várias espécies de troncos e viramundos. A perversidade dos senhores, por vezes, chega ao auge. O Estado intervém. Monta-se um pelourinho especial para o negro, o tronco, em praça pública, com um carrasco chicoteador de pulso forte e incansável.

Quando elle foge á crueldade dos senhores e é preso, restituído ao martyrio pelos capitães do matto, marcam-no com um ferro em braza. Por vezes, o carimbo esbraxeado demora mais um pouco. O ferro chia, destroe a epiderme, penetra no tecido levantando uma tenuissima fumaça. O desgraçado berra, cahe desfalecido. Vae-se ver, é uma queimadura mortal. Bem feito. Não fugisse !

Ha alvará com força de lei, de 1741, que diz assim:

Hey por bem que todos os negros que forem achados em quilombo, estando voluntariamente, se lhes ponha com fogo uma marca em huma espadua com a letra F que para este feito haverá nas camaras: e se quando fôr a executar esta pena for achado já com a mesma marca, se lhe cortará uma orelha, tudo por simples mandado do Juiz de Fóra ou ordinario da terra ou do Ouvidor da Comarca sem processo algum e só pela notoriedade do facto logo que do quilombo for trazido, isso antes de entrar para a cadeia.

A Egreja, que tudo manda e tudo pode, fecha os olhos a essas tristíssimas miserias. E esquece os pobrezinho, ella que foi um manto de consolo e de piedade. Que fazem ao padre Frei José de Bolonha, capuchinho italiano que, horrorizado pela situação do negro no Brasil, ao lado delle se coloca e procura defendel-o? O arcebispo da Bahia, D. Antonio Correia, com a ajuda de D. Fernando Portugal, mette-o num veleiro e manda-o, ás pressas, logo, para o Reino, onde delle nunca mais se ouve fallar. Que allegam os padres, entre outras coisas, quando pleiteiam a transferencia da Cathedral da egreja do Rosario para sitio diferente? Allegam que o contacto com os negros está em desacordo com a dignidade da Egreja... Nos templos recusam sepultar os pretos. Consente-se, no maximo, que elles tenham uma egreja á parte...

Pobre irmão em Jesus !

Por vezes, nesse recanto bucolico do Vallongo, tão triste com a sua mercancia humana para vender, quando as noites são altas e estrelladas, lembrando os céus fundos e ardentes da Africa distante, o pobre captivo queda-se a scismar, olhando, em torno, a paizagem, que é como aquella da terra em que nasceu.

E, com lagrimas no olhar e a escorrer-lhe na voz, soturnamente canta.

E' de cortar o coração.

Das encostas vizinhas, cercando o bazar tenebroso, ha quem venha escutar a toada dolorosa, sahida de mil boccas, a litania profunda e melancholica, que morre no ar tranquillo como um canto de dôr e de saudade.

Na Historia da Colonização Portugueza no Brasil, escreve Oliveira Martins, penosamente molhando em fél a sua pena de ouro:

A philanthropia moderna tem accusado a nós, portuguezes, de inventores deste commercio de nova especie, e, a nosso ver, com fundamento. Era, porém, um crime escravizar o negro e leval-o á America ?

Lamente-se o homem que formulou tal pergunta antes de se lhe dar qualquer resposta.

A PIEDADE DO NEGREIRO

"Não raro succedia adoecerem os pretos de uma certa ulcerção por elles denominadas de makulu. Não resta a menor dúvida que a agravação e o contágio da repugnante enfermidade devia ter por origem a promiscuidade em que viviam no porão inhabitável; pois o que se sabe de sciencia certa é que em vez de curativos, logo que ella se manifestava a bordo, os padecentes eram sumariamente atirados ao mar para evitar o estrago da restante fazenda, com grande gaudio dos algozes, que riam ás soltas dos esgares das victimas, a debaterem-se nas ondas do mar cavado que os devia tragar". (REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO BRASILEIRO, pag. 542, tomo especial, parte I).

A DEFESA NACIONAL

é do Exercito

Trabalhar para ella é trabalhar
para o Exercito

MANDEM SUAS
COLLABORAÇÕES

A guerra de secessão dos Estados Unidos - A batalha de Gettsburg

Pelo Cap. JAYME GRAÇA

1.^a PARTE — OPERAÇÕES ANTES DA BATALHA

I — O PLANO DE LEE

A crescente falta de recursos dos Confederados e a necessidade do aproveitamento da victoria de Chancellorsville, conduzem LEE a querer terminar rapidamente a guerra, por meio de uma victoria decisiva.

Este general concebe então um ousado plano que, em suas linhas geraes, pode assim ser resumido: Marchar para o Norte, transpondo o Potomac e invadir a Pensylvania, até rebater-se para o Sul em direcção á capital, para então travar a batalha.

Como se vê, a manobra de LEE necessita — rapidez de execução, surpresa e segurança na marcha (onde — informações).

II — VANTAGENS E INCONVENIENTES DO PLANO

O plano que apresenta a vantagem de agir contra um exército sob um mau commando, como é o de HOOKER, tem contra si os seguintes inconvenientes:

- 1.^º — Abandono de Richmond, capital dos sulistas.
- 2.^º — Execução de uma marcha de flanco contra um exército de 100.000 homens.
- 3.^º — Travessia difficult do Potomac.
- 4.^º — Fracasso, em caso de indiscreção.

III — MEIOS A' DISPOSIÇÃO DE LEE — DECISÃO

O Exército de LEE compõe-se:

- 1.^º C. Ex. — LONGSTREET — (a 3 D. I.);
- 2.^º C. Ex. — EWELL — (a 3 D. I.);

3.^º C. Ex. — HILL — (a 3 D. I.);
 C. C. — STUART — (a 5 Bda. C.);
 2 Bda. C.;

15 Btl. Art. — (5 a cada C. Ex.).

LEE pede a DAVIES um exército tirado de Oeste, não sómente para cobrir Richmond, como para ameaçar WASHINGTON e assim atrahir para L. o exército de Hooker.

As pretenções de LEE, não tendo sido satisfeitas, prejudicarão a execução do plano.

IV — DECISÕES

As decisões do Cmt. Confederado são as seguintes:

1.^º — Cobrir inicialmente RICHMOND, com um de seus C. E. (o 3.^º — HILL) — enquanto os outros seguirão para CULPEPER.

2.^º — Dar aos C. C. STUART a missão de, inicialmente observar o RAPRAHANNOOCK.

3.^º — Levar o grosso de suas forças pelo vale SHENANDOAH até o POTOMAC que será transposto em HARPER'S FERRY.

V — EXECUÇÃO DA MARCHA DE FLANCO

Situação inicial — No dia 8 de Junho é a seguinte a situação.

— O C. Ex. HILL acha-se em FREDERICKSBURG.

— A cavalaria STUART em BRANDY STATION, mascarando o movimento.

Os federaes tendo tido um encontro com a cavalaria STUART conseguem saber qual o plano projectado por LEE. HOOKER resolve, então, atacar RICHMOND, porém LINCOLN discorda e ordena que HOOKER marche parallelamente ao exército sulista, para o norte, afim de cobrir WASHIGTON.

Avanço para o Norte — Assim os exércitos sudistas e nortistas marcham parallelamente para o norte, transponto o Potomac.

LEE, que tem já contra si a desvantagem de estar

seu plano revelado, dispersa muito seu exército, fazendo-lhe correr o risco de ser batido por partes. A 26 de Junho as retaguardas confederadas transpõem o Potomac, enquanto que a Cavallaria fica ao sul, na região de Salém.

Raid da cavallaria — STUART, impaciente e ardoroso, querendo fazer pesar séria ameaça sobre os nortistas, propõe a LEE marchar para o norte, na direcção geral de YORK, a leste dos federaes, afim de:

- reunir-se á D. I. de EARLY, flancoguarda direita do 2.^º corpo (EWELL) ;
- ameaçar directamente WASHINGTON ;
- chamar para leste o exército federal e assim facilitar o movimento confederado.

STUAR, com a acquiescencia de LEE, faz 200 Km. em 48 horas chega a YORK onde só consegue ligação com o exército sudista, nas vesperas da batalha de GETTYSBURGO.

Este máu emprego da cavallaria vae privar os secessionistas de cobertura e de informações.

Substituição de HOOKER por MEADE.

MEADE, no commando do exército federal de leste, procura concentrar immediatamente seu exército, afim de, com todos os meios, travar a batalha decisiva, tão evitada por seu antecessor.

Assim, o novo chefe constitúe tres massas :

1.^º — **a da esquerda** (REYNOLDS) tem seu grosso em EMMETSBURG coberto pela Cav. de BUFFORD. Comprehende:

1.^º **escalão** — 1.^º C. Ex. (DOUBLEDAY) ; 11 C. Ex. (HOWARD). — 2.^º **escalão** — 3.^º C. Ex. (SICKLES).

2.^º — **a do centro** — Compõe-se de: 12 C. Ex. — (SLOCUM) em torno de TANEYTOWN.

3.^º — **a da direita**: 2.^º C. Ex. (HANCOCK) ; 5.^º C. Ex. (SYKES) ; 6.^º C. Ex. (SEDGUICK), occupando a região FRIZZELBBURG, UNION-TOWN e NEW-WINDSOR.

O dispositivo geral, assim constituído a 29 de Ju-

nho, pode fazer face ao norte e a oeste, permittindo, de outro lado, a cobertura de WASHINGTON.

Ainda a 29, REYNOLD, commandante do grupamento da esquerda, recebe ordem de attingir GETTYSBURG, a 30, e reconhecer si este ponto poderia convir para a concentração do exército federal.

car
d-

Situação dos confederados.

Enquanto MEADE consegue reunir suas fôrças para travar a batalha, o exército de LEE mal reabastecido e disperso, acha-se, na seguinte situação:

2.º C. Ex. — (EWELL) em HARRYSBURG;

1.º C. Ex. — (LONGSTREET) em CHAMBERSBURG.

3.º C. Ex. — (HILL) em CHAMBERSBURG.

Cav. — (STUART) sem ligação.

Ante uma situação tão difficult, decidindo acertadamente retirar os 1.º e 3.º C. Ex. das montanhas, afim de concentrar o exército, LEE acha-se indeciso quanto á actuação do 2.º C. Ex. (EWELL), o qual recebe ordem de "...caso não fôsse de opinião contraria, lançar-se sobre HEIDLERSBURG, de onde seguiria ou para GETTYSBURG ou para CASHTOWN, tudo isto si ainda não estivesse engajado".

A ordem de LEE revela claramente indecisão e falta de autoridade, deixando a acção á livre escolha de seu subordinado, quando deveria sem hesitação determinar a tomada immediata do importante nó de communicações que é GETTYSBURGO.

Situação no dia 29.

Exército Sul:

1.º C. Ex. — LONGSTREET em CHAMBERSBURG.

3.º C. Ex. — HILL em CASHTOWN.

2.º C. Ex. — EWELL.

— As D. I. RODES e EARLY em marcha para CASHTOWN.

— A D. I. JOHNSON na estrada de CHAMBERSBURG.

Exército Norte:

A D. C. BUFFORD ocupa GETTYSBURG sem roda de tempo enquanto o 3.^º C. Ex. lança-se sobre aquella cidade.

2.^a PARTE — A BATALHA

Comporta, a batalha, quatro phases, correspondentes aos quatro dias de sua duração.

a) — 1.^a PHASE — DIA 30 DE JUNHO

A Bda. PETTIGREW, Vg do 3.^º C. Ex. (HILL) lançando-se sobre GETTYSBURG choca-se contra a D. C. BUFFORD.

Enquanto HILL resolve atacar GETTYSBURG, MEADE com seus 1.^º e 11.^º C. Ex. atinge aquella cidade.

E' assim movimentada toda a massa esquerda (exército REYNOLD).

b) — 2.^a PHASE — 1.^º DE JULHO

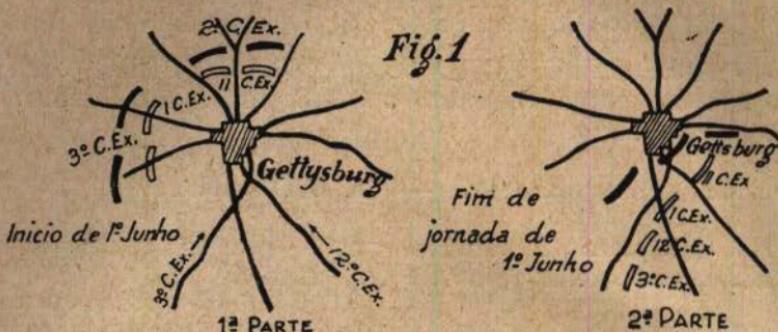
A segunda phase é caracterizada pelas accções não sómente a L. de GETTUSBURG, como na vespere, como tambem a N. desta cidade.

A L. a D. I. HELTH, do 3.^º C. Ex. (HILL), procura recalcar a D. C. BUFFORD, porém esta é substituída pelo 1.^º C. Ex. (DOUBLEDAY), que contra-ataca.

A N. entra em accão o 2.^º C. Ex. confederado, ameaça o fl. direito federal; REYNOLD'S para o N., emprega o 11 C. Ex., o qual é atacado violentamente pelos confederados, o 11.^º C. Ex. cede ante a pressão das D. I. RHODES e EARLY do corpo EWELL.

O recuo do 11.^º C. Ex. compromette o flanco di-

reito federal. O exército nortista recua. **GETTYSBURG** é tomada pelos confederados.



A jornada é favorável aos confederados, porém MEADE sómente engajou dois exércitos e dispõe ainda de muitos meios.

c) — 3.^a PHASE — 2 DE JULHO

Embora não tenha reunido todos os meios, os federaes são reforçados e encontram-se inicialmente na seguinte situação:

11 C. Ex. — posições de vespere (CEMETARY HILL).

Os 1.^º, 12.^º, e 3.^º corpos extendem-se de N. a S., juxtapostos. Os 2.^º e 5.^º exército acham-se em marcha.

Com a chegada de novos reforços, MEADE reorganiza suas fôrças:

A' direita o 12.^º C. Ex. em CULPS HILL; um pouco ao N., e á esquerda, o 11.^º C. Ex. em CEMETARY HILL, á esquerda deste o 1.^º C. Ex., ao sul do qual fica o 2.^º C. Ex. que, acabando de chegar, colloca-se entre o 1.^º e o 3.^º C. Ex., que forma o flanco esquerdo. O 5.^º C. Ex. constitue a reserva geral em ROCK CREEK.

Do lado sudista LEE tem o 1.^º C. Ex. (LONG-STRETT) no flanco direito, o 2.^º C. Ex. (HILL) no centro e o 3.^º corpo (EWELL) á esquerda, com a D. I. JOHNSON protegendo o flanco.

O plano de LEE consiste em efectuar dois ataques um em cada flanco do adversario, antes que MEADE consiga reunir todas as suas forças. O ataque principal será realizado por LONGSTREET que envolverá o flanco esquerdo do adversario e reabaster-se-ha para L. Após esta operação EWELL atacará o flanco direito vigorosamente (fig. 3).

LONGSTREET, embora tenha recebido a missão principal, é de opinião que, sendo os confederados em menor numero, devem manter-se na defensiva. E' um erro de LEE confiar a missão principal ao commandante do 1.^º C. Ex..

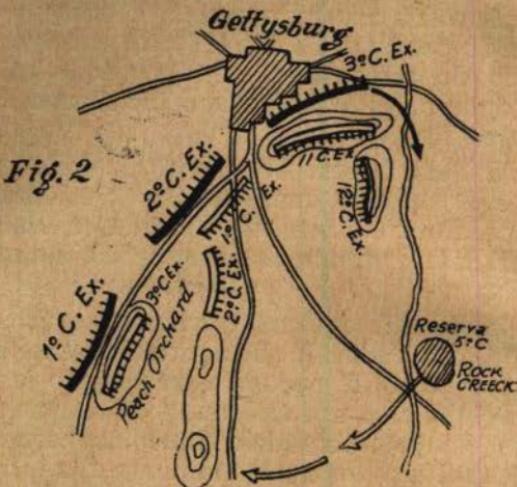
LONGSTREET, embora tardivamente ás 16 horas, ataca o 3.^º C. Ex. federal, que contrariamente ás ordens recebidas por MEADE, occupa uma posição em PEACH ORCHARD, que faz um saliente. Este corpo federal é recalcado, compromettendo o flanco esquerdo nortista, porém MEADE decide acertadamente fazer intervir a reserva (5.^º corpo) o qual destaca uma Bda., que contém o ataque confederado e evita as consequencias de um envolvimento.

Uma renovação do ataque do 1.^º corpo confederado consegue recalcar definitivamente o 3.^º corpo federal, que foge em desordem abrindo séria brecha no dispositivo nortista. MEADE, sem perda de tempo, emprega o 5.^º corpo (reserva) e retira do flanco direito as reservas do 1.^º e 12.^º C. Ex. O ataque de LONGSTREET, pouco vigoroso, é detido.

A occasião mostra-se, contudo, favoravel á accão immediata do 3.^º Corpo no flanco federal já desfalcado com a retirada de duas divisões. EWELL entretanto só para as 17 horas inicia sua offensiva; a divisão JOHNSON, mal apoiada pela Artilharia, é rechassada, soffrendo sérias perdas.

A jornada de 2 de Julho foi desastrosa para os sudistas: — O ataque de LONGSTREET foi moroso e embora tenha obtido successo, não foi este aproveitado pelo 2.^º corpo que poderia investir favoravelmente contra o centro inimigo. De outro lado, o corpo

EWELL não soube aproveitar-se do momento opportuno para atacar os federaes.



Em summa: — A acção de LEE foi morosa e os ataques foram mal coordenados.

d) — 4.^a PHASE — 3 DE JULHO

Tendo chegado a cavallaria STUART e a divisão PICKLETT do corpo LONGSTREET, LEE resolve retomar a offensiva procurando a ruptura do centro federal.

Assim fica decidido que á divisão recem-chegada caberia a acção principal enquanto a cavallaria STUART procuraria o envolvimento do flanco esquerdo adversario.

MEADE, presentindo a idéia de seu adversario, resolve reagrupar suas fôrças, afim de enfrentar a situação.

Pela manhã o flanco esquerdo sudista (EWELL) inicia o ataque; como na vespera, a divisão JOHNSON, mal apoiada pela Artilharia, cede terreno ante a violenta reacção do 12.^º corpo federal. Assim, o ataque ainda não havia começado á direita, e já a esquerda confederada estava inteiramente fracassada.

LONGSTRRET, novamente partidario da defensiva, não transmite a PICKETT a ordem de atacar o centro federal. A Artilharia prepara o ataque porém a infantaria não se desprega de suas posições; finalmente, tendo tido acquiescencia do commandante do 1.^º corpo, para lançar-se á offensiva PICKETT ataca mas é forçado a recuar.

Equalmente STUART é detido pelas retaguardas nortistas.

MEADE, procura explorar o successo, lançando-se ao contra-ataque, este porém não vae além de PEACH ORCHARD por já se acharem os federaes muito fatigados.

LEE, apôs soffrer a perda de cerca de 23.000 homens, retira a 4 de manhã, protegido por torrencial chuva.

MEADE emprega o 6.^º corpo (SEDGWICK), até então intacto, em perseguição a LEE, mas as retaguardas sudistas limitam a accão do 6.^º corpo federal.

LEE consegue transpôr o POTOMAC e retirar-se para o sul pelo vale do SHENANDOAH.

3.^a PARTE — ENSINAMENTOS

A batalha de GETTYSBURGO vem reforçar os seguintes ensinamentos:

1.^º — O mais fraco deve tomar a offensiva imediata — Realmente, dispondo de maior effectivo e menores recursos que o norte, o sul deveria effectuar a offensiva antes dos federaes conseguirem reunir todos os seus meios.

Assim, Napoleão, em 1805, endo uma colligação de paizes contra si, decide bater imediatamente os austriacos antes que os russos intervenham na lucta. Dessa forma o successo da capitulação de Mach, em Ulm, vem concorrer para a formidavel victoria de Austerlitz. Equalmente, em 1806, tendo deante de si os Prussos, NAPOLEÃO bate-os antes que os Russos se lhes reúnam.

O mais fraco deve então bater o inimigo antes que este reúna todos os seus meios.

Como bater, porém? — Para isto:

2.º — Reunir todos os meios para travar a batalha.

— Do lado federal MEADE consegue a tempo reunir todas as suas fôrças para correr á batalha. LEE, do lado sudista, disperso e com falta de recursos, cantando com menor effectivo difficilmente poderia bater seu adversario.

3.º — A batalha não sómente deve ser preparada, como conduzida. Napoleão, conduzindo as batalhas e obtendo os estrondosos successos de Montenotte, Austerlitz, Yena, Bautzen, etc., quebra a velha theoria de Moltke de preparar a batalha e deixar a execução á propria sorte.

A manobra do Marne, em 1914, é exemplo de batalha excellentemente conduzida por Joffre.

Em GETTYSBURG, enquanto MEADE, intervem, acertadamente, na batalha, ora deslocando fôrças de um para outro flanco, ora empregando correctamente a reserva, LEE falha inteiramente na execução, deixando que LONGSTRRET aja morosamente e sem coordenação com os demais corpos.

A escravidão dos Índios

Legalmente era prohibida a escravidão do indio. Prohibida porque, de outra forma, o altivo selvícola nunca se submetteria ao colonizador que usurpára sua terra e seus bens. O indio reagia, morria luctando, matava, assassinava, fugia, suicidava-se, mas, de forma alguma se deixava escravizar. Attendendo a essa circunstancia, S. M. El-Rei de Portugal, desde 1680 fizéra publicar a lei do 1.º de Abril que abolia a escravidão do gentio e dava providencias sobre as missões. No entanto, a escravidão dos pretos só foi abolida 208 annos depois !

SECÇÃO DE TACTICA GERAL

Redactor : ALUIZIO DE M. MENDES

Protecção contra os gases-Todas as armas

Pelo Cap. Carlos Proença Gomes Sobrinho

Nota da Redacção. — Por solicitação do Cap. João Baptista de Mattos, nosso presado camarada de redacção, o autor — Cap. Carlos Proença Gomes Sobrinho — escreveu as interessantes notas que ora damos á publicidade.

Dizer algo sobre a utilidade da publicação e autoridade do autor, é perfeitamente desnecessario, por ser este sobejamente conhecido e aquella por demais opportuna.

OBJECTIVOS A ATTINGIR

I — Introduzir nos homens a necessidade e a importancia da protecção contra gazes.

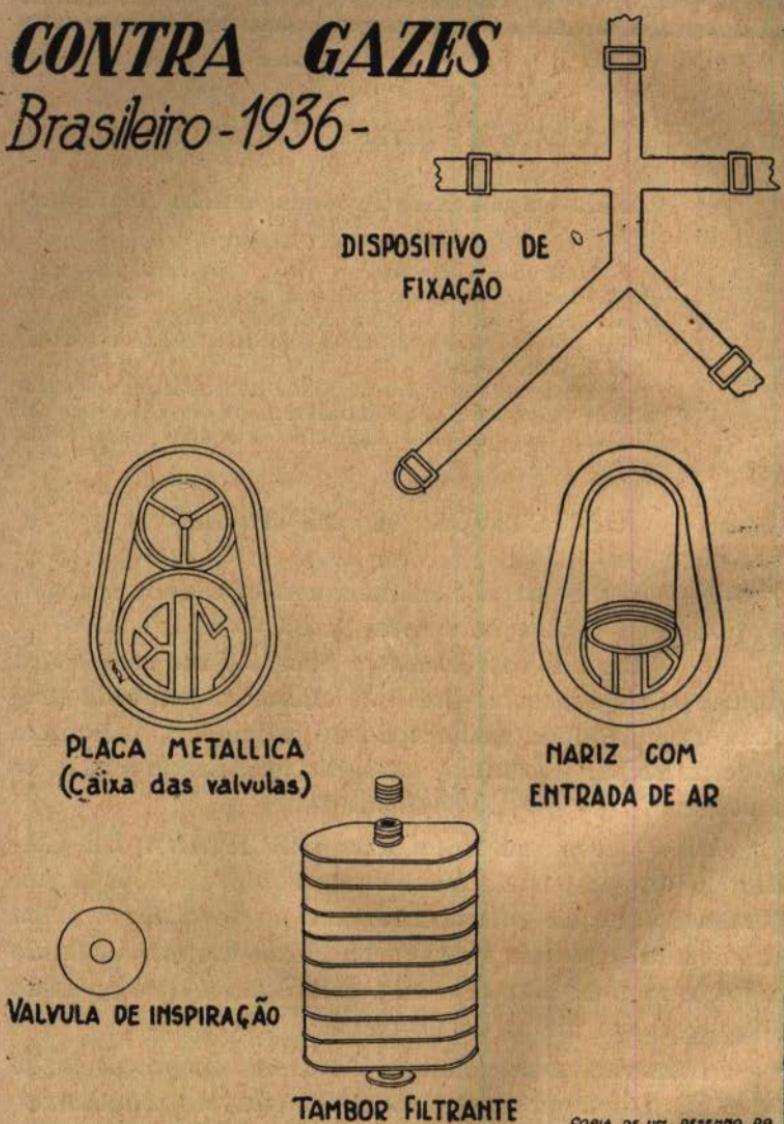
II — Ensinar os recrutas a bem utilizar a mascara contra gazes e mostrar-lhes que embora a marcara produza uma pequena diminuição de efficiencia, o homem pôde trabalhar e produzir trabalho, utilizando-a cara se proteger.

III — Crear na tropa uma DISCIPLINA DE GAZES, o que importa dizer, fazer comprehendender a importancia que na guerra moderna se deve dar á arma chimica, dentro dos seus verdadeiros limites, devendo todos os homens conhecer as possibilidades de aggressão e os efficazes meios de protecção.

Nada valerá possuir optimos meios de protecção se elles não forem postos em contribuição por tropas treinadas e se ellas não possuirem uma vontade ferrea de resistir a toda a aggressão.

CONTRA GAZES

Brasileiro - 1936-



CÓPIA DE UM DESENHO DO
CAP. HEWTON SIQUEIRA
7º BC - JULHO 1937

Dahi a necessidade de fazer com que os homens conheçam e se habituem a usar os meios de protecção contra os aggressivos chimicos, para evitar graves e mortaes perigos no momento opportuno e fazer com que a aggressão chimica perca uma bôa parte do seu valor.

CONCLUSÃO:

- conhecer os meios de aggressão e seu valor;
- saber empregar os meios de protecção e estar treinado no seu emprego para **poder agir e ser efficiente**, embora utilizando-os;
- moral levantada — o grande factor da victoria.

IV — Dar aos homens as noções mais necessarias sobre a protecção collectiva, os apparelhos e roupas especiaes de protecção contra gazes, a protecção dos animaes.

M E T H O D O

A INSTRUCCÃO DE PROTECÇÃO CONTRA GAZES E' ESSENCIALMENTE PRATICA

Serão ministrados alguns conhecimentos theoricos que mostrarão os perigos a que está sujeita não só a tropa, como a populaçao civil, se não conhecer ou se houver negligencia na utilização dos meios de protecção. Estes ensinamentos theoricos têm como objectivo alertar a attenção dos recrutas para as instrucções praticas a realizar.

Desde a primeira entrada na camara de gaz para prova da vedação da mascara e sua distribuição, todos os exercicios no exterior (marchas, estacionamento e combate) serão por alguns minutos realizados com o

emprego dos meios de protecção individual. Pela utilização diaria da sua mascara contra gazes o homem creará confiança nella, ficará convencido que trazel-a não importa em perda de efficacia e nelle surgirá, como um reflexo, a necessidade de proteger-se contra a agressão chimica.

PLANO DE INSTRUÇÃO

Assumpto a ensinar:	Tempo consagrado	Ficha N. ^º
Guerra chimica — noções geraes sobre os principaes aggressivos	0 h 30	1
Protecção individual — mascara contra gazes	0 h 45	2
Mascara contra gazes mod. 1935 e modelo 1937 — collocação da mascara	0 h 45	3
Conservação, limpeza e cuidados com a mascara	0 h 30	4
Frova de vedação — primeira entrada em uma camara de gaz	0 h 45	5
Collocação rapida da mascara e segunda entrada numa camara de gaz	0 h 30	6
Diversos processos de aggressão chimica — signaes de alerta	0 h 30	7
Substituição de filtros — falar e entender com a mascara em posição de protecção	0 h 45	8
Protecção individual contra a yperita	0 h 30	9

Protecção individual contra o oxydo de carbono	0 h 30	10
Vestimentas especiaes de protecção	0 h 30	11
Apparelho isolante — identificador de gazes mod. FMCG ..	1 h 00	12
Abrigos contra gazes	1 h 00	13
Desimpregnação do terreno e de objectos attingidos pelos aggressivos	1 h 00	14
Escolha e treinamento dos esclarezedores "Z" da sub-unidade	1 h 0	15

Fichario dos instructores**Protecção contra gazes**Ficha N.^o 1**GUERRA CHIMICA — NOÇÕES GERAES SOBRE OS PRINCIPAES AGGRESSIVOS**

Organização da instrucção — Local: sala ou alojamento.

Desenvolvimento e methodo particular da instrucção — A guerra chimica é prohibida por varios tratados e conferencias internacionaes, dos quaes o Brasil é signatario.

— Os casos concretos da guerra mundial de 1914-1918 e da guerra italo-abyssinia de 1936, a orientação dos estudos e pesquisas que no momento actual empolgam todos os paizes, permittem-nos a suspeita de que estes tratados não serão respeitados em uma futura

guerra. O Brasil, embora cumpridor da palavra empenhada, deve reservar-se o direito de proceder a resposta.

Devemos, pois, todos os BRASILEIROS, **aprender** a nos proteger.

Numa futura guerra o avanço da sciencia e da aviação faz suppôr um perigo extremo não só para os combatentes, como tambem e principalmente para a população civil.

Por isso, incutir nos recrutas a necessidade de aprender com attenção os meios de se proteger e de levar para a vida civil, quando desincorporar, os ensinamentos necessarios á protecção da sua familia e dos seus contra essa arma cruel que é a arma chimica.

QUE SÃO OS GAZES DE GUERRA ?

São substancias chimicas:

- liquidas, como por exemplo a yperita;
 - solidas, como as arsinas;
 - gazozas, propriamente, como por exemplo o chloro, oxydo de carbono, etc.,
- que têm effeitos nocivos sobre o organismo.

QUAES SÃO OS EFFEITOS DOS GAZES SOBRE O ORGANISMO ?

Os gases são classificados segundo a natureza de seus effeitos em:

a) **SUFFOCANTES** — lesão nas vias respiratorias; podem determinar a asphyxia e morte. Exemplo: Chloro.

b) **VÉSICANTES** — queimaduras; atacam prin-

cipalmente as mucosas: boccas, olhos, vias respiratorias, partes pudendas. Exemplo: Yperita.

c) IRRITANTES — provocam lagrimas, espirros, tosses, vomitos. Uma pessoa que soffre a accão de um gaz irritante não supporta a mascara. Exemplo: Ar-sinas.

d) TOXICOS GERAES — envenenamento do organismo por intermedio do sangue. Exemplo: Oxydo de carbono.

DURAÇÃO DOS EFFEITOS DOS GAZES

Os gазes empregados na guerra são geralmente mais densos que o ar.

O oxydo de carbono é, entretanto, mais leve e só é perigoso nos logares não ventilados. Até hoje não foi possivel empregal-os como gaz de guerra. E' um gaz insidioso, incolor, inodoro e seus effeitos apparecem com retardo.

A duração dos effeitos dos gазes depende:

- 1.^º — da fórmula do terreno (temer as baixadas);
- 2.^º — das condições atmosphericas;
- 3.^º — da natureza do gaz, que pôde ser:
 - fugaz (diffunde-se rapidamente). Exemplo: Chloro;
 - persistente: a yperita, por exemplo, cujos effeitos podem ser sentidos até 15 dias depois de sua dispersão.

CONCLUSÃO:

I — A guerra chimica pode ser um grande factor de sucesso, sendo bem utilizada, contra um inimigo que em tempo de paz não se instruiu convenientemente.

II — E' ponto vital para a tropa e para a população civil conhecer os meios de protecção e saber empregal-os.

Antes de terminar a instrucção, fazer algumas perguntas para verificar até que ponto os homens appreenderam o assumpto tratado.

Fichario dos instructores

Protecção contra

gazes

Ficha n.^o 2

PROTECÇÃO INDIVIDUAL — MASCARA CONTRA GAZES

ORGANIZAÇÃO DE INSTRUCCÃO:

Local: Sala ou alojamento.

Pessoal: Instructor e 1 monitor por Grupo de combate ou Peça.

Material: Mascara contra gazes do modelo distribuido á unidade, apparelho isolante, vestimentas especiaes de protecção em um cabide ou mesa; quadro mural com desenho de um córte da mascara contra gazes e do apparelho filtrante.

Cada homem traz a sua mascara.

DESENVOLVIMENTO E METHODO PARTICULAR DA INSTRUCCÃO

Primeira parte:

Explicar o que se comprehende por protecção individual:

Emprego dos apparelhos ou das vestimentas especiaes de protecção homem por homem.

Mostrar esse material.

Os apparelhos de protecção individual são divididos em 2 grupos:

- Apparelho filtrante (mascara contra gazes);
- Apparelho isolante (apparelho "Draeger").

Explicar as diferenças entre esses dois typos:

- typo filtrante: o ar respirado é o ar ambiente purificado pela passagem no filtro, que retém o gaz;
- typo isolante: o ar respirado é creado no interior do apparelho por um reservatorio de oxygenio comprimido; não ha nenhum contacto entre o ar respirado e a atmosphera exterior. O acido carbonico desprendido na respiração é destruido por uma reacção chimica no interior do aparelho.

CONDIÇÃO DE EMPREGO

Segunda parte:

Mostrar a mascara contra gazes aos homens, descrevendo-a e explicando o seu emprego.

O instructor deve frizar os seguintes pontos:

— a mascara contra gazes é um apparelho filtrante e é constituida por 5 partes: **mascara, tambor filtrando, trachéa, bolsa e accessorios.**

Descrever rapidamente, sem detalhes, as diversas partes:

Mascara:

(Parte facial).

- Protege os olhos e as vias respiratorias.
- Oculos de vidro inestilhaçável, que embora soffrendo um choque mantêm a vedação da mascara.

Placa metalica:

Destinada a supportar as valvulas de inspiração e expiração, que permitem respectivamente, inspirar somente o ar do tambor filtrante e aspirar directamente para o exterior sem que passe pelo tambor filtrante, o que augmentaria o esforço de expiração e reduziria o tempo de duração do tambor filtrante.

Mostrar no quadro mural, o circuito do ar na mascara contra gazes.

Tambor filtrante:

Destinado a filtrar as substancias nocivas do ar;

— duração variavel segundo a concentração do gaz: de 1 a 15 horas;

— facil de trocar, desatarrachando uma rosca..

E' tambem distribuido um filtro pintado de preto que só serve para instrucção ao ar livre — destina-se exclusivamente a tomar a respiração do homem.

Trachéa:

Destinada a conduzir o ar do filtro á mascara.

Por fim mostrar a bolsa com as suas divisões, o vidro sobresalente e o bastão anti-bafo, explicando o uso deste ultimo.

No final da instrucção fazer perguntas como abaixo:

— Que é protecção individual?

— Quaes são os dois principaes typos de apparelhos de protecção individual?

— Qual é a diferença entre elles?

— Quaes são as principaes partes da mascara?

— Mostre qual é o circuito de ar na mascara.

— Para que serve o filtro ?

Etc..

Fichario dos instructores**Protecção contra
gazes**

Ficha n.º 3

**MASCARA CONTRA GAZES MOD. 1935 E MOD.
1937 — COLLOCAÇÃO DA MASCARA****Organização da instrução.**

Pessoal: Instructor e o maior numero possivel de monitores.

Material: Mascara contra gazes mod. 1935 e mod. 1937 e cada homem com sua mascara.

**DESENVOLVIMENTO E METHODO PARTICULAR
DA INSTRUÇÃO****Primeira parte.**

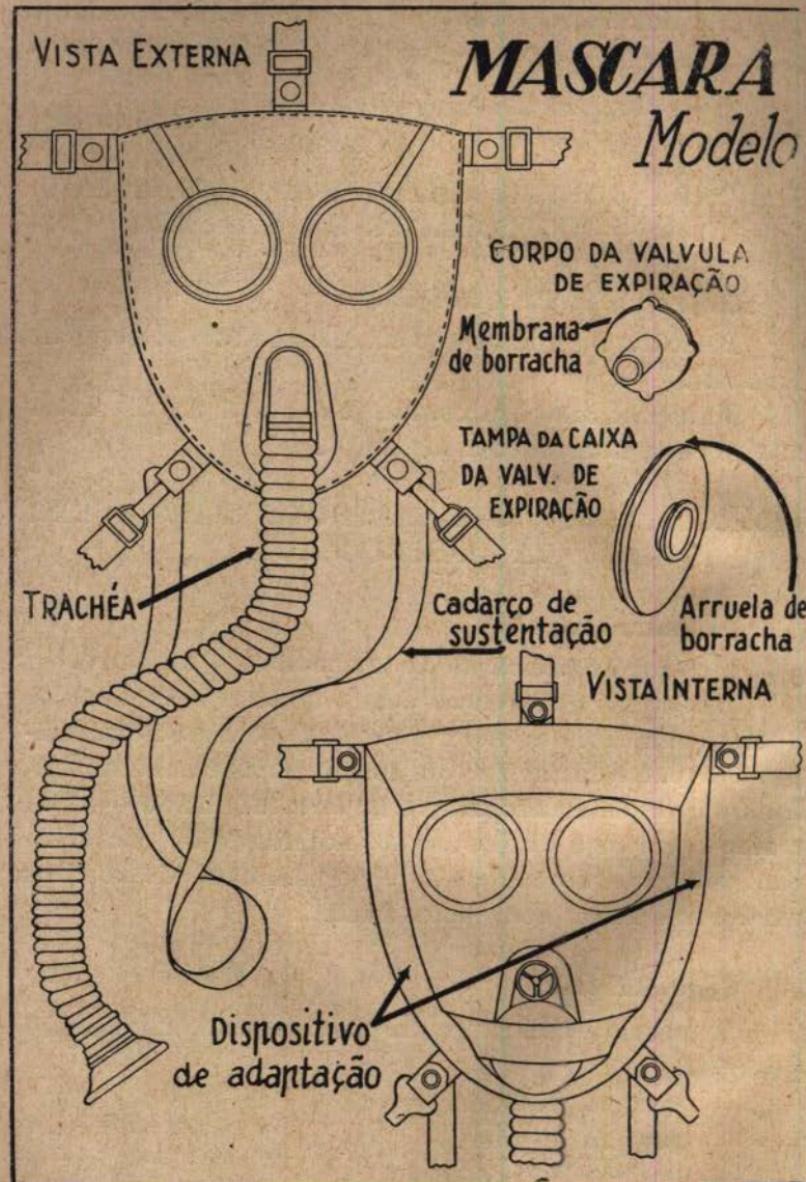
Mostrar as mascaras de um modelo e de outro.

Indicar as diferenças dos 2 modelos e explicar os aperfeiçoamentos do mod. 1937 sobre o 1935: o principal é a parte facial ser um lençól de borracha substituindo a vaqueta chromada e impermeabilizada — dahi maior segurança de protecção, facilidade de conservação, reducção de cuidados e possibilidade de reparos em furos e rasgões da parte facial.

Segunda parte.

A mascara contra gazes pode ser conduzida em 3 posições:

- posição de transporte;
- posição de alerta;
- posição de protecção.



Dizer como e porque usar a mascara nestas posições e ao mesmo tempo mostral-as correctamente realizadas por 3 monitores.

Para a collocação da mascara em todas as posições de uso e nas situações em que o homem pode estar, cingir-se ás "INSTRUÇÕES PROVISORIAS PARA O USO DA MASCARA CONTRA GAZES".

Os homens irão executando as phases da instrucção e os monitores velarão pela sua perfeita execução, dando-lhes os necessarios conselhos.

Não exigir rapidez de collocação e sim a mais perfeita execução das phases e movimentos.

E' ERRADO:

- Retirar a mascara da bolsa segurando-a e puxando-a por outro logar que não a placa metallica;
- na posição de alerta, deixar que os oculos fiquem encostados ao peito;
- não ter ambas as mãos livres para a collocação ou retirada da mascara;
- colocar a mascara com os tirantes mal distribuidos na cabeça ou com elles mal ajustados;
- estar o homem com o cabello comprido ou despenteadoo.

Para que os homens fiquem convencidos dos erros acima, o instructor provocará taes faltas na collocação da mascara em um monitor e mostrará as consequencias destes erros.

Para provar a vedação da mascara, realizar o que determinam as "INSTRUÇÕES PROVISORIAS PARA O USO DA MASCARA CONTRA GAZES".

Fichario dos instrutores

**Protecção contra
gazes**
Ficha n.º 4

CONSERVAÇÃO, LIMPEZA E CUIDADOS COM A MASCARA

OBJECTIVOS DA INSTRUCCÃO

Dar aos homens a noção nitida de que a mascara é o unico meio de que dispõem para se proteger contra os gazes e assim sendo, ella deve ser cuidada com um carinho extremado.

O homem deve ter pela MASCARA o mesmo amor que tem pelo armamento e pela ferramenta de sapa, procurando pelo conservação e pelos cuidados, mantel-a em perfeito estado.

ORGANIZAÇÃO DA INSTRUCCÃO

Local: Sala.

Pessoal: Instructor e o maior numero possivel de monitores.

Material: Cada homem com sua mascara e material de limpeza e conservação, que varia segundo o modelo de mascara distribuido — mod. 1935: graxa de calçado, pomada impermeabilizante, panno secco e limpo — mod. 1937: panno secco e limpo, sómente.

DESENVOLVIMENTO E METHODO PARTICULAR DA INSTRUCCÃO

O instructor deve frizar os seguintes pontos:

Para o mod. 1935: (parte facial de couro chromado).

Conservação:

- As mascaras devem ser guardadas em armarios, penduradas pelo dispositivo de fixação, ao abrigo da humidade e se possível da luz;
- nas bolsas as mascaras não devem ficar com dobras desnecessarias;
- quando a mascara fôr usada ou apanhar chuva, guardal-a sómente depois de bem secca — e para seccar não expol-a ao calor do fogo ou ao sol;
- para manter o couro sempre macio, passar uma vez por mez uma leve camada de pomada de calçado ou oleo de linhaça na parte facial **externa**;
- quando a camada impermeabilizante da parte facial **interna** estiver se soltando em pequenas escamas ou tiver tomado um aspecto vitreo, passar uma camada de pomada impermeabilizante, ou, na falta desta, oleo de linhaça quente.

Limpeza:

- Limpar os oculos com um panno secco e limpo;
- tirar a poeira com cuidado;
- **E' expressamente prohibido desmontar as valvulas e os oculos.**

Cuidados:

- Em campanha ou em exercicio não deixar a mascara, embora dentro da bolsa, no chão ou exposta ao tempo;
- não collocar dentro da bolsa outro objecto qualquer;
- os vidros, a séde e o apertador dos oculos são partes relativamente delicadas, por tanto não deixar

a mascara cahir no chão, nem sobre ella collocar objectos pesados, o que pode prejudicar a sua vedação;

— a trachéa deve merecer cuidados especiaes, não ficando com dobras forçadas dentro da bolsa, e quando em uso, não roçar no chão;

— o filtro fica inutilizado com a humidade, portanto só retirar os bojões das aberturas quando necessário;

— os filtros exgotados ou que tenham, accidentalmente sido molhados, devem ser substituidos.

Para o MOD. 1937 (parte facial de borracha revestida de tecido).

— Armazenamento em logar fresco, ventilado e ao abrigo da luz, passando-se na parte **interna** uma camada de talco.

Limpeza:

— A limpeza é feita sómente com um panno secco e limpo.

Cuidados:

— Com a parte facial de boracha desapparecem a impermeabilização e os cuidados exigidos pelo couro no mod. 1935.

No mais, tudo deve cingir-se ao determinado para o mod. 1935.

Fichario dos instructores

**Protecção contra
gazes**

Ficha n.^o 5

PROVA DE VEDAÇÃO — PRIMEIRA ENTRADA EM UMA CAMARA DE GAZ

OBJECTIVOS

- Verificar a vedação da mascara, quer pela escolha adequada do seu tamanho, quer pela sua perfeita collocação;
- concorrer para crear a confiança na mascara e na habilidade em collocá-la;
- distribuição definitiva das mascaras aos homens.

ORGANIZAÇÃO

Local: Camara de gaz ou, na falta desta, uma sala ou outro compartimento de quartel com abertura para o exterior. Não ha necessidade que seja hermeticamente fechada.

Pessoal: Instructor, 1 monitor por turma de entrada e o furriel da unidade.

Material: Cada homem com a sua mascara. Ampolas de lacrimogeneo (pedidas á F. M. C. G. de acordo com a cubagem da camara).

DESENVOLVIMENTO E MÉTODO PARTICULAR DA INSTRUÇÃO

Primeira parte: AO AR LIVRE.

- Dividir os homens em turmas de entrada na camara de gaz (e às turmas variarão de efectivo de acordo com a superficie da camara. No maximo 2 homens do metro quadrado);

— ligeira revisão da collocação da mascara (verificar se as mascaras estão ajustadas á conformação das cabeças dos homens e se forem collocadas correctamente).

Segunda parte: NA CAMARA DE GAZ.

— Entrada successiva das turmas e permanencia de 5 minuto;

— realizar movimentos bruscos com a cabeça para os lados, para a frente e para traz, afim de verificar a perfeita e permanente vedação da mascara;

— sahida immediata dos homens que sentirem fortemente a acção do gaz.

Terceira parte: AO AR LIVRE.

— Ao sahir da camara de gaz os homens afastam-se uns dos outros, conservam as mascaras collocadas e sacodem o uniforme, no proprio corpo, batendo-o com as mãos para facilitar a desimpregnação do gaz;

— todos que sentirem a acção do gaz formam em turma separada para posterior verificação da collocação da mascara;

— os que nada sentiram formam em uma fileira com 1 passo de intervallo, mascaras collocadas;

— retiradas as mascaras á voz de commando;

— distribuição definitiva das mascaras (organização das relações de carga individual).

Fichario dos instructores

Protecção contra

gazes

Ficha n.º 6

COLLOCAÇÃO RAPIDA DA MASCARA E SEGUNDA ENTRADA EM UM ACAMARA DE GAZ

ORGANIZAÇÃO

Local: Camara de gaz.

Pessoal: Instructor e 1 monitor por turma (turmas organizadas de acordo com a Ficha n.º 5).

Material: Cada homem com a sua mascara. Ampolas de lacrimogeneo.

DESENVOLVIMENTO E MÉTODO PARTICULAR DA INSTRUÇÃO

Explicar aos homens que esta instrução tem por fim treinalos de modo que possam proteger-se, com a mascara, de um ataque subito de gазes.

Primeira parte: AO AR LIVRE.

MASCARA NA POSIÇÃO DE "ALERTA"

Ao signal de gaz, fechar os olhos, expirar, sustar a respiração e colocar a mascara em posição de protecção. Inspirar e abrir os olhos.

MASCARA NA POSIÇÃO DE "TRANSPORTE"

Mesmo exercicio.

Segunda Parte: A CAMARA DE GAZ.

Os homens entram na camara por turmas, primeiro com a mascara em posição de "alerta" e depois em posição de "transporte". Fazer explodir uma ampola. Quando os homens sentem o gaz fecham os olhos, sustam

a respiração e collocam a mascara em posição de protecção.

Fazer o mesmo, encontrando a atmosphera já vi-ciada.

Fichario dos instructores

Protecção contra gazes

DIVERSOS PROCESSOS DE AGGRESSÃO CHIMICA. SIGNAES DE ALERTA

ORGANIZAÇÃO

Local: Sala.

DESENVOLVIMENTO E METHODO PARTICULAR DA INSTRUÇÃO

Explicar as varias modalidades de aggressão chimica:

- 1) Bombardeios por projecteis toxicos (canhões e morteiros);
- 2) Bombas de aviação;
- 3) Bombardeios por projectores (projector é um morteiro destinado exclusivamente á aggressão chimica);
- 4) emissão de vagas (utilizando botijões de aço que contém o aggressivo chimico a alta pressão);
- 5) Granada de mão;
- 6) Infecção do terreno (na retaguarda do inimigo antes delle recuar, ou estabelecendo uma rête chimica defensiva quando a intensão do chefe é manter-se na defensiva).

Os bombardeios e as emissões só são realizadas com bom tempo e com vento de velocidade e direcção favoráveis. Os bombardeios, em regra geral, só são realizados pela madrugada ou ao escurecer.

SIGNAES DE ALERTA

1) Para uma columna em marcha (com cornetas):

ALERTA — Série de 3 piques;

FIM DE ALERTA — Série de 3 sons longos.

2) Em periodo de estabilisação:

Alerta em uma região determinada — SIGNAES DE CAMPAINHAS E SINOS.

Propagação de alerta de posto para posto — SIRENES, SINOS, FOGUETES e outros conforme convenção.

"Pode-se dizer que o trafico se fez o grande negócio do tempo, com a connivencia primeiro, e depois com a permissão explicita e o apoio de todos os governos. A competição mais forte dava-se entre especuladores da França, da Inglaterra, de Portugal e da Hollanda".

(ROCHA POMBO — Historia do Brasil, pag. 82).

O Sistema Nervoso e a Educação

O problema maximo em educação — diz W. James nas suas PALESTRAS PEDAGOGICAS — consiste em fazermos de nosso sistema nervoso um aliado e não um inimigo. Para isto devemos tornar automaticas e-habituaes, tão cedo quanto pudermos, o maior numero possivel de accções uteis.

Eis algumas regras para obter-se essa finalidade:

1.^º — Quando se tratar de adquirir um habito novo ou quando se tratar do abandono dum habito antigo, ter sempre o cuidado de lançar-se para a frente com a mais forte e decidida de todas as iniciativas.

2.^º — Não admitta nem tolere que uma só exceção se produza antes que o habito novo esteja segura e certamente enraizado na tua vida.

3.^º — Tome o mais cedo possivel a primeira occasião que se apresente para agir conformemente a cada resolução que tenha formado e a cada impulsão emocional que tenha experimentado, tendente para os habitos que deseje firmar.

4.^a — Mantenha em ti a **faculdade do esforço** fazendo em cada dia um pouco de exercicio desinteressado.

ALERTA!

Um jornal allemão cujo nome em protuguez é — "Correspondencia Diplomatica" — orgão oficial do Ministerio das Relações Exteriores do Reich, ousou cynicamente ameaçar o BRASIL e seu governo por causa das medidas, em bôa hora adoptadas, restritivas das actividades politicas de "estrangeiros" dentro do território nacional.

O clamor já se fez sentir e a reacção da opinião publica americana foi maxma. Nós, os responsaveis pela defesa nacional, registramos o facto e jámais olvidaremos a bufonica ameaça.

SEÇÃO DE CAVALLARIA

Redactor: PAIVA CHAVES

Serviço de Campanha

Pelo Cap. LELIO R. MIRANDA

Em 1936-37 o Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos da 3.^a Região previsto no Regulamento da Escola de Armas, funcionou no Regimento em que então servia — o 9.^º.

Designado seu instructor tive a colaboração preciosa de tres officiaes jovens e promissores: os tenentes Decio de Assis Brasil, Nelson Maurell Salgado e Aldo Oleques Martins.

Assim, nada obstante accumularmos outras funcções, foi possível organizar uma documentação mais ou menos completa da instrucção ministrada.

Animado agora pelos camaradas da "Defesa", notadamente o cap. Portugal, autoridade incontesté no assumpto, resolvi dar á publicidade algumas fichas do C. A. S..

Devo explicar aos possíveis leitores que as fichas do C. A. S. são muito simples, mas nenhuma fantasia contém. Tudo o que delas consta foi ensinado aos sargentos alumnos e por elles applicado em dezenas de casos concretos. Escriptas dia a dia, no ritmo acelerado da instrucção que não parava, naturalmente hão de ter falhas, deficiencias. Por isto mesmo no modelo que adoptei para as fichas ha uma casa reservada ás "observações do instructor" onde este annotará as deficiencias para uma futura correccão.

O Regulamento da Escola de Armas divide a instrucção do Curso em "Grupos" cada qual com certo numero de "Materias". Para notação das fichas adoptei o seguinte criterio: O "Grupo" é representado pelo primeiro algarismo, a "Materia" pelos dois seguintes e os ultimos indicam o numero de ordem da ficha na "Materia". Assim "Serviço em Campanha" é a 2.^a materia do 1.^o grupo. Sua notação será 1.02...

Muito grande será a minha satisfação si as fichas, cuja publicação ora inicio, forem de utilidade aos camaradas que labutam no arduo mistér de instructores.

FICHA 1.02.12

Operação: POSTO DE SEGURANÇA.**Funcção:** SARGENTOS E GRADUADOS.**Objectivo:**

- a) Ensinar e adestrar os sargentos e graduados a instalar e dirigir o serviço de um posto.
- b) Fazer com que os cavalleiros appliquem, no quadro do posto, os ensinamentos da instrucção individual.

Methodo:

- a) Dar, na caixa de areia, uma noção geral do serviço de segurança em estação e, em particular, do papel dos postos no sistema.
- b) Effectuar, no terreno, sessões de quadros, nos quais serão estudadas, sucessivamente as diversas phases da operação:
 - 1) Recebimento da ordem e marcha até o local.
 - 2) O reconhecimento do Cmt. do posto.
 - 3) A instalação (de dia ou de noite).
 - 4) A organização do roteiro.
 - 5) O funcionamento do posto (incidentes, conducta em caso de ataque). .
 - 6) O retrahimento, a substituição e o levantamento.
- c) Executar, com tropa e em varios terrenos, muitos exercícios de applicação dos ensinamentos acima.

Execução	Observações
I — DEFINIÇÃO — Pequeno elemento de segurança, estacionado em um ponto, com a missão de vigiar uma certa zona de terreno, informar sobre os movimentos do inimigo e muitas vezes, retardal-o pelo fogo.	
II — EFFECTIVO — Geralmente um G. C. — Excecionalmente pode attingir o efectivo de um Pel. Quando é	

Execução**Observações**

necessario multiplicar o numero de postos os menos importantes são constituidos por uma esq. de expl..

III — 1) RECEBIMENTO DA ORDEM — Ao receber a ordem o Cmt. do posto:

- a) Toma nota dos pontos mais importantes;
- b) Pede esclarecimentos quando tiver duvidas;
- c) Repete a ordem para verificar si a comprehendeu.

A ordem dada ao Cmt. do posto comporta:

I — Informações sobre a situação (inimigos, tropas amigas).

II — Local, missão e duração do posto.

III — Conduta em caso de ataque.

IV — Posição do Esq.. Postos vizinhos.

V — Condição de remessa das informações. Ligações a estabelecer.

VI — Itinerario para o retraimento.

VII — Fogos de apoio na frente do posto (quando houver).

VIII — Senha, signaes de reconhecimento e outros signaes.

IX — Patrulhas a entrar e sahir pelo local do posto.

X — Distribuições.

2) DEPOIS DO RECEBIMENTO DA ORDEM.

- a) O Cmt. do posto reune-se á sua tropa;
- b) Passa uma revista nos homens e nos cavallos;

Execução	Observações
c) Põe o substituto ao par da missão; d) Dá a sua primeira ordem: I — Possibilidade de encontro com o inimigo.	
II — Local de estacionamento do Esq.. III — Missão do posto. IV — Ordem para deslocamento. 3) MARCHA ATE' O LOCAL DO POSTO. O Cmt. conduz seu posto como uma patrulha.	De preferencia e um ponto onde possa abranger todo o terreno de acção do posto.
4) AO CHEGAR NO LOCAL. A) Os exploradores se detem, collocando-se como vedetas para cobrir o reconhecimento do chefe. B) — O grosso se detem como uma patrulha em fim de lance. C) — O Cmt. faz o reconhecimento. a) Vigilancia — Local ou locaes onde collocar o ou os vedetas; patrulhas necessarias para completar a vigilancia. b) Resistencia — Posição de combate para o posto. c) Posição de descanso.	V. a ficha relativa á patrulha (1.02.18). V. a ficha relativa á patrulha (1.02.18). V. a ficha relativa ao vete- ta. V. a ficha relativa á patrulha.
	Sem prejuizo da vigilancia economizar o mais possivel o numero de yedetas. Local para o f. m.; local para cada um dos cavalleiros. Proximo á posição de combate, coberta e, si possivel, abrigada.

Execução	Observações
d) Posição dos cavalos de mão.	Proximo do posto.
e) Itinerario de retrahimento:	Para não perder tempo o Cmt. do posto mandará um graduado ou cavalleiro de es-cól percorrer e balisar o itinerario. Mais tarde todos os homens devem reconhecer-o.
f) Local dos postos vizinhos.	Determinação exacta no terreno.
5) — INSTALLAÇÃO DO POSTO.	
O Cmt. do posto: a) Colloca pessoalmente o ou as vedetas.	Ordem a dar aos vedetas: 1) Numero e local do vedeta. 2) Na direcção do inimigo: Sector a vigiar: Pontos importantes do sector. Patrulhas na frente do sector. A' direita e á esquerda: Numero e local dos vedetas ou postos vizinhos. A retaguarda: Local do posto e da sentinelha das armas. Itinerario de retrahimento para o vedeta. 3) Senha e signaes de reconhecimento. Codigo de signaes a empregar no posto. 4) Outras recomendações necessarias.

Execução	Observações
b) Colloca o f. m. na sua posição.	Logar exacto do f. m.
c) Colloca os demais elementos nas suas posições de combate.	Missão ou missões do f. m.
d) Manda collocar os cavalos.	Missão de fogo para cada um.
e) Estabelece as ligações com os vizinhos.	Local. Como ficam: Ensilhados completamente ou ensilhados desenfrenados e com a cilha frouxa ou parte ensilhado completamente, parte aliviado.
f) Determina a construção de barricadas (quando fôr preciso e possível).	V. tambem a ficha sobre os meios de contensão dos cavalos em estacionamento.
6) — DEPOIS DE INSTALAR O LADO O POSTO.	A' vista ou Por patrulhas de ligação ou Pessoalmente.
OCmt. do posto:	Local. Material a empregar.
a) Organiza a escala dos serviços:	
1) Dos vedetas e sentinelas das armas.	
2) Da permanencia juncto ao f.m..	
3) Das patrulhas para vascular as cobertas e para as ligações.	
4) Do estafeta sempre prompto.	
5) Da ronda.	Cmt. do posto e graduados.

Execução	Observações
6) Da guarda dos cavallos. b) — Faz iniciar as obras de organização do terreno. c) Manda os homens de folga para a posição de descanso.	Quando fôr necessário ou a missão prolongada. Durante a instalação do posto todos permanecem nas posições de combate. Os homens de folga permanecem equipados e com as armas ao alcance da mão.
d) Completa o reconhecimento para a instalação á noite.	Não podem fazer ruido, nem perambular de um lado para outro. De noite, na maioria das vezes, não poderão fumar. De noite o posto ficará juncto ás passagens obrigatorias.
e) Organiza o roteiro do posto.	O tiro do f. m. amarrado. (V. a ficha respectiva).
f) Participa ao Cmt. do sub-quarteirão (ou o que o destacou) a instalação do posto.	Vedetas sempre duplos. Durante a instalação do posto Cavallos juncto do posto.
g) Providencia, quando fôr necessário, sobre as distribuições.	Metade do efectivo sempre alerta.
h) Uma hora antes declarar o dia alerta o posto e falo-o ocupar as posições de combate.	V. a ficha correspondente. Uma copia do roteiro.
	Especialmente agua para os cavallos.
	Durante a execução da missão o Cmt. do posto não cessa de completar o reconhecimento do terreno e aperfeiçoar a instalação.

Execução	Observações
IV — INCIDENTES —	
1) Presença de isolados ou grupos pequenos.	
a) Alertar o posto.	
b) Não o revelar.	Ao alertar o posto os cavalos são ensilhados e enfrenados si não estiverem.
c) Deixar que o isolado ou grupo se aproxime para armar-lhe uma emboscada.	
d) Communicar ao Cmt. do sub-quarteirão (Esq.)	
2) Presença de grupo forte.	
a) Alertar o posto.	
b) Communicar ao Cmt. do sub-quarteirão (Esq.).	
c) Abrir o fogo quando o grupo se ache á distancia de tiro muito efficaz.	
d) Si fôr possivel armar uma emboscada.	
3) — Presença de grandes effectivos.	
a) Alertar o posto.	
b) Communicar ao Cmt. do sub-quarteirão (Esq.).	
c) Abrir o fogo o mais longe possivel.	De preferencia sobre pontos de passagem obrigatoria.
d) Pedir o desencadeamento dos fogos de apoio aos P. A. (quando houver).	
e) Retrahir o posto quando o inimigo se encontre a 200 ou 300 m..	Salvo o caso da missão comportar resistencia a todo o custo o retrahimento se deva fazer sómente mediante ordem superior.

Execução	Observações
<p>4) — Reconhecimento de individuos e de grupos. —</p> <p>E' sempre feito pelo Cmt. do posto.</p> <p>a) — Patrulhas - sahida -- Deixar sahir as que tiver conhecimento.</p> <p>Deter, desarmar e comunicar ao Cmt. do sub-quarteirão as demais.</p> <p>Entrada — Deixar entrar as patrulhas sobre cuja identidade não tenha duvidas.</p> <p>Deter, desarmar e comunicar ao Cmt. do sub-quarteirão as suspeitas.</p> <p>b) — Desertores e civis vindos do inimigo.</p> <p>Deter no posto, de modo que não possam perceber a instalação deste.</p> <p>Communicar ao Cmt. do sub-quart.</p> <p>c) — Qualquer isolado vindo do lado amigo.</p> <p>Deter e comunicar ao Cmt. do sub-quart.</p> <p>d) — Parlamentares</p> <p>Mantel-os no posto sem que possam perceber a sua instalação.</p> <p>Não permitir que alguém lhes fale. Communicar ao Cmt. do sub-quart.</p>	<p>O Cmt. de uma tropa que recebeu ordem de parar avança sózinho. A tropa só avançará depois de feito o reconhecimento.</p> <p>Fazer que se desarmem previamente e avançem um a um de braços erguidos (animaes pela redeia, si montados).</p> <p>Muito cuidado com emboscadas !</p> <p>Matar si fôr desobedecida a intimação para parar.</p> <p>Sobre o modo de deter e conduzir as pessoas nos diferentes casos V. a ficha relativa ao vedeta.</p>

Execução	Observações
<p>V) — RETRAHIMENTO</p> <p>O Cmt. do posto—</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Avisa os homens para recolherem todo o material. 2) Lança o signal de retrahimento. 3) Faz o posto montar sob a protecção do f. m. 4) Retrae pelo itinerario reconhecido como uma patrulha de retaguarda. 	
<p>VI — LEVANTAMENTO DO POSTO</p> <p>A) Na marcha para a frente.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Na hora marcada desobstrui as estradas das barricadas. 2) Ao ser ultrapassado pela Vg. reune o posto. 3) Aguarda a passagem da columna e entra no seu logar. <p>B) Na marcha retrograda.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Na hora determinada ou mediante ordem reune o posto de monta sob a protecção dos vedetas. 2) Desloca-se como no retrahimento, até ultrapassar a Retaguarda. 3) Reune-se, rapidamente, ao seu logar na columna. 	<p>V. a ficha correspondente.</p> <p>Si o inimigo estiver fazendo pressão procede como no retrahimento.</p>

Execução	Observações
<p>VII — RENDIÇÃO DO POSTO.</p> <p>O Cmt. do posto:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Reconhece o que o vem render. 2) Faz ocupar as posições de combate. 3) Transmite ao substituto a ordem recebida. 4) Entrega-lhe o roteiro do posto. 5) Communica-lhe os incidentes ocorridos. 6) Acompanha-o na instalação do novo posto. 7) Terminada esta reune, monta e retrae sob a protecção do novo posto. 8) Apresenta-se ao Esq.^r e participa as occorrencias do serviço. 	<p>Quando a missão se prolonga por mais 24 horas o posto é substituído por outro.</p>

Fontes de consulta:

R. E. C. C. — III Parte.

Notas da E. C..

Cmt. Colin — Cavalaria.

Cap. Dalmay de La Garenne — "Le Cavallier au S. C.".

Observações do instrutor:

FICHA 1.02.14

OPERAÇÃO — Roteiro do posto.

FUNCÇÃO — Sargentos e graduados.

OBJECTIVO — Ensinar o Cmt. do posto a organizar o seu roteiro.

METHODO — Dar aos instruendos um memento do roteiro; fazer com que o organizem sempre na instrucção do posto quer sem, quer com tropa.

Memento	Observações
.... R. C. I.	
.... Esq.	
.... Pel.	
Posto n.º	
Cmt..... Sgt. A.	
Substituto: 1.º cabo B.	
Tropa: 1.º g. c.	
ROTEIRO	
I — Vigilancia — A) De dia:	
1) Vedeta n.º 1 —	
Vedeta n.º 2 —	
2) Sentinella das armas...	
3) Patrulhas —	
B) De noite:	
1) Vedeta n.º 1 —	
Vedeta n.º 2 —	
2) Sentinella das armas	
3) Patrulhas —	
II — RESISTENCIA —	
A) De dia:	
1) F. M. — Local	
Missão ou missões	
2) Exploradores —	
3) Granadeiro atirador —	
B) — De noite	
1) F. M. —	Indicar no croquis.
2) Exploradores —	
3) Granadeiro atirador	

Memento	Observações
C) Barricadas — Logar Material.	Discriminar por ordem de urgencia.
D) Outros trabalhos de org. do terreno — .	Indicar o logar no croquis. Por ordem de urgencia.
E) Conducta em caso de ataque	
III — Fogos de Art. ou de Mtr. na frente do posto — .	Fogos fornecidos pelo es- calão de resistencia. Indicar no croquis.
IV) — 1) Posição de descânco	Indicar no croquis. .
2) Posição dos cavallos —	Indicar no croquis. .
V — Itinerario do retraimento	
VI — Ligações —	Dados verbalmente.
1) Com o Esq. (ou Pel.)	
2) A' direita —	
3) A' esquerda —	
4) Senha, contra-senha e signaes de reconhecimento.	
5) Código de signaes.	
VII — Escala do serviço:	
1) Vedetas — N.º 1	
1.º quarto —	
2.º quarto —	
3.º quarto —	
N.º 2 —	
Rendidas de ..em.. horas.	
2) Sentinella das armas.	
1.º quarto —	
2.º quarto —	
3.º quarto —	
Rendida de ..em.. horas	
3) Permanencia ao f. m. —	
1..º quarto —	
2..º quarto —	
3..º quarto —	
Rendida de ..em.. horas.	
4) Patrulhas —	

Memento	Observações
5) Estafetas —	
6) Ronda:	
1.º quarto — Cmt. do g. c.	
com	
2.º quarto — cabo expl.	
com	
3.º quarto — cabo fuz.	
com	
Quartos de horas.	
7) Guarda dos cavallos:	
1.º quarto —	
2.º quarto —	
3.º quarto —	
Rendido de ..em.. horas	
VIII — Distribuições —	
1) — Homens — A's.. horas	
em.. uma ração quente. Fachina de F. e F. para conduzir as	
marmitas. Agua para beber em	
... Buscar mediante licença.	
2) Cavallos — A's.. dar de	
beber em.. por grupos de..	
cavallos (ou todos de uma vez)	
A's ... $\frac{1}{2}$ ração de milho,	
por grupos de .. (ou todos de	
uma vez).	
IX — Outras prescripções.	

Nota — O roteiro é acompanhado de um croquis contendo:

a) — Sector do posto; posição de combate, de vigilância (de dia e de noite) e de descanso.

b) — A permanência junta ao f. m. (de dia e de noite).

Depois deste é conveniente organizar um croquis panorâmico do sector.

(V. as fichas relativas ao croquis planimétrico e ao croquis panorâmico — 1.05.20 e 1.05.22).

SECCÃO DE ARTILHARIA

Redactor: E. R. RIBAS

A Artilharia de apoio directo na tomada de contacto

Pelo Cel. de Art. F. RICARD

Traduzido da "REVUE D'ARTILLERIE", de maio de 1937, pelo Cap. NEWTON FRANKLIN DO NASCIMENTO

O presente estudo e o que o precedeu (1), visam focalizar as variadas fórmas da manobra da Artilharia de apoio directo, durante as phases iniciaes da batlha offensiva moderna, e expressas nos seguintes termos:

"A manobra dos grupos, centralizada pelo menos no escalão agrupamento, durante a marcha de aproximação, só é susceptivel de resultados oportunos, na tomada de contacto, sob o regime de descentralização: o agrupamento então dirige, porém, não mais comanda e, assim acontece, até que intervenha o engajamento, isto é, o acto de vontade do general commandante de divisão, sinão mesmo do corpo de exército".

Tal fórmula de manobra, dictada pelos progressos da motorização e da T. S. F., convém dissecar convenientemente, afim de se ficar de guarda contra o axioma corrente: "Para agir depressa, é preciso descentralizar".

Antes de mais nada, vamos precisar o que se descentraliza.

Tratando-se da descentralização da manobra, nós a admittimos no curso da tomada de contacto, em que a opportu-

(1) O agrupamento de Artilharia de campanha na marcha de aproximação.

nidade do tiro entra primeiro em linha de conta e onde o desdobramento da Infantaria garante a segurança dos deslocamentos da Artilharia.

Admittimol-a, tambem no começo duma perseguição, pois se trata então dum inimigo em retirada.

O mesmo se não dá na marcha de aproximação, pois nesta phase inicial da offensiva, o commando conserva, apesar de tudo, um cuidado nitidamente defensivo. Este cuidado vae crescendo ao lado dos progressos da motorização, cuja primeira consequencia é a eventualidade de se vêr surprehendida uma força diante desta ameaça, antes mesmo do encontro com os primeiros elementos das vanguardas. Porque, pois, correr o risco dum desdobramento prematuro, enquanto não houve ainda o contacto e enquanto não se apresentou ainda, com continuidade, o problema de bater incontinenti um objectivo da Infantria?

Convém notar que, aceitando a descentralisação da manobra, durante a tomada de contacto, não sugerimos com isso a descentralisação do commando. Bem ao contrario, somos conduzidos a afirmar que o agrupamento guarda, inteiramente, sua razão de ser. Embora não comande os deslocamentos, elle os dirige, mantendo-se prompto a centralisar os fogos, caso essa necessidade se imponha.

Desta sorte, não pretendemos reviver a “querela dos agrupamentos tacticos”, mas analysar uma forma de manobra, baseada nos progressos do armamento.

DEFINIÇÃO DA TOMADA DE CONTACTO

Nossa actual regulamentação estuda, successivamente, a marcha de aproximação, a tomada de contacto e o engajamento.

Se o desenrolar da guerra fosse uniforme, as phases

iniciaes da batalha offensiva apresentar-se-hiam sempre nessa ordem:

Mas, na realidade, tal não acontece e, dahi, surgirem grandes difficuldades, quando se tentam traçar os limites destas phases successivas da batalha offensiva.

Para o commando, como para o volteador do G. C., o começo da marcha de aproximação é mui claro.

A formação de aproximação é tomada, a partir do momento em que as tropas não cobertas são expostas ás investidas terrestres do inimigo. As columnas articulam-se em largura, abandonam as estradas e constituem-se as vanguardas.

Para o commando, o começo do engajamento é igualmente claro, pois elle procede da vontade do chefe. Com uma pequena fracção de Infantaria e o maximo de Artilleria, ataca-se um objectivo.

O começo do engajamento é já bem menos claro para o volteador da patrulha de ponta da vanguarda, que apenas sabe, quando se bate, depois de ter recebido o primeiro tiro de fuzil do adversario.

Portanto, só existe clareza, para todos, no começo da marcha de aproximação e, para o commando, apenas, no começo do engajamento. Para os demais, apenas é perceptível o encadeamento dos acontecimentos.

Essas noções pareceram-nos indispensaveis, pois, ao procuramos collocar um estudo no quadro da tomada de contacto, tornava-se necessario fornecer taes indicações, assim de esclarecel-as bem, ao menos theoricamente.

E, para melhor precisar as idéas, procuremos vestir a péle dum commandante de batalhão de vanguarda. Nesse escalão entra-se, praticamente, na phase da tomada de contacto, quando se impõe o desenvolvimento do grosso do batalhão, isto é, do escalão de combate da vanguarda, quer

em virtude duma ordem do commandante de batalhão, quér automaticamente, isto é, em virtude do proprio desenrolar dos acontecimentos. Assim desdobrada, a vanguarda continuará a progredir, até que isso seja possivel, isto é, até o momento em que encontre uma linha continua de fogos que a detenha, obrigando o commando a decidir o engajamento.

Diga-se, de passagem, que o valor actual do armamento de Infantaria, conjugado com as possibilidades da motorização, é de natureza tal, que este periodo da tomada de contacto poderá durar muito mais tempo do que outr'óra. Com efeito, num terreno pouco coberto, dois F. M., sobre side-car, bastam para romper o contacto, indo collocar-se a uns 200 metros á retaguarda e, a cada uma dessas ameaças, a Infantaria adversa da vanguarda é obrigada a montar numa nova manobra.

Qual o papel da Artilharia de campanha nessas phases? Durante a marcha de aproximação, a Artilharia de campanha, que tem a seu cargo todos os tiros longinquos, mantem-se apenas prompta a executar os tiros de apoio imediato (1). Em poucas palavras, a Artilharia mantem-se prompta a intervir na tomada de contacto. Nessa outra phase, a Artilharia de campanha poder-se-ha ver obrigada a agir sobre objectivos de apoio imediato, que necessitam uma rapida intervenção, que vae influir na rapidez da progressão desejada.

Por outro lado, é preciso assignalar que, em virtude da maior intensidade de Infantaria em linha, densidade essa accrescida pelo desdobramento da vanguarda, a manobra da Artilharia será menos arriscada a tomada de contacto do que na marcha de aproximação.

(2) O grifho é do traductor.

FORMA GERAL DO COMBATE NO DECURSO DA TOMADA DE CONTACTO

Vivamos por alguns momentos, o combate conjugado das duas armas. A Artilharia adapta-se á Infantaria. A frente de contacto é moveida e sua linha parece uma "torcida" de lampeão. Deante de tal companhia a progressão era normal, porém, bruscamente, surge uma resistência e é preciso manobrar.

Evidentemente, com seu armamento actual, a Infantaria pôde dispensar, a rigor, o concurso da Artilharia, mas como as baterias estão em posição, ou nas proximidades das posições reconhecidas, seu raio de ação é, para o que interessa á Infantaria, o dos seus observatorios. As armas pesadas da Infantaria offerecem um alcance menor do que os canhões da Artilharia e não estão sempre face ás resistências encontradas. Esperar a chegada dessas armas será por certo mais demorado, do que pedir á Artilharia um concurso efficaz e quiçá superior.

O artilheiro está presente e, por isso, deve agir. Para agir oportunamente, seus tiros devem ser immediatos. Até bem pouco, sua intervenção era difficult, em virtude da demora na transmissão das informações e das ordens, bem como das difficultades em ligar observatorio ás baterias. Hoje em dia, taes embaraços são mui attenuados pela T. S. F.. e pelo emprego dos meios automoveis, particularmente a motocycleta.

Resulta dahi que, se até nossos dias, a Artilharia numa progressão só "funcionava" a custo, manobrando sob o regime do reagrupamento de seus órgãos de observação, de informações e de commando, sob a ameaça constante dum colapso de suas ligações, este receio é actualmente menos justificado; a dissiminação destes mesmos órgãos é possivel

e mesmo se impõe, pois vae permittir não só o conhecimento rapido da situação da Infantaria e das resistencias inimigas, mas tambem uma rapida intervenção da Artilharia.

Menos do que outr' ora, o commandante do grupo encontrar-se-ha voltado para suas baterias e o official de ligação, destacado juncto á Infantaria, não será mais o mendigo abandonado na natureza á mingua de recursos. A ligação torna-se efficiente e nada deterá o lançamento, para a frente, dos meios de observação. O artilheiro encontra-se-ha afinal, em condições de utilizar-se de seus olhos e de suas pernas.

O grupo pôde agir quasi que immediatamente, porém, escapará á acção dos chefes que lhe haviam coordenado a acção na marcha de aproximação, o que serão obrigados a fazer mais tarde, no engajamento.

Do ponto de vista do agrupamento, como tambem do commando superior da Infantaria, semelhante solução é demasiadamente grave, pois conduzirá de modo inevitável á batalha dos batalhões e dos grupos.

A conducta centralizada da manobra torna-se depressa impraticavel. Ella sómente se impõe em certas phases da progressão, depois de determinados lances, sobre os quaes o commando possua taes informações que permittam montar uma operação, em uma palavra, a centralisação impõe-se durante uma estagnação momentanea e prevista da progressão. Noutra situação, dever-se-ha deixar progredir, pois centralisar seria retardar. Tendo sido organizada de inicio a operação, é preciso contentar-se o chefe em dar depois directivas geraes, apenas e que, posteriormente e de tempos em tempos, poderão ser reunidas numa ordem. Se se quiser andar depressa, é preciso resolver primeiro o que seja difficult de realizar durante a operação.

Se mais tarde o desenrolar da operação tornar inevi-

tavel uma retomada da centralisação da manobra, isso não deve causar inquietação: o retardo da progressão, annunciador do engajamento, dará o tempo necessario. Da mesma sorte, progressiva, mas automaticamente, todos os meios de transmissões necessarios serão postos em jogo, no momento preciso e onde a necessidade se faça sentir.

ORGANIZAÇÃO DA ARTILHARIA DE APOIO DIRECTO

Nesta materia, só existem, evidentemente, casos particulares. Outrosim, está provado que o acrescimo de valor, no armamento do infante, permite aumentar a frente atribuida a uma unidade elementar de Infantaria. Esta consequencia, junta á necessidade de guardar-se o maximo de grandes unidades disponiveis para a manobra, conduz quando o terreno o permitte, a aumentar, na medida do possivel, a frente attribuida á divisão. E como além disso, o reforço duma frente processa-se mais rapidamente em profundidade, somos levados a acreditar que, no escalão divisionario, muitas vezes a regra consistirá em engajar, logo que possivel, os tres regimentos de Infantaria no primeiro escalão, dosando-se o esforço de cada um delles por uma variação do numero de batalhões a empregar em primeiro escalão.

A esta concepção da organização da Infantaria, corresponde, logicamente, uma organização da Artilharia de apoio directo: um grupo de apoio a cada um dos regimentos de Infantaria de primeiro escalão.

Mas, nesta phase da acção, geralmente, os regimentos de Infantaria não progridem por sua conta. Ha uma idéa de manobra que se concretiza, então, pela centralisação, sob um mesmo commando, das unidades pertencentes a dois regimentos de Infantaria e que se prestem a um apoio reci-

proco: a organização da Artilharia, consequente, conduz a reunir dois grupos sob as ordens dum commandante de agrupamento. Portanto, por mais descentralizada que seja a manobra da Infantaria — o que muita vez acontece — haverá geralmente um agrupamento de apoio directo, cuja organização será imposta, na previsão do engajamento proximo.

Vamos estudar, mais especialmente, a manobra desse agrupamento.

MANOBRA DO AGRUPAMENTO DE APOIO DIRECTO

Para precisar idéas, uma comparação parece-nos útil, antes de mais nada. Na marcha de aproximação, isto é, enquanto a Artilharia ainda não reecebeu missões de bater objectivos de apoio immediato, e enquanto sua progressão se processa lentamente, devido á intensidade da Infantaria desdobrada em sua frente, ha todo interesse, no interior dum agrupamento de Artilharia, de effectuar lances de grupos, em vez de lances de baterias, no interior dos grupos. De facto, nessa situação, embora assegure a permanencia dos fogos, a Artilharia encontra-se em peores condições de applicar rapidamente os mesmos fogos sobre um objectivo de apoio immediato.

As baterias, por outro lado, estão mais aptas para assegurar, de maneira satisfactoria, todos os tiros longinquos que estejam dentro de sua atribuição normal.

Quando começa a tomada de contacto, a situação muda. Já mostrámos que esta tomada de contacto, com os meios de motorização actuaes, tende a prolongar-se. Contrabater um objectivo de apoio immediato torna-se a missão normal e durável.

Para agir com presteza, sobre tal objectivo, a Artilharia deve então "varrer" o terreno. Esta operação comportará cuidados de ligação e de observação, notavelmente mais fortes do que no decurso da marcha de aproximação.

Não é pois natural — as mesmas causas produzindo os mesmos effeitos — estabelecer que a Artilharia, como a Infantaria, seja conduzida a desdobrar-se, na marcha de aproximação, não mais em profundidade, mas em largura, isto é, com a entrada em acção simultanea de todos os seus grupos? Cada um delles será encarregado do apoio dum regimento de Infantaria, se este possue 2 batalhões em primeiro escalão, ou do apoio dum só batalhão em primeiro escalão.

Assim, pois, processa-se normalmente a manobra das baterias no interior do grupo. Tal manobra encontra-se explicitamente definida na nova Instrucção Geral sobre o Tiro de Artilharia que prescreve:

"Nos agrupamentos de apoio directo, ha vantagem, sempre que isso seja possivel, em deslocar cada grupo por escalões de baterias". (3)

A prescripção acima citada, marca uma evolução notável, na questão do emprego da Artilharia. Ella chegou a tempo, no momento mesmo em que o emprego da T. S. F. tornou finalmente possivel semelhante manobra.

Mas agora, resta saber como o commandante de agrupamento fará sentir sua acção.

(3) O auctor assignala, para o caso particular da França, que esse texto regulamentar seria opportuno accrescentar a seguinte idéa: a manobra do grupo exige outra manobra preliminar dos E. R. 22 dependente da dotação, a priori, destes postos radio emissores-receptores.

COMMANDO DO AGRUPAMENTO DE APOIO DIRECTO

O commandante de agrupamento limitar-se-há a dar aos grupos a iniciativa de estabelecer seu dispositivo, ou impor-lhes as posições a ocupar?

Talvez, a segunda solução seja aconselhável em certos casos, por exemplo, quando se tratar de transpor um córte importante do terreno, afim de se não expôr, prematuramente, o grosso da Artilharia. Mas, logo que a progressão seja retomada, o commandante de agrupamento não estará mais em condições de dar suas ordens em tempo opportuno. Parece-nos mais aconselhável que o commandante do agrupamento adquira confiança em seus maiores, cuja progressão orientará sobre eixos bem definidos, deixando-lhes a seu cargo a iniciativa das operações, em ligação com a Infantaria. Querer commandar, apezar de tudo, ainda mais quando só se é informado em segundo logar, é retardar a acção. O combate offerece taes imprevistos e o terreno apresenta-se tão diferente da impressão dada por uma leitura da carta, que se torna impossível prever a eventualidade dos acontecimentos, salvo se existem razões bastante fortes para isso, conforme já assinalámos acima.

Vejamos agora a acção do commandante de agrupamento, quando intervém o regime da descentralização da manobra.

Primeiro, mesmo com o risco de parecer um pouco... ousado, acreditamos que muita vez o commandante de agrupamento não deverá esperar, para agir, instruções dos escalões superiores. Desde que a descentralização se impõe em seu escalão, não é natural que também se imponha, a fortiori, nos escalões superiores? Espejar seria, no caso, retardar.

Realmente, ha melhores soluções a adoptar; a aproximação do posto de commando da Infantaria e do posto de commando do agrupamento, hoje em dia mais possivel de ser realizada do que antigamente, pois os grupos se conservam ligados ao agrupamento, apezar da distancia, a aproximação dos postos de commando, diziamos, permitte ao commandante de agrupamento a ser o primeiro a ficar ao corrente das intenções do chefe da Infantaria. Muitas dessas intenções permittir-lhe-hão, não commandar seus grupos, porém dirigil-os, mediante o emprego de breves mensagens como esta: "Determinai as possibilidades da acção em tal região". Tal indicação, muito geral, será preferivel a uma outra mais precisa, fixando zonas de posições e de observatorios, por que, mais perto da linha de fogo, os commandantes de grupos verão melhor o terreno e saberão melhor em dados momentos, qual a linha attingida.

Quando um ataque se prepara, antes mesmo de cuidar em redigir ordens, parece-nos que o commandante de agrupamento tem o dever de alterar logo seus grupos. Aos grupos de apoio directo, enviará a seguinte ordem summaria: "Preparai-vos para um ataque sobre . . ." Aos outros grupos bastará determinar: "Tal grupo prompto a tirar em tal região. E se, após taes indicações, as ordens de ataque não cheguem a tempo, os grupos de apoio directo estarão, mesmo sem directivas mais completas, em condições de intervir rapida e efficazmente.

Aqui, ainda se impõe a mais inteira confiança nos commandantes de grupos de apoio. Se estes estão em ligação estreita com sua Infantaria e se tem manobrado em consequencia, a efficacia de sua acção ,é por antecedencia, garantida.

E' sómente isso que pôde fazer o commandante de

agrupamento? Até agora temos visto sua actuação depois de receber ordens ou apenas simples intenções do commandante da infantaria apoiada. Outrosim, poder-se-ha alludir ao caso em que não ha novas directivas a dar, o que muitas vezes se apresentará no decurso duma progressão, bastando apenas dizer: "Nada de novo em fim de jornada, a progressão continua". No entretanto, em fim de jornada, não é a hora em que será mais commodo, e mais opportuno, de dar aos grupos as ordens susceptiveis de permitirem alguns reconhecimentos antes do cahir da noite?

Por conseguinte, o que se impõe, é o estudo do terreno e da situação, em ligação com o commando da Infantaria apoiada. Sem duvida, no momento de se tirarem conclusões, este estudo será feito na carta, mas, em toda a medida do possivel, deve ter sido, no decorrer da jornada, preparado por um giro de horizonte procedido nos observatorios.

Após esse estudo, o commandante do agrupamento deve enviar instruções para a jornada seguinte, antes do cahir da noite, instruções estas baseadas em hypotheses colhidas no decurso da progressão. Por certo, não terão o caracter imperativo duma ordem de operações, mas, tendo chamado a attenção dos grupos sobre os eixos eventuaes da progressão ulterior, sobre certas zonas no interior das quaes deverão ficar em condições de agir logo que seja possível, tendo prescripto a execução, antes do cahir da noite, dos reconhecimentos necessarios, o commandante de agrupamento poderá dormir tranquillo. E, se durante a noite, chegarem novas instruções, que exijam a elaboração de ordens aos grupos, o que pôde acontecer em virtude da tyrrannia das fórmas do terreno, em lugar de enviar appellos que correm o risco de não serem attendidos e mensageiros que se podem perder durante a noite, será mais pratico concluir simplesmente: "Não foi isso exactamente que pres-

crevi, mas já tendo dadas minhas instruções ,será facil restabelecer amanhã a situação, e ao clarear do dia sómente é que enviarei ordens”.

Desta sorte, a progressão tendo sido iniciada, o comandante de agrupamento transmittirá, em tempo opportuno, não só ordens curtas e mui geraes, mas tambem directivas, visando os reconhecimentos a executar. De resto, deverá ter confiança em seus grupos, salvo certos casos de excepção, previstos pelo commando, até começar o engajamento.

Neste momento, o panno se abaixa e um novo acto vae começar. O commandante de agrupamento, que diria, deve commandar.

A ESCRAVIDÃO

“Pretendia-se que esse commercio traria a vantagem de civilizar a Africa e de evitar que os negros se destruissem nas suas guerras; assim como que fossem elles reduzidos á fé catholica e civilização Européa. O facto, porém, demonstrou o contrario. . O commercio de escravos provocava as guerras para fazerem prisioneiros, com horrores e barbaridades incriveis. E essas promessas de seducao e civilisação, foram, como a respeito dos indios, palavras hipocritas para acobertar ou cohonestar um fim reprovado e criminoso ante as Leis de Deus; foram um verdadeiro sacrilegio, abuso da bandeira sagrada da Religião do Redemptor para cobrir a carga de indignidade que se praticava pelo unico e real movel do interesse pecuniario.

Os negros começaram logo em Africa uma lucta fraticida, incessante, barbara, afim de arrebanharem e fazerem prisioneiros, que vinham trazer aos negreiros, a troco de missangas, lás, ouro-peis, e outras miunças de valor quasi minimo. Os brancos tambem o iam prear, como fizeram com os indios. Reduzidos, assim, os negros á escravidão, e convertidos em mercadorias, desapparecia o ente humano, para só restar o objecto ou effeito de commercio, como tal tratado na feitoria, a bordo dos navios que os deviam transportar, e no logar do seu destino, ainda que pelo mau trato morressem ás centenas ou milhares, pois eram facilmente substituidos”. (A. M. PERDIGÃO MALHEIRO — A Escravidão no Brazil.)

QUADROS DE CORREÇÕES

Pelo Cap. BRENO BORGES FORTES

Sinal de correção: { + si o $d\Delta$ for positivo (+)
 - si o $d\Delta$ for negativo (-)

Tabela III B
 para a Granada mod. 1917

da met.	CORREÇÃO EM ALCANCE DEVIDO AO da								
	1	2	3	4	5	6	7	8	9
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
5	1	2	3	5	7	9	11	13	16
10	1	4	7	10	14	17	22	26	32
20	3	8	14	20	27	35	43	52	65
30	4	12	21	30	40	54	65	79	97
40	5	16	28	40	54	70	87	105	129
50	7	20	35	50	68	87	108	131	162
60	8	24	42	60	82	104	130	158	194
70	9	28	48	70	94	122	152	184	226
80	10	32	55	80	108	139	174	210	258
90	12	36	62	90	122	156	196	236	290
100	13	40	69	100	135	174	217	262	323
110	14	44	76	110	148	192	238	288	355
120	16	48	83	120	162	209	261	315	387
130	17	52	90	130	176	226	282	311	420
140	18	56	97	140	189	244	304	367	451
150	20	60	104	150	202	261	326	394	485
160	21	64	110	160	215	278	347	420	518
170	22	68	118	170	230	296	369	446	551
180	23	72	124	180	243	314	391	472	580
190	25	76	132	190	256	330	412	499	612
200	26	80	138	200	270	348	434	524	646

da met.	CORREÇÃO EM ALCANCE DEVIDO AO DV ₀								
	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1	6	7	8	9	10	11	13	14	16
2	11	13	15	17	20	22	25	29	32
3	17	20	23	26	30	34	38	43	49
4	22	26	30	34	40	45	50	57	65
5	27	33	38	43	50	56	63	71	81
6	33	39	45	52	60	67	76	86	97
7	38	46	53	60	69	78	88	100	113
8	44	52	60	68	79	90	101	114	130
9	50	58	68	77	89	101	114	128	146
10	55	65	75	86	99	112	126	143	162
11	61	73	83	95	109	123	138	158	178
12	66	78	90	104	119	134	151	172	194
13	71	84	98	112	129	146	164	186	210
14	77	91	105	120	139	156	176	200	226
15	83	98	112	129	148	168	189	215	243
16	88	104	120	138	158	179	201	229	259
17	93	110	128	146	168	190	215	243	275
18	99	117	135	155	178	201	227	258	291
19	104	124	142	164	188	213	240	272	308
20	110	130	150	172	198	224	252	286	324

Sinal da correção: { + si o DV₀ for negativo (-)
 - si o DV₀ for positivo (+)

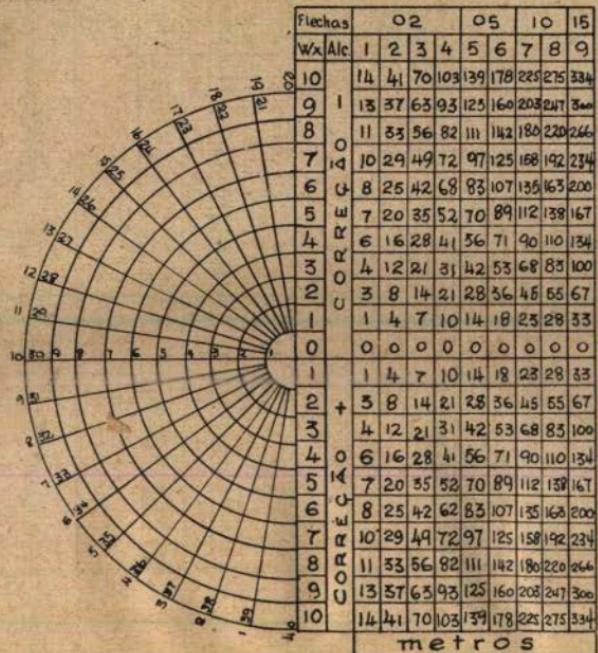
Variação da velocidade inicial devido
 à temperatura da polvora: DV₀

Temperatura	38°	34°	30°	25°,5	22°	18°	14°	10°
DV ₀ ³ (met.)	+3	+2	+1	0	-1	-2	-3	-4

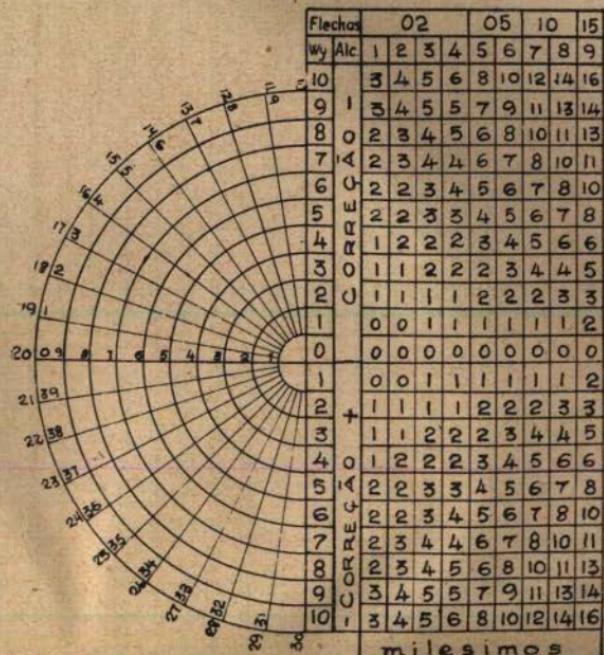
Entrar na rosa com: direção do vento
menos direção do tiro, em deca-
grados.

Tabela III B

para a granada mod. 1917

CORREÇÃO EM ALCANCE
DEVIDO AO VENTO*Tabela III C*

para a granada mod. 1917

CORREÇÃO EM DIREÇÃO
DEVIDO AO VENTO

Entrar na rosa com: direção do vento
menos direção do tiro, em
milesimos.

dp em X'm	CORREÇÃO EM ALCANCE DEVIDO AO dp									MARCAS
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
9r.	met.	met.	met.	met.	met.	met.	met.	met.	met.	
-300	-36	-30	-24	-15	-6	+6	+18	+33	+54	L
-200	-24	-20	-16	-10	-4	+4	+12	+22	+36	
-150	-18	-15	-12	-8	-3	+3	+9	+17	+27	+
-100	-12	-10	-18	-5	-2	+2	+6	+11	+18	
-50	-6	-5	-4	-3	-1	+1	+3	+6	+9	
-0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	++
+50	+6	+5	+4	+3	+1	-1	-3	-6	-9	
+100	+12	+10	+8	+5	+2	-2	-6	-11	-18	
+150	+18	+15	+12	+8	+3	-3	-9	-17	-27	+++
+200	+24	+20	+16	+10	+4	-4	-12	-22	-36	
+300	+36	+30	+24	+15	+6	-6	-18	-33	-54	+++

COMBUSTIVEIS

Referimo-nos, ha dias, ao sacrificio que representam para o Brasil as nossas vultosas importações de combustiveis que aumentam de anno para anno, numa proporção de 30 %. Não ha negar que isso é mais um indice de nosso desenvolvimento material.

E' certo, porém, tambem que o nosso progresso ainda seria maior e, principalmente, conseguido á custa de muito menores sacrificios pelo povo, se não fossemos forçados a comprar no estrangeiro milhões de toneladas de combustiveis, annualmente.

Se, como mostrámos, em commentario anterior, as nossas compras de combustiveis, nos primeiros nove meses de 1937, orçaram por cerca de quatrocentos mil contos, podemos calcular que em todo o anno passado importámos mais ou menos meio milhão de contos.

Só de carvão de pedra e coke (briquettes) importámos 1.361.560 toneladas, no valor de 176.011 contos.

A gazolina vem em segundo logar, com 238.978 toneladas, representando 118.834 contos, enquanto de oleo combustivel comprámos 449.953 toneladas, valendo 63.240 contos.

Finalmente, importámos, 83.066 toneladas de kerosene, pelos quaes pagámos 46.702 contos.

SECÇÃO DE AVIAÇÃO

Redactor : A. S. M. ARARIGBOIA

A Infantaria do Ar

Ten.-Cel. ARMANDO ARARIGBOIA

A rainha das batalhas, a arma que occupa e assegura a posse do terreno, aquella em proveito da qual todas as suas congêneres terrestres trabalham, possue uma nova modalidade com a creação da Infantaria do Ar.

Na realidade, a Infantaria do Ar não pôde ser considerada como arma á parte, possuidora de características próprias e dotada de armamento differente.

Em que consiste, então, a Infantria do Ar ?

A Infantaria do Ar age pela surpresa, realizando o que se poderia chamar de um desembarque mixto de aviões e paraquedas..

Em paizes de extensão territorial immensa como o nosso, em que as frentes de batalha não poderão abranger as distancias consideraveis que caracterisarão os limites dos theatros de operações, a acção da Infantaria do Ar será de enorme repercussão.

Creada na Russia ha cerca de tres annos, vêm sendo desde então a sua fórmula explorada com perseverança pelas autoridades soviéticas.

Nas manobras do ultimo outomno europeu foram executadas duas missões, a primeira constituindo na desida de quinhentos paraquedistas. a segunda na de dois mil, com armas, equipamentos, viveres e munições. Os soldados assim cahidos na retaguarda inimiga apossam-se de um aerodromo, cuja occupação permitte em seguida o desembarque dos restantes dos 3.000 homens transportados em aviões.

A idéa destas descidas em territorio hostil nasceu durante a guerra de 1914-1918. Alguns homens auda-

ciosos, sósinhos ou em grupos de dois ou três, cumpriram desta forma perigosas missões de confiança.

Na França, a Infantaria do Ar realizou bellas demonstrações durante as grandes manobras realizadas no Oeste, bem como nas que tiveram logar anteriormente no Sudoeste e na qual só participaram elementos do Exército do Ar.

Nas duas oportunidades, a nova arma despertou grande atenção e a sua doutrina de emprego já está sendo codificada. A creacão da Infantaria do Ar, data, em França, de um anno apenas. Ella constitue, da mesma forma que a Guarda Aérea, um dos artigos do programma geral de reorganização do Exército do Ar francez.

Ainda embrionaria, a Infantaria do Ar consta de dois grupos, estacionando, respectivamente em REIMS e em ALGER. Cada grupo compõe-se de uma companhia de fuzileiros e de uma esquadrilha de transporte. Estas unidades, abundantemente dotadas de metralhadoras e de canhões anti-carros, são compostas em maior parte de voluntarios da infantaria, mas que devido ao seu modo especial de utilização são postos sob o commando de officiaes do Ar. Seu papel é intervir nas retaguardas inimigas afim de crear uma diversão, abrir brechas em linhas inabordaveis de frente, semear a desorganização no interior do território, destruindo os nós de comunicações, as usinas, os aeródromos e todos os pontos de uma alta importancia estratégica.

O desembarque destas tropas é executado, seja pela descida em paraquêdas, seja pela aterrissage, ou ainda pelos dois meios combinados.

Os resultados obtidos no curso de certas missões individuaes realizadas durante a grande guerra permitem conceber o papel que será desempennhado pelos "infantes do Ar" em caso de conflicto. Elles devem constituir, em certos casos especiaes e infinitamente variados, um meio de destruição fulminante, um golpe irresistivel e talvez decisivo. Assim fica explicado o in-

teresse demonstrado por todas as grandes potencias em estudar a nova arma e actualmente não se realizam manobras e festas aéreas sem uma demonstração de infantes paraquedistas.

Em FRANÇA, as primeiras experiencias foram feitas por occasião das grandes manobras de CHAMPA-GNE, em 1935. Nessa occasião, uma secção de infantaria foi transportada em aviões e depositada no interior das linhas advérsas.

Em 1936, durante a Festa do Ar, realizou-se pela primeira vez em publico uma descida de paraquedistas armados para o combate. Na mesma festa de 1937, em 18 de Julho ultimo, 40 infantes do Ar saltaram de paraquedas com armas e munições, ocupando o terreno apesar da resistencia de elementos motorisados. Este espectaculo causou grande impressão, demonstrando aos 250.000 espectadores presentes as possibilidades da nova arma, que já faz parte integrante da organização militar francesa.

No mez de Agosto, durante as manobras aéreas de Sudeste, um destacamento de Infantaria do Ar, do partido vermelho, atacou a ponte MIRABEAU, sobre o DURANCE, de grande valor estratégico. Embora guardada por soldados de infantaria colonial, parece que em tempo de guerra a ponte teria sido destruida pela rapidez do ataque levado a effeito ao amanhecer, com raro vigor.

Ultimamente, por occasião das grandes manobras do Oeste, realizadas pelo exercito frances, os infantes do Ar continuaram a se distinguir. Surgindo inopinadamente do céu brumoso, que lhes é propicio, atacaram ao N. e a S. E. da floresta do GOUFFERNE, um P. C. importante do partido adverso.

Assim, pouco a pouco, a efficacia da Infantaria do Ar não é mais posta em duvida; ella entra na prática corrente dos exercícios militares, ao mesmo tempo que se precisam os dados do problema que constituirá sua utilização em tempo de guerra.

A INFANTARIA DO AR E A GUERRA FUTURA

Na imprensa militar europeia o assumpto continua na ordem do dia, despertando um interesse constante e crescente.

O major EGGE BRECHT acha que se a technica dos exércitos volantes continuar a se desenvolver, a arte da guerra, tal como tem sido ensinada até os nossos dias será completamente modificada.

O referido official illustra a sua these com um caso concreto: — 1.000 aviões de transporte, com uma velocidade de cruzeiro de 300 km. por hora, estão prontos para decolar, a 100 km. atrás da frente. Cada avião pode transportar 20 soldados armados de fuzis e metralhadoras leves ou então 4 soldados guarneccendo um canhão leve de campanha. Alguns apparelhos transportam carros de combate.

O objectivo da missão está situado a 200 km. atrás das linhas inimigas e é constituido por grandes depositos de reabastecimento em viveres e gazolina.

As esquadrilhas de transporte decolam. Importantes fôrças da aviação léve de defesa lhes abrem caminho e as acompanham até os diferentes pontos de aterrissage. Antes e durante a aterrissage as fôrças da D. A. T. inimigas são neutralisadas pelos aviões de bombardeio.

Tempo necessario: — 40 minutos bastam para atingir o terreno de aterrissage; 10 minutos para effeetuar o desembarque; 15 minutos para grupar e organizar as unidades de combate (companhias, batalhões, baterias). Ao mesmo tempo, paraquedistas asseguram uma primeira segurança e os reconhecimentos iniciaes.

Assim, uma hora depois da partida 10.000 infantes, apoiados por 100 morteiros e canhões, além de 100 carros leves, estão prontos para combater. Os aviões de transporte retomam o vôo para sua base e tornam a voltar com novo carregamento. Uma hora mais tarde novas unidádes reforçam as primeiras.

E o major EGGEGBRECHT conclue: "Atrás de sua frente, em seu proprio território, um terivel perigo ameaça o inimigo, perigo que, com a continuaçao do tempo fará o papel da mancha de oleo. Se este perigo se repete em muitos pontos, o inimigo será obrigado a se bater em duas frentes. As fôrças invasoras poderão atacar o adversario pela retaguarda e destruir suas tropas de campanha, evitando desta forma um choque frontal contra suas fortificações.

Em breve, desde que o rompimento de uma linha continua de batalha não se torne mais possivel, a Infantaria do Ar permitirá a volta á guerra de movimento".

Palavras que os dogmáticos e os encastellados nas theorias táticas decorrentes dos méthodos didacticos acharão absurdas e fantasistas, mas que talvez encerrem uma limpida profecia, que talvez annunciem o aparecimento de um novo NAPOLEÃO, rasgando ousadamente os céus da Europa na applicação de novos méthodos tacticos e doutrinas estratégicas. .

Seria o caso de perguntar a conhecidos medalhões desses que conseguem uma certa fama illusoria a custa das ligas de elogios mutuos, mas que escrevem roxo com **ch**, vê-se com dois s e "**não se devem darem mais de uma missão...**", seria o caso de perguntar a elles o que pensam da Infantaria do Ar e de suas possibilidades. Responderão, com certeza, que ainda não pensaram no assumpto ou que ainda não ouviram falar nisso...

Mas os verdadeiros estudiosos continuam pensando e raciocinando. O major VALNICECK, do exército tchecoslovaco, acaba de fazer uma interessante conferencia sobre a Infantaria do Ar. Para elle, a idéa das descidas aéreas teria nascido na segunda parte da guerra mundial onde os allemães, pela primeira vez, depositaram perto de KOWNO, a 80 km. á retaguarda da frente russa, um official e um sub-official que, apôs haver realizado uma destruição de via ferrea foram retomados pelo avião 24 horas depois e reconduzidos ás proprias linhas.

DESCIDA EM PARAQUÉDAS OU TRANSPORTE DE TROPAS POR AVIÕES ATERRANDO NORMALMENTE.

Qual é o processo que, no ponto de vista militar, apresenta maior interesse?

Apoiando-se sobretudo nas recentes experiencias soviéticas, o major VALNICECK acha que uma combinação dos dois processos é que se deve adoptar: elle prevê a descida das unidades em paraquédas, mas em compensação, a transferencia para o sólo do material pesado será feita por aterrissage normal.

— Quaes são os objectivos da Infantaria Aérea?

— Os destacamentos, promptos para combater imediatamente apôs a chegada ao sólo, serão empregados nas destruições dos nós importantes de vias de comunicação, pontos obrigatorios de passagem (pontes, por exemplo), usinas trabalhando para a defesa nacional, etc..

COMPOSIÇÃO DOS DESTACAMENTOS DE INFANTARIA DO AR

O Comandante VALNICECK propõe a seguinte composição typo:

1º -Duas companhias de cobertura, comprehendendo cada uma 10 F. M. e 10 motociclétas com "side-car".

2º-Uma companhia de destruição, na qual serão incluidos sapadores.

3º-Um destacamento de choque de 70 homens, com F. M. e granadas de mão.

Eis uma base de partida, differente da organização adoptada no exército do francez, como vimos acima.

A Infantaria do Ar já é uma realidade nos principaes exércitos do mundo, onde os seus principios de emprego vão sendo codificados e refundidos, de acordo com a experientia das manobras.

Esperemos que este problema, de um valor incalculavel para o caso brasileiro, já se encontre nas cogitações de quem de direito e que dentro em breve comece a adquirir forma e consistencia real.

SEÇÃO TECHNICA E INDUSTRIAL

Um rapido estudo (subsídio) sobre o F. M. Modelo Brasileiro, 1932

Continuação

Pelo 1.º Ten. JOSE' RUBENS BOTELLI

ESCOLA DA PEÇA — FUNCÇÕES DOS SERVENTES — FUNCÇÕES DO ATIRADOR

A) — COLLOCAR A METRALHADORA SOBRE O REPARO

Estando o reparo armado, aberta a braçadeira e o parafuso, de elevação, convenientemente disposto, segurar a metralhadora, com a mão direita, no delgado e, com a esquerda, nos pés rebatidos sobre a camisa, á altura do anel dos pés; collocar-se á esquerda do reparo e voltado para elle; collocar a metralhadora sobre a nervura central da forqueta, de modo que fique apoiada entre os dois ressaltos inferiores da camisa, prendendo-se a arma com a braçadeira e respectiva fivella; introduzir o parafuso de elevação no bocal da coronha, apertando-se, em seguida, a porca deste ultimo (dá-se, se necessário, uma pancada ligeira, com a mão, sobre a parte superior da coronha, para fazer entrar o parafuso de elevação no bocal, antes de se apertar a porca). Verificar se a arma ficou bem assente sobre o reparo, segurando o punho de elevação, com a mão direita, e fazendo mover a arma, rapidamente, para a frente e para trás, algumas vezes, como se fosse no tiro real.

No tiro anti-aereo a metralhadora é collocada sobre o reparo, correspondente á posição, ao qual fica preso, somente, pela braçadeira e respectiva fivella.

B) — SEPARAR A METRALHADORA DO REPARO

Abrir a braçadeira, levantando-se a fivella; afrouxar a porca do bocal. Se o cabo de disparo estiver collocado na metralhadora, libertar do guarda-matto a armadura do referido cabo e prender-a em seu respectivo encaixe no reparo.

C) — ENGATILHAR A METRALHADORA.

Collocando o carregador na arma, segurar o punho da alavanca de manejo, com a mão direita, e puxal-a completamente, para trás; reconduzil-a, em seguida, á sua posição inicial, para prender-a em seu batente.

D) — MANEJAR O REGISTRO DE SEGURANÇA.

Collocar o retém da alavanca de registro de segurança em "F", para atirar, em "D", para descarregar a arma; em "S" para travar.

E) — COLLOCAR O CABO DE DISPARO.

O tiro pode ser executado, quer pela accção directa do dedo indicador da mão direita do atirador sobre a tecla do gatilho, quer por intermedio do cabo de disparo. Segurar a armadura, pela parte anterior, entre os dedos indicador e medio da mão direita. Comprimir, com o pollegar, a pequena alavanca da presilha, obrigando-a a soltar o encaixe do reparo, com um quarto de volta para a direita; elevar a parte posterior, afim de desprender o dente anterior e libertar a armadura. Prender o dente da armadura na parte anterior do guarda-matto e a presilha movel no ramo posterior deste, com um movimento combinado de recalque de sua pequena alavanca, girada de um quarto de volta para baixo.

Regular, por intermedio da porca e contra-porca, a posição da tecla de disparo em relação á do gatilho da metralhadora, para que esta possa ser disparada á distancia, com o cabo.

F) — COLLOCAR OS ESPELHOS PERISCOPICOS.

Collocar os dois espelhos periscopicos em seus respectivos suportes, fixos á parte direita da corona, tendo especial cuidado quanto ao espelho superior, afim de evitar reflexos sobre a linha inimiga.

G) — APONTAR A METRALHADORA.

Soltar o mecanismo de pontaria em direcção, afrouxando o freio de direcção; apontar em direcção e depois em altura, actuando, successivamente, no punho de direcção e no de elevação; se fôr

preciso (tiro concentrado), prender o mecanismo de pontaria em direcção.

H) — ATIRAR.

1) — Tiro com a metralhadora presa (tiro concentrado).

E' executado, tendo o orgão de pontaria em direcção immobilizado. Nesse caso, puxar, completamente, a tecla com o indicador da mão direita, mantendo-a comprimida, e com a mão esquerda no punho de elevação, ou, se fôr o caso, apertar a alavanca do punho de direcção, com a mão esquerda, mantendo a mão direita no citado punho.

Nota: — Essa especie de tiro differe, um pouco da empregada com a Mtr. Pesada, onde o orgão de pontaria em altura é immobilizado pelo respectivo freio, que não existe no reparo da Mtr. Madsen.

2) — Tiro com a metralhadora livre (tiro livre) sem ceifa.

Proceder de modo identico ao caso anterior, apenas o orgão de pontaria em direcção, em vez de ser immobilizado, é mantido pelo atirador na mesma direcção, conservando a linha de mira sobre o objectivo e corrigindo, se fôr preciso, a pontaria em altura, manejando o punho de elevação.

3) — Tiro ceifante.

Para executar a ceifa, bater, successivamente, os pontos importantes de objectivo, da esquerda para a direita, sem interromper o tiro, e intensificar o fogo sobre as partes do objectivo, que parecerem mais vulneraveis, executando, sobre cada uma dellas, um fogo nas condições do tiro livre sem ceifa. Depois de bater os pontos mais importantes da direita, voltar, imediatamente, ao ponto importante mais á esquerda, continuando assim, a bater o objectivo, até ao commando: "SUSPENDER FOGO!" ou "CESSAR FOGO!". Nas situações, em que o atirador não puder perceber os pontos importantes do objectivo (tiro indirecto, á noite, ou com nevoeiro, sobre orlas de localidades, ou de bosques, etc.), repartir, uniformemente, a ceifa por toda a frente a bater, utilizando, se preciso, os limitadores de ceifa em direcção.

I) — INTERROMPER O TIRO.

Ao commando: "SUSPENDER FOGO!", soltar a tecla, ~~e~~ a alavanca do punho de direcção e, se fôr preciso, rectificar a pontaria.

J) — CESSAR O TIRO.

Ao commando: "CESSAR FOGO!", soltar a tecla, ou a alavanca do punho de direcção, prender em direcção e travar a arma. Logo que o 1.^o municiador tiver retirado o carregador, collocar o registro de segurança na posição "D" e dar tres golpes de alavanca, afim de se retirem os cartuchos contidos, ainda, na arma. Para isso, segurar o punho da alavanca de manejo, puxar a tecla, com o indicador da mão esquerda, ou apertar a alavanca de manejo até à metade de seu percurso, onde a abandona. Após repetir tres vezes essa operação, proceder ao desengatilhamento da arma, collocando o registro de segurança em "F".

K) — TROCAR O CANO.

Estando a metralhadora sobre o reparo é necessario, antes de tudo, desapertar a porca do bocal da coronha. Operar, depois, conforme as instruções para o manejo da metralhadora. Não se retira o cabo de disparo.

FUNCÇÕES DO 1.^o MUNICIADOR**A) — MANEJAR A ALÇA.**

Para as distancias de 200, 400, 600,... 1.900 metros, correspondentes ás graduações, inscriptas na face superior da lamina, ou para as de 400, 600,... metros, na face inferior, mover ou curvar, até que a sua linha de fé superior, ou inferior (bordo superior do entalhe, existente no dorso de peça e em cima), coincida com a correspondente na lamina. Para as intermediarias de 300 a 1.900, na face superior, ou de 500 a 1.900 metros, na face inferior da lamina, fazer a coincidencia do cursor com as linhas de fé menores, existentes entre as graduações.

B) — DESDOBRAR O REPARO.

1) — Posição normal — Estando o reparo dobrado, afrouxar a trava do tubo guia e retirar a argola da mola recuperadora, do cavado anterior do talão da braçadeira. Collocar sobre o terreno a sapata do tubo medio da perna dianteira, afrouxar as travas direita e esquerda das pernas trazeiras, firmando estas no solo, pelas sapatas, segundo a graduação 0-3.

Apertar as respectivas travas. Retirar o parafuso de elevação da respectiva presilha, dispondo-o de forma conveniente a receber a metralhadora; afrouxar o freio de direcção e abrir a braçadeira do berço.

2) — Posição alta — Armar o reparo com a combinação 0-5 das pernas trazeiras; alongar a perna dianteira, retirando o tubo medio, cerca de 10 cms., e apertando a porca correspondente.

3) — Posição baixa — Dispôr as pernas trazeiras, segundo a graduação 0-1 e apertar as travas. Desapertar a trava do tubo guia e puxar para a retaguarda o reparo, pelas pernas trazeiras, até se obter uma boa posição para o tiro; apertar a trava correspondente.

4) — Posição para o tiro anti-aéreo — Collocar as pernas trazeiras como na posição baixa. Distender, depois, a perna dianteira ao maximo de seu comprimento; dar-lhe o afastamento conveniente, para que o corpo do reparo fique na vertical, e apertar, novamente a trava do tubo guia, para prender o tirante, que a immobiliza. O berço deve ficar horizontal.

5) — Posição para o tiro com boccal — Collocar as pernas trazeiras como na posição baixa 0-1. Alongar a perna telescopica o sufficiente, para dar á metralhadora a inclinação compativel com a posição, e alongar a perna dianteira, tanto quanto fôr possivel, para se a collocar com o angulo de elevação, e prender a argola da mola recuperadora supplementar na espiga do parafuso superior de pontaria em profundidade, afim de reforçar a acção recuperadora do para-choque.

C) — DOBRAR O REPARO.

Estando o reparo desdobrado, numa altura qualquer, collocar em posição conveniente o punho de direcção, apertando-se a porca correspondente, e prender o parafuso de elevação na res-

pectiva presilha. Fechar a braçadeira do berço, com a fivella, e, por intermedio da argola da mola recuperadora supplementar, que se prende, por cima da fivella, ao cavado anterior do talão da braçadeira, immobilizar o berço.

Dobrar para cima as pernas trazeiras, até onde se poderem mover, em torno dos respectivos eixos, e, para baixo, a perna dianteira; apertar, firmemente, todas as porcas fixadoras (travas dianteiras, direita e esquerda dos pés).

D) — ALIMENTAR A METRALHADORA.

Segurar o carregador, com a mão direita, de maneira que a parte concava fique para frente; introduzir o bico do boccal do carregador no respectivo encaixe do receptor e fazer pressão no carregador, da frente para trás e de cima para baixo, até que o dente de seu retém penetre na armella do boccal. Nesse momento, a cabeça do retém da mola do carregador se afasta para a esquerda e um cartucho cahe no receptor.

Nota — Quando o serviço da metralhadora fôr feito por um só homem, este ocupará a posição do atirador, carregando, com a mão esquerda, de modo identico ao que ficou dito acima.

E) — RETIRAR O CARREGADOR.

Segurar o carregador proximo ao boccal, com a mão direita, de forma que a aza de seu retém seja comprimida pela região, logo abaixo da palma da mão; fazel-o girar para a frente e retiral-o.

FUNCÇÕES DO 2.^º MUNICIADOR

A) — PREPARAR OS CARREGADORES.

Retiral-os das cartucheiras, verificar se os cartuchos se acham correctamente dispostos, com os respectivos culotes correspondentes á parte convexa do carregador, e se o retém da mola do mesmo está em perfeito funcionamento. Se fôr preciso, corrigir á mão os cartuchos mal collocados; dispôr os carregadores, por camadas de quatro, as balas para frente e o retém da mola do carregador para baixo e para a direita, em frente ao 1.^º municiador.

B) — REPÔR OS CARREGADORES NAS CARTUCHEIRAS DE MUNIÇÃO.

Collocar os carregadores em seus respectivos compartimentos, com o retem da mola voltado para a esquerda.

FUNCÇÕES DO ARMEIRO

A) — DESMONTAR E MONTAR O REPARO.

Desmontar o reparo, quer para limpeza e lubrificação, quer para se reparar um damno eventual nos orgãos do mesmo, especialmente, o freio recuperador e o parafuso de pontaria.

Procede, tambem ás montagens e desmontagens, que forem de sua competencia. E' o responsavel pela conservação dos sobresalentes da secção.

FUNCÇÕES DOS REMUNICIADORES

Aos remuniciadores compete o remuniciamento da peça, para o que ficarão em local, que lhes facilite a ligação perfeita entre a peça e o escalão de cargueiros. São os substitutos eventuaes dos municiadores.

* * *

SERVIÇO DA PEÇA

FORMAÇÕES, MOVIMENTOS E ALINHAMENTOS

1) — A peça forma em:

- a) — linha em uma fileira;
- b) — columna por um;
- c) — formações para inspecção de pessoal e material.

A formação em linha é usada nas revistas; a em columna serve para as manobras e reunião.

2) — Linha em uma fileira — Para o material — Os cargueiros, ao lado uns dos outros, na ordem numerica crescente, a tres passos de intervallo, sendo que o cargueiro n.^o 1 (da peça) fica á direita. **Para o pessoal** — Cargueiro n.^o 1 o chefe de peça,

a dois passos, á direita, na altura do conductor; o **atirador**, á direita e na altura do meio corpo do muar; e o **2.º municiador**, á esquerda e no alinhamento do atirador; cargueiro n.º 2: o **1.º municiador**, á direita e um remuniciador, á esquerda do respectivo muar, alinhados pelos homens do primeiro cargueiro; **3.º cargueiro**; — o outro remuniciador, á esquerda e o armeiro ou telemetrista, á direita do respectivo muar; os conductores, á esquerda de seus muares, segurando-os, de acordo com o n.º 9 do annexo n.º 1 do R. 10 — Emprego das Unidades de Mtrs. Pesadas.

Nota: — Na falta do 3.º cargueiro, o remuniciador e o armeiro formam em columna por um e a dois passos á esquerda do cargueiro n.º 2, alinhados, respectivamente, pelos conductores e pelos homens dos dois cargueiros.

3) — **Columna por um — Para o material** — Os cargueiros em columna, uns atrás dos outros, na ordem numerica crescente, a tres passos de distancia, sendo que o cargueiro n.º 1 fica na testa. **Para o pessoal — O chefe de peça, a dois passos á frente do cargueiro n.º 1, e os demais homens, nos mesmos logares da formação em linha.** Nos caminhos estreitos, quando os homens não puderem marchar ao lado do respectivo cargueiro, seguirão, logo após este, e retomarão seus logares novamente logo que possível.

Nota — Não existindo o 3.º cargueiro, o remuniciador e o armeiro ficam em linha, cobrindo os homens do cargueiro n.º 2 e a tres passos deste.

4) — **Formação para inspecção de pessoal e material** — Partindo da formação em linha, em uma fileira, ao commando: "FORMAÇÃO PARA INSPECÇÃO MARCHE!", o material é descarregado e montado a seis passos, na frente do cargueiro n.º 2, formando o pessoal, em uma fileira, á retaguarda, com o intervallo regulamentar (0,80 cms.) e a tres passos da peça, de modo que esta fique correspondendo ao 2.º municiador. Quando a peça tiver o 4.º cargueiro (eff. de guerra), este se collocará no lado, ou atrás do 3.º, conforme se trate de linha, ou de columna. Os homens supplementares da peça collocar-se-hão em torno desse 4.º cargueiro, á semelhança do que está determinado para os outros serventes.

A peça, collocada sobre o reparo, corresponderá ao cargueiro n.º 2 e, a partir da esquerda do reparo, correspondendo ao corpo deste, serão dispostos, em linha, uma sobre a outra, duas a

duas, as cartucheiras com os fechos voltados para cima. Entre a peça e as cartucheiras, ficam os canos, com as caixetas e blocos da culatra, sobressalentes, alojadas nos respectivos estojos, tendo as tampas voltadas para frente e os fechos para cima.

Nota — Se a constituição da peça fôr a 2 cargueiros, o material é montado a seis passos á frente do cargueiro n.^o 1.

Reunião, movimentos, alinhamentos, passagem de uma formação a outra — Vêr Regulamento n.^o 10, paginas 38 a 40 e de 75 a 80.

CARREGAMENTO, DESCARREGAMENTO E TRANSPORTE DO MATERIAL

1) — Estando a metralhadora em posição, ao commando: "DESMONTAR O MATERIAL!", o pessoal desmonta a metralhadora, de acordo com o que ficou dito na parte "FUNCÇÕES DOS SERVENTES", ficando o material distribuido da seguinte maneira: **chefe de peça** com tres cartucheiras; **atirador**, com a metralhadora; o **1.^o municiador**, com o reparo; o **2.^o municiador** e os dois **remuniciadores**, com tres cartucheiras, cada um; o **armeiro**, com os canos sobressalentes.

Colloca-se o material nos cargueiros, ao commando: "CARREGAR O MATERIAL!".

O **chefe da peça** dirige-se para o lado direito do 1.^o cargueiro, onde prende aos respectivos ganchos as tres cartucheiras, pelas argolas, de maneira que fiquem com os fechos voltados para a frente. Prende-as pelas correias de fixação (a correia de fixação da parte posterior da cangalha só é apertada, após a collocação da 4.^a cartucheira pelo remuniciador). Toma o lugar, que lhe cabe na formação.

O **atirador** dirige-se para o lado direito do 1.^o cargueiro e colocar a metralhadora sobre os supportes, com o cano para trás e a alavanca de manejo para trás e para baixo, ficando a alca de mira em correspondencia ao supporte posterior e a corona apoiada sobre o anterior, de modo que os apparelhos da mesma fiquem encostados á parte posterior deste ultimo supporte. Aperta a borboleta e prende a arma aos supportes pelas correias de fixação.

O 1.^o Muniçiodor — dirige-se para o lado direito do 2.^o cagueiro e coloca o reparo, com as pernas dobradas, sendo a dianteira para baixo e as trazeiras para cima, e com o berço immobilizado pela mola recuperadora supplementar, sobre os supportes. E' collocado, com a cauda para trás, empurrando-se-o, em seguida, á retaguarda, de modo que o ramo curvo da direita do supporte anterior venha a ficar apoiado ao travão do eixo principal do reparo. Aperta a borboleta e prende o reparo, pelas correias aos supportes.

O 2.^o Muniçiodor — dirige-se, com tres cartucheiras, para o lado esquerdo do 1.^o cagueiro, onde as prende aos respectivos ganchos, pelas argolas, com os fechos voltados para a frente. Prende-as pelas correias de fixação (a correia de fixação da parte posterior da cangalha só é apertada, após a collocação da 4.^a cartucheira pelo remuniçiodor). Aperta a borboleta do supporte anterior e auxilia, se fôr preciso, o atirador no que diz respeito á fixação da metralhadora.

O Armeiro — dirige-se para o lado esquerdo dos 3.^{os} cagueiros de cada peça e coloca, em cada um, dois canos sobressalentes, (que se encontram alojados nos respectivos estojos) sobre os respectivos supportes, com as tampas dos estojos para a frente, e o fecho para baixo. Prende-os aos supportes pelas correias de fixação.

Nota — Se a organização da peça fôr a 2 cagueiros e só dispuzer de um cano sobressalente, o armeiro dirige-se para o lado esquerdo dos 1.^{os} cagueiros de cada peça e coloca o cano sobressalente, por sobre a metralhadora, com a tampa do estojo para a frente e o fecho para baixo. Auxiliado pelo atirador, prende-o aos supportes pelas correias de fixação, passando-as por sobre a parte, comprehendida entre os zarelhos das bandoleiras do estojo.

Remuniçiodores — O que marcha no 2.^o cagueiro dirige-se, com tres cartucheiras, para o lado esquerdo do 1.^o muar, onde prende ao ultimo gancho, na parte posterior da cangalha, uma cartucheira; depois, para o lado esquerdo do 2.^o cagueiro, onde prende, aos respectivos ganchos, as duas restantes cartucheiras, pelas argolas, com os fechos voltados para a frente. Prende as duas ultimas pelas correias de fixação. O remuniçiodor, que marcha no 3.^o muar, procede de forma identica ao outro, dirigindo-se, porém, para os lados á direita, do 1.^o e 2.^o cagueiros.

Ao commando "DESCARREGAR PARA TRANSPORTAR!"

Todo o pessoal coloca, se fôr preciso, a arma a tiracollo. Procura-se tirar o material dos animaes, procedendo, cada **servente**, de modo inverso ao que ficou dito para **carregar o material**. O **telemetrista** retira o telemetro do estojo, toma o tripé e coloca o estojo no logar do tripé. Os **serventes**, transportando o material ennumerado na parte **carregar o material**, collocam-se atrás do cabo, que fica, aproximadamente, 15 metros á frente do cargueiro n.º 1, guardando a distancia de dois passos, uns dos outros, e tomando a posição determinada pelo chefe da peça. Ao commando do cabo, seguem-no na formação, que indicar.

Nota — O cabo, 2.º municiador e os remuniciadores, após o descaregar do material, conduzirão uma ou duas cartucheiras a tiracollo, se estas transportarem munição.

ENTRADA EM POSIÇÃO

1) — **DISPOSIÇÕES PRELIMINARES** — Estando imminente a entrada em posição, ao commando: "PREPARA PARA O TIRO!" o 1.º **municiador** verifica a posição do parafuso de elevação, arma o reparo, como já ficou estabelecido, collocando-o na posição indicada (normal, baixa, para o tiro anti-aereo e para o tiro com bocal); abre a braçadeira do berço e examina a limpeza do mesmo.

O atirador — lubrifica, abundantemente, o interior da caixa da culatra e, ligeiramente, todos os pontos, em que houver attricto; acciona a alavanca de manejo, duas ou tres vezes, para verificar a existencia de algum attricto anormal; levanta a tampa, para examinar o cano e a camara, que deverão estar bem limpos.

O Chefe de peça — verifica o conjunto dessas operações.

2) — **ENTRADA EM POSIÇÃO** — Achando-se o chefe de peça na posição de tiro indicada ou desejada, ajoelhado, ou deitado, e com a frente voltada para o objectivo, commanda: "EM POSIÇÃO!".

O 1.º Municiador — leva o reparo armado e coloca-o á esquerda do chefe de peça, que lhe indica e verifica a direcção; enterra as sapatas das pernas dianteiras e trazeiras.

O Atirador — leva a metralhadora, collocando-a sobre o reparo, como já ficou estabelecido.

O 2.º Municiador — leva 3 cartucheiras de munição e prepara os carregadores, conforme já foi dito (funcções do 2.º municiador).

COLLOCAÇÃO DOS SERVENTES

1) — Terminada a entrada em posição, o **Chefe de peça** põe-se á direita e á altura do receptor, deitado ou de joelhos, conforme o terreno.

2 — a) REPARO NA POSIÇÃO NORMAL.

O atirador fica sentado sobre o solo, com as pernas distendidas, a mão direita no punho de elevação e a esquerda no de direcção.

O 1.º Municíador, ajoelhado e voltado para a frente, fica á esquerda do atirador, mais ou menos a 0,50 cms. da metralhadora e á altura do receptor, tendo diante de si carregadores, dispostos em séries de quatro.

O 2.º Municíador, ajoelhado e voltado para a frente, fica á esquerda e, ligeiramente, á retaguarda do 1.º municíador, tendo diante de si as cartucheiras de munição.

b) — REPARO NA POSIÇÃO ALTA

O atirador, fica ajoelhado, os chefes de peça e serventes, como ficou dito acima.

c) — REPARO NA POSIÇÃO BAIXA

Os chefes de peça e serventes ficam deitados nos lugares indicados em (a).

MUDANÇA DE POSIÇÃO

1) — Ao commando: "DESMONTAR PARA TRANSPORTAR!", cada servente retoma o material, que trouxe por occasião da entrada em posição e acompanha o chefe de peça na formação, que este indicar.

2) — Se o deslocamento fôr apenas de alguns metros, o chefe de peça commanda, sucessivamente: "A BRAÇO!". **O atirador** segura com as mãos, as pernas trazeiras do reparo, proximo ás respectivas travas.

O 1.º Municíador, com a mão direita, segura o tubo paralelo da esquerda, á altura da travessa anterior. Conduz, tambem, duas cartucheiras. **O chefe de peça** toma de suas tres cartucheiras.

"MARCHE!" — Os serventes suspendem o reparo e põem-se em marcha. — "EM POSIÇÃO!" — Repousam a peça na po-

sição indicada pelo cabo. O 2.^o municiador transporta as outras cartucheiras para a nova posição.

A peça pode ser transportada, também, por um só homem. Nesse caso, elle segura, com a mão esquerda, o tubo paralelo da esquerda, á altura da travessa anterior, e com a direita, o tubo da direita, entre a presilha do parafuso de elevação e o tubo guia.

PREPARAÇÃO E EXECUÇÃO DO TIRO

A) PRPEPARAÇÃO DO TIRO:

1) — Estando a peça em posição e os serventes a postos, ao commando: "ALÇA... (TANTO)!", o **atirador** arma a peça.

O 1.^o Municiador — gradua a alça e introduz um carregador. Ao Commando: "OBJECTIVO (TAL PONTO OU TAL LINHA)", "TIRO LIVRE SEM (OU COM) CEIFA!" ou "TIRO CONCENTRADO!", o **chefe da peça** observa o objectivo; o **atirador** aponta, com ou sem auxilio dos eepelhos periscopicos, para o ponto mais importante da esquerda do objectivo, no tiro ceifante, e annuncia, em voz alta, desde que a operaçāo esteja terminada: "PROMPTO!".

O Chefe da peça — levanta um braço, verticalmente (para ser visto pelo commandante da secção, mas tomado todas as precauções uteis, para o não ser pelo inimigo), e informa: "TAL PEÇA — PROMPTA!".

B) EXECUÇÃO DO TIRO.

2) — Ao commando: "FOGO!", o **atirador** puxa a tecla, ou aperta a alavanca do punho de direcção.

O Chefe de peça baixa o braço e observa os resultados do tiro. **O 1.^o Municiador** — alimenta a metralhadora (funcções dos serventes).

3) — Se o tiro parar repentinamente, o **atirador** abandona a tecla, ou a alavanca do punho de direcção, põe o registro de segurança em "D" e abre a tampa (uma interrupção do funcionamento será, praticamente, impossivel, a menos que exista um cartucho defeituoso).

O Chefe de peça — informa, então, em voz alta: "TAL PEÇA — INCIDENTE DE TIRO".

Em seguida, o chefe de peça, atirador e 1.^º municiador procuram sanar o incidente.

4) — Quando a peça estiver em condições de atirar, carregada e reapontada, o chefe de peça levanta um braço e informa: "TAL PEÇA PROMPTA!".

5) — A metralhadora "Madsen" não deve, tanto quanto possível, executar além de 256 tiros continuos, sem se mudar o cano, salvo em caso de urgencia — durante o assalto, — quando ella pôde, com o mesmo cano, executar até 1.000 tiros continuos. Os canos substituídos devem ser resfriados pela acção do ar, porém, se as condições do combate isso não permittirem, serão resfriadas pela agua (depositos d'agua, bolsas ,etc.).

INTERRUPÇÃO MOMENTANEA E CONTINUAÇÃO DO TIRO

1) — Ao commando: "SUSPENDER FOGO!", todos os serventes repetem o commando; o **atirador** abandona a tecla, ou a alavanca do punho de direcção, e continua a observar o objectivo.

O 1.^º **Municiador** — alimenta a arma, se o carregador estiver esgotado.

2) — Ao commando: "FOGO!", recomeça o tiro com os mesmos elementos anteriores.

CESSAR O TIRO

1) — Ao commando: "CESSAR FOGO !", todos os serventes repetem o commando; o **atirador** procede como já ficou dito anteriormente, trava a arma e, após o 1.^º municiador retirar o carregador, coloca o registro de segurança em "D", dando, em seguida, tres golpes de alavanca, para retirar os cartuchos contidos, ainda, na arma.

2) — Ao commando: "TAL PEÇA — LIMPEZA!", limpar a caixa da culatra, o mecanismo da culatra e lubrificar os mecanismos.

3) — Se o cessar fogo tiver de ser seguido de um deslocamento, ao commando: "CESSAR FOGO!", "FECHAR AS CARTUCHEIRAS", o **atirador** e o 1.^º **municiador** executam o que ficou prescripto para o cessar fogo e o 2.^º **municiador** repõe os carregadores nas cartucheiras, fechando-as em seguida.

INSPECÇÃO DA METRALHADORA

1) — A inspecção da metralhadora e dos carregadores é obrigatoria antes e depois de qualquer exercicio, em que se empreguem cartuchos de guerra, de festim e de manejo.

O encarregado da inspecção colloca-se ao lado e á retaguarda da metralhadora, verifica se existe carregador no receptor, faz executar tres golpes de alavanca, com o registro de segurança em "D", e manda abrir a culatra e passar uma vareta de limpeza, com estopa, no cano. O atirador fecha, depois, a culatra. A INSPECÇÃO DAS METRALHADORAS E' SEMPRE PASSADA POR UM OFFICIAL, antes de deixar o terreno. Este official verifica os cartuchos de guerra ou festim não empregados no exercicio, assim como se todos os estojos, provenientes dos cartuchos disparados foram devolvidos ao sargento encarregado do tiro. Passa, igualmente, inspecção nos fuzis e cartucheiras. (R. T. A. P., n.º 57).

ESCOLA DA SECÇÃO — ENTRADA EM POSIÇÃO E EXECUÇÃO DO TIRO

Vêr R. E. E. U. Mrts. P. (R. 10) do n.º 102 a 140.

Nota — Em "REMUNICIAMENTO", n.º 123, substituir a parte "por occasião da abertura do fogo, cada metralhadora dispõe de quatro cofres de munição e um sacco de agua". por esta "Por occasião da abertura do fogo, cada metralhadora dispõe de oito cartucheiras de munição, de um sacco de agua, além das bolsas de agua, que levam os serventes".

FORMAÇÕES E MUDANÇAS DE FORMAÇÃO

Vêr R. 10, do n.º 141 e 153, levando-se em consideração o que já ficou dito nestas notas, na parte "FORMAÇÕES, MOVIMENTOS E ALINHAMENTOS DA PEÇA".

* * *

OBSERVAÇÕES GERAES

A) — Na parte "Funcções do 1.º municiador" lemos caber a elle o manejo da alça de mira. A' luz dos nossos regulamentos,

em todas as armas collectivas, essa função é inherente ao atirador, porém, em nosso caso, quando a metralhadora Madsen é montada sobre reparo, em qualquer de suas posições, torna-se em virtude do seu modelo, uma operação difficult a ser executada, sem prejuizo da condição de se furtar ás vistas inimigas, pelo atirador. Em verdade, na lamina da alça, em sua parte inferior, notam-se graduações, mas sua leitura pelo atirador, de sua posição, depende do factor visibilidade, que é função do tempo, e do modo como são gravadas as graduações, que, para o caso em apreço, não satisfaz plenamente.

B) — Na parte **caregar e descarregar o material**, rezam estas notas que o cabo, o 2.^º municiador e os remuniciadores conduzem tres cartucheiras. Forçou a este modo, de assim procederem os **serventes**, o facto das cartucheiras terem pouca capacidade para a quantidade de munição (160 cartuchos). Ora, se o 2.^º remuniciador e os remuniciadores, sómente, transportassem duas cartucheiras, cada um, teríamos a irrigoria quântidade de 960 cartuchos, para uma peça, em sua posição de tiro.

Na secção de Metralhadoras Pesadas, os chefes de peça conduzem um cofre de accessorios, cada um, o que não se dá na Madsen, por não existir tal cofre, ou peça semelhante. Assim, se dermos ao cabo, 2.^º municiador e aos rémuniciadores, tres cartucheiras, a cada um, teremos 1920 cartuchos na posição de tiro de uma peça de metralhadora Madsen. O facto das cartucheiras poderem ser, tambem, transportadas a tiracollo, vem a facilitar, em parte a sua condução pelos homens.

C) — As presentes notas não são mais do que a adaptação da instrucção das escolas da peça e da secção da metralhadora Madsen á correspondente das mesmas, tratadas no "Regulamento para os exercícios e o emprégo das Unidades de Metralhadoras Pesadas". Foram baseadas, tambem, no livro "Armamento Portatil", no que diz respeito á nomenclatura do reparo, da metralhadora e funcionamento desta.

Outrosim, foram organizadas, levando-se em conta s sugestões, que as acompanham, relativas á creaçao d'um 3.^º cargueiro por peça, cujas notas podem, igualmente, ser applicadas ás secções, com quatro cargueiros (organização actual).

NOTICIARIO E VARIEDADES

Impropriedades e Correcções na linguagem da caserna

Conferencia realizada no 2.^º Batalhão de Pontoneiros, então sob o commando do Cel. Amaro Soares Bittencourt, em 1935, pelo Cap. Rubens Massena.

Com assumpto da minha despretensiosa palestra, não tenho a presumpção de entrar pelos escombros da philologia, para discutir, entre vós, que **Brasil** deva ser escripto com **s** ou com **z**, que seja certo pronunciar-se **estratégia** ou **estragézia**, **projectil** ou **projectíl**, **artilharia** e não **artilheria**, **pingalim** em vez de **pinguelim**, que se deva escrever **anspeçada** (com **ç**) ao em vez de **ans-pessada** (com **ss**), **furriel** (com **u**) em lugar de **forriel** (com **o**) ou, finalmente, **kepe** (com **e**), por originar-se do alemão **kappe**, e não **kepi** (com **i**). Sem tamanha, tão enorme pretensão, o que simplesmente tenho por escopo é que, sempre haja oportunidade e sobretudo aos nossos auxiliares de escripta, todos nós, officiaes, podemos e devemos ensinar methodo, propriedade e o idioma, pois nos corpos de tropa os quadros em tempo de paz têm como função essencial **instruir**.

Todos sabemos que muitos dos auxiliares costumam deturpar, ao escrevel-os, os proprios nomes dos soldados, e não são capazes de fazer uma relação de material, cuja detalhada discriminação confira com os nomes de inclusão em carga. A respeito vou contar o facto anecdótico: Um auxiliar juntando a palavra **transporte** que havia no fim da pagina, com a **viatura** discriminada

na relação cargo da Cia. Sap. Min. do extinto 1.^o B. E., esse auxiliar creou uma viatura, que muito tempo esteve incluida em carga, só sendo descarregada depois de dar muita dôr de cabeça, por ter escripturado **viatura transporte**.

Preciso se torna, é mesmo de summa necessidade que incutamos no espirito dos nossos homens o amor ao idioma nacional.

I — EMPREGO DE LETRA MAIUSCULA E COMPOSIÇÃO DE PALAVRAS

Ensina Eduardo Carlos Pereira que se emprega letra maiuscula no começo do periodo, no começo de verso, nos substantivos proprios, nos communs quando se quer determinar o sentido, nos titulos de honra e dignidade, nas alcunhas como o **Grande Frederico**, nas palavras designando divindade, nos seres moraes e abstractos, personificados, como a **Ira**, o **Medo**, e, finalmente, nos pontos cardeaes.

Não se devem escrever os substantivos communs do meio e fim de phrase com letra inicial maiuscula e nunca letra maiuscula no meio e fim de qualquer vocabulo.

As palavras podem ser compostas por prefixação — ex.: **subtenente**, por juxtaposição — ex.: **tenente-coronel**, agglutinação — ex.: **aguardente**, e locução — **aspirante a oficial**.

Pelas regras do emprego de letra maiuscula é errado, portanto, escrever-se: **Descontos Internos** (com I maiusculo), **Saude e Fraternidade** (com F maiusculo), **6.^a Semana** (com S maiusculo), **3.^a Questão** (com Q maiusculo), **Numero de Ordem** (com O maiusculo), **1.^o Trimestre** (com T maiusculo), **Boletim N.^o** (com N

maiusculo), de acordo com o Dec.^o n. 123 (com D maiusculo), **Estado-Maior** (com hyphen e M maiusculo), **Ten.-Cel.** ou **Tenente-Coronel** (com hyphen e C maiusculo), **Sub-Consignação**, **Sub-Unidade**, **Sub-Ten.** ou **Sub-Tenente**, **Sub-Cmt.**, ou **Sub-Commandante** (todos compostos por prefixação, com hyphen e letra maiuscula intermedia), **Ferro-Viario** (com V maiusculo), cuja abreviatura tambem não devia ser **F.V.**, como consta no R. S. C..

Ferroviario é derivado de **ferrovia**, neologismo mal formado, melhor, segundo opinião de Candido Figueiredo, seria **ferrivia**.

Orthographam-se **subalterno**, **subconsignação**, **subdelegado**, **submissão**, **sublevar**, **sublevação**, **subordinado**, **subchefe**, **subdirector**, **subsecretario**, **subunidade**, por conseguinte se devem escrever **subtenente** e **subcommandante**. Todos são compostos com o prefixo **sub**.

“**Pelotão de candidatos a terceiros sargentos**”, como está no R. I. S. G. de 1930, não é como se deve dizer, mas sim **candidatos a terceiro sargento** (no singular) ou **candidatos a sargento**, como **aspirantes a oficial** e nunca **aspirantes a officiaes**.

Já se disse noutros tempos **fuzil-metralhadora**, hoje, porém, o corrente é **fuzil-metralhador**, isto é, fuzil que metralha, pois tambem existe na lingua o adjetivo metralhador.

II — ABREVIATURAS

Não é razoavel abreviar-se, por exemplo, **Companhia Sap. Mineiros** ou **Cia. Sap. Mineiros**, dever-se-ha escrever ou, tudo por extenso, **Companhia de Sapadores Mineiros** ou a abreviatura prevista — **Cia. Sap. Min..**

Fóra disso nada existe senão o contrasenso, a mixordia.

Só pelos exemplos a seguir se vê que as abreviaturas em vigor no Exército deviam ser racionalmente modificadas — não é mais razoável o **W** anglicanamente significar **oeste** na língua patria; **Sub-Cmt.**, **Sub-Ten.**, **Ten.-Cel.** e **F.V.**, ao em vez de **Subcmt.**, **Subten.** e **Ten.-cel.** e **F.v.**, não se justificam em absoluto; é mais aceitável, no logar de **trns.**, **trans.**, visto como até as praças velhas de engenharia dizem, pronunciam **Cia. Trans..**

III — USO DA VIRGULA

E' muito commum os nossos auxiliares não collocarem virgula, em casos tais:

Quartel em Cachoeira, 11 de Setembro de 1935.

Av. 987, de 28/III/932. No primeiro exemplo a virgula separa o logar do tempo e no segundo o numero do aviso da sua data. Todos estamos cansados de saber que a pontuação é coisa muito difficult, eis, todavia, preziosa regra: São separados por virgula os elementos de uma série que não sejam ligados por connectivo, seja essa série sujeito, predicado, complemento ou seja mesmo uma série de orações de um periodo.

A pontuação é tão difficult, que não é facil collocar-se uma virgula na seguinte phrase, de modo tal que fique com sentido perfeito: **Um sargento tinha um cavallo e o pae do sargento era a mãe do cavallo.**

IV — PRONUNCIA

Erradamente se pronunciam **este je preso, casquéte, embáinha e desembáinha** o sabre, a espada e Cia. **Extra ou Éxtranumeraria.**

O presente do subjunctivo do verbo estar é **esteja**, **estejas**, **esteja**,... ensinemos a falar, portanto, **esteja** preso.

Diz Candido de Figueiredo que **casquete** talvez se origine do francez **casquette**, boné, porém para Moraes é diminutivo de **casco**, armadura que defendia a cabeça. Qualquer que seja o origem do termo, a sua terminação em vernaculo tem o som **ête** e não **éte**, como em **cadete**, **cavallete**, **collete**, **bolinete**, **molinete**, do francez **moulinet**.

Deve-se pronunciar **embaínha**; eu **embaíinho**, tu **embaínhas**, elle **embaínha**, nós **embaínhâmos**, vós **embaínhaes**, elles **embaíham**; **embaínhe** tu, **embaínae** vós; que eu **embaínhe**, que tu **embaínhes**, que elle **embaínhe**,... que elles **embaínhem**. O correcto é **baínha** e nunca **báinha**, mas o povo accentua **rúim**, **rúina**, **água** e **deságua** por **ruim**, **ruína**, **agúa** e **deagúa** e falla **resíguíno** por **eu me resígnو**, **tu te resígnas**, **elle se resígna**, etc..

Como **êstraofficial**, **êxtraregulamentar**, **êxtradicação**, **êxtradictar** e **êxtrangeiro**, em que o prefixo **êxtra** tem o som fechado, pronunciem-se **êxtra** e **êxtranumeralio** — composto de **êxtra** + **numerario**, que está fóra de numero certo e determinado.

V — ACCENTUAÇÃO

Em **confere** não se justifica o accento, **confére**. Escreve-se o verbo conferir — **confiro**, **conferes**, **confere**. Tambem não se accentuam **refere**, **fere**, **differe**, **profere**, etc.

Ferias não tem accento, como está no R. I. S. G. de 1930, **férias**. **Feria** vem do latim **feria** (sem accento)

Mêz (accentuado com z) é graphia errada. Escreve-se ou **mez** (com z e sem o circumflexo) ou, pela simplificada, **mês** (com o accento porém com s).

VI — DIVERSAS IMPROPRIEDADES E CORRECCÕES

E' praxe intitular-se um livro, quando em branco ainda, assim, por exemplo, **Livro de registro de instrução**, manda, porém, o Livro de Modelos de 1910 que se o intitule **1.º, 2.º, 4.º ou 7.º livro de regisro de instruccion**, pois em um arquivo completo, em que nada falte, ficará archivada a administração seriada, sem interrupção, sem esphacelamento.

A's vezes o auxiliar redige uma ordem — **Aviso** — **De ordem do Sr....**, em linguagem apaisanada. O adequadó é **Ordem** — **De ordem do Sr....**.

Os boletins dos corpos costumam publicar **apresentou-se hoje o Sr. 1.º Tenente...** Um militar não deve tratar o menos graduado de Sr., mas é que a redacção do boletim é quasi sempre feita pelo sargento, que diz impropriamente, por questão de respeito, **casino dos senhores officiaes** por **casino dos officiaes**.

Encontra-se na edição de 1930 do R. I. S. G. a expressão communissima na caserna “**pertencentes á carga dos corpos**”, porém o vernaculo puro, é **pertencentes aos corpos**. Como a carga pertencente ao corpo, a carga do corpo, é tudo aquillo que é ou pôde ser transportado por homem, viatura, enfim, qualquer meio de condução, só se deverá dizer que **uma coisa pertence á carga do corpo**, quando se quizer significar que essa coisa é transportavel, do contrario é melhor que não se empregue a expressão **descarregar da carga da unidade**, nem tão pouco **carregar na carga do corpo**, por ser mais

adequado **carregar na unidade e descarregar do corpo.**

Empregar **Sapolio** por **saponaceo** não é correcto, porque **Sapolio** é marca registrada de um **saponaceo**. A palavra **saponaceo**, do latim **sapo**, **saponis**, significa que tem a natureza do sabão, que se pôde empregar como tal. **Sabão** tem a mesma origem **sapo**, **saponis**. Como substantivo, **saponaceo** é derivado improprio do adjectivo.

Não raro o auxiliar escreve **descriminação** (com e) pelo certo **discriminação** (com i), do latim **discriminato**, **onis**. E' cognato **discriminar**, tambem do latim **discriminare** — differenciar, separar, discernir. Desse verbo é paronimo **descriminar**, composto de **des** + **criminlar** — absolver do crime, tirar a culpa a alguem.

Nos balancetes encontra-se o erro **commum** — **despeza** (com z). As palavras cuja terminação têm o som de **eza** — diz a regra — se escrevem com z, é que se derivam do adjectivo correspondente, como **belleza**, de **bello**, **lindeza** de **lindo**, etc... São primitivas e fazem, pois, excepção á regra geral **mesa**, **defesa**, **despesa**, **surpresa**, etc. (todas com s). **Despesa** origina-se do latim **despensa** (com s).

Organisação, **mobilisar**, **mobilizador** (com s) não é escorreito. O castiço é escrever-se com z os vocabulos que têm o sufixo **izar**, como **organizar**, composto de **orgam** + **izar** e **mobilizar**, de **mobil** + **izar**. Embora terminando em **isar** escrevem-se com s **alisar**, **analysar**, **avistar**, **bistar**, **divisar**, **pisar**, **precisar** e **visar**, por não terem o sufixo **izar**, e sim **ar**, assim **analysar** = **an-****alise** + **ar**.

Cavalleriano só é correcto para quem disser **cavalleria**. O sufixo **aria** tem dado margem a muita discussão. Candido de Figueiredo manda dizer **lotaria**, lei-

taria, grossaria, parçaria, vozaria, parece, no entanto que Eduardo Carlos Pereira está com a razão asseverando que **aria** e **eria** são suffixos designativos de colleção, pois aqui no Brasil o corrente é **infantaria**, **artilharia**, **cavallaria** e **engenharia**, **bateria**, **joalheria**, **vozeria**, **loteria**, **grosseria**, **correria**, **galeria** e **parceria**. E Candido de Figueiredo, como lexicographo, registra **cavalleira**, amazona, e **cavalleiro**, soldado de cavallaria, mas não fala em **cavallariano**, originario da cavallaria, termo usual na nossa linguagem da caserna.

Animal **arranchado** não se deve dizer, nem **nariz** de **cavallo**. . Nariz de **cavallo** é **chanfro**. Animal não se **arrancha**, **forragea-se**, **arraçoa-se**, é **forrageado**, **arraçoad**.

Lê-se no R. I. S. G. de 1930 “**apresentar armas**”, “**descançar armas**”, mas deve-se, pelo R. E. C. I., por uniformidade, commandar — tudo no singular — **apresentar arma**, **descansar arma**, **alongar bandoleira**, **arma na mão**, etc.. Também é commum na ordem unida, impropriamente chamada **infantaria** por nós da engenharia, o monitor, auxiliar de instructor ou mesmo o instructor advertirem **agora sem tempo**, em vez do adequado **agora a commando**.

Tenho sempre ouvido dizer erradamente **degladiar** (com **e**), o certo, porém, é **digladiador** e **digladiar** (com **i**). Digladiar vem do latim **digladiare** com o prefixo **di**, dois; significa combater com espada e figuradamente, discutir com ardor.

Se o auxiliar não sabe como escrever **fuzil**, preciso se torna que o ensinemos ser com **z**. Vem do italiano **focile** — e o **c** por via de regra se transforma em **z**. São cognatos **fuzilar**, **fuzilamento**, **fuzilado**, **fuzilaria** e **fuzileiro** (todos com **z**).

Telephone é termo francez desnecessariamente usado. Por amor á nossa lingua deveríamos ensinar e usar **telephonio**, do grego **tele** + **phone** + a erminação castiça **io**, com vantagem sobre **telephonio**. **Telephonio** é perfilhado pelo grande hellenista Ramiz Galvão.

Já ouvi muita gente de responsabilidade dizer **a telephonema**, **uma telephonema**, porém o neologismo brasileiro é masculino e, como os demais vocabulos de origem grega terminados em **a**, como sejam o **telegramma**, o **theorema**, o **lemma**, o **emblema**, deve-se dizer o **telephonema**, um **telephonema**.

A **cullote** é que se deve dizer, e não **o cullote**, pois é feminino no francez; é, porém, mais puro empregar-se o **calção**.

Nas certidões os nossos auxiliares costumam bater á machina “**certifico que fulano tem no arquivo desta unidade os assentamentos no seguinte theor**”.. Teor, do latim **tenor**, não tem **h**.

Muitos extranham dizer-se serra de **trabelho**. **Trabelho**, do latim **trabecula**, é peça de madeira com que se torce a corda da serra, para a retesar.

Não raro se ouve falar **guia de recolhe-se**, por **guia de recolhimento**. Quando ouço alguém dizer **guia de recolhe-se**, lembro-me do conjunto de palavras — “em materia de principalmente não ha nada como o mais são historias, ora essa é boa”, sem nenhum sentido, pois recolhimento de material é coisa intelligivel, mas recolhe-se de material nada significa. Nas phrases **guia de recolhimento**, **aqui está a guia do recolhimento ordenado**, **recolhimento** é substantivo e a preposição, **de** no caso, liga os dois substantivos como em **guia de remessa**, **guia de licença**, **guia de soccorrimento**, **relação de praças**, **vale diario de forragem**, **mappa do movimen-**

to, revista do recolher, proposta para preenchimento de postos vagos e termos sobre divergencias no modo de considerar o material. Diga-se nunca guia de recolhe-se, sempre guia de recolhimento.

No meu tempo de Escola Militar, era commum os cadetes pronunciarem **catatal** e **mulheril**, por **catatau**, provincianismo trasmontano, que significa segundo Candido de Figueiredo besta grande e velha, e por **mulherio**, substantivo cujo significado é as mulheres ou grande quantidade de mulheres. **Mulheril** com I é outra coisa, é adjectivo, tem significação de relativo a ou proprio de mulher e tambem significa mulherengo.

A palavra **regulamentar** é commumente empregada com impropriedade, em logar de official, legal, adoptado, natural, regular, conveniente, legitimo, previsto, etc.. O soldado velho diz muito "isto não é do regulamento" e o proprio instructor de transmissões, referindo-se ás "instruções technicas para o emprego dos meios de transmissões", costuma dizer "veja o regulamento", ao em vez de vejam-se as instruções. São impropriedades.

Vencimentos e vantagens — **Vantagens** é tudo que for percebido em dinheiro ou especie e **vencimentos** sómente o soldo e a gratificação, de acordo com o artigo 22 da lei 5.631, de 31 de dezembro de 1928. Portanto o soldo e a gratificação são **vencimentos** e **vantagens** são: adicional, ajuda de custo, darias, etapas, quantiataivo, quota, ração, terço de campanha, etc..

Especialista e artifice — Diz o R. I. S. G., textualmente, "**especialistas** são as praças que exercem função privativa para a qual são exigidos conhecimentos especiaes sómente adquiridos ou completados no serviço militar; e **artifices** são as que executam trabalhos inhe-

rente ás profissões elementares e cuja aptidão tanto pôde ser adquirida na vida civil como na militar".

"Uniforme e fardamento — Pelas I. D. F. o **fardamento** comprehende: calçado, roupa branca e de cama e **uniforme**. Não significam, pois, a mesma coisa, como a alguns parece.

Infelizmente a expressão **como com agua** vem tendo aceitação na caserna. E as nossas praças, muitas ainda pouco alphabetisadas, capazes de ler **cheronicas de d João vi** por **chronicas de D. João VI**, julgam estar corrigindo uma expressão, que é castiça, usual e de construção perfeita, simplesmente porque uma das propriedades da preposição **de** é a de designar a matéria de que se faz uma coisa, como **projectil de aço**, isto é, projectil feito de aço. E acham que **copo d'agua** significa copo feito de agua, mas a preposição **de**, segundo Assis Sintra, conta vinte e trez propriedades — eis alguns exemplos: **batalhão de engenharia, artilharia de costa, projectil de artilharia, granada de mão, alça de mira, serra de trabelho, meio de transmissão, exercicio de pontaria, dia de fachina, uniforme de parada, grade de rações, soldado de boa conducta, guia de recolhimennto, copo de agua, copo de vinho e copo de espada**. Uma propriedade de uso generalizado e usada por muitos classicos, é a de designar o conteúdo ou coisas contida em outra, como nos seguintes exemplos — **chicara de café, carteira de cigarros, caixa de phosphoros, sacco de assucar, garrafa de vinho, kilo de feijão, copo de agua, meio copo de agua, e copo e meio de agua**. Ninguem diz que toma uma **chicara com café**, compra uma **carteira com cigarros**, pede uma **caixa com phosphoros**, compra um **sacco com assucar**, uma **garrafa com vinho**, ou um **kilo com feijão**, nem bebe um **copo com agua**, nem

meio copo de agua, e copo e meio de agua. Ninguem diz **meio copo com agua** e muito menos um **copo e meio com agua**. As palavras em apreço **chicara, carteira, caixa, sacco, garrafa, kilo e copo** são aqui tomadas com a accepção de medida. O francez diz **donnez moi un verre d'eau**, diz **verre d'eau** e não **verre avec eau**. E o cachelirense, finalmente, costuma falar do seu **Chateau D'Eau**, em frente á igreja matriz da cidade.

Cheguei ao epilogo da palestra, tendo esforçado immenso para manter-me enquadrado no assumpto, isto é, cuidando sómente da linguagem da caserna tanto quanto possível dando exemplos em uso corrente no Exército. E o meu estudo em verdade é despretensioso. é modesto, pois que cada um só pôde dar o que tem, nelle, porém, um facto que resalta, pelo menos existe aproveitável — é o amor que tributo ao idioma patrio. Do fundo d'alma, pois, com Bilac vos recito:

“Amo-te ó rude e doloroso idioma
Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”
E em que Camões chorou, no exilio amargo,
O genio sem ventura e o amor sem brilho!”

O COMMUNISMO

Palestra feita pelo radio, na Hora do Brasil, em 10-12-37, pelo Dr. LUIZ BETIM PAES LEME.

O collectivismo, supressão da propriedade individual, é uma velha utopia.

Contam-se na Grécia, antes mesmo do século de

Péricles, mais de vinte revoluções em que os ricos foram massacrados ou despojados dos seus bens, sem que o collectivismo se tivesse podido estabelecer. A propriedade individual apenas mudava de mãos.

Esparta, entretanto, teve um regimen chamado comunista; mas todos sabem que os espartanos tinham escravizado um povo: os ilotas, e não é difficult estabelecer a communhão de bens entre senhores, quando esses bens são produzidos pelo trabalho de escravos com direito apenas á subsistencia.

A Russia de hoje muito se assemelha a Esparta, pois se tornou uma civilisação sobretudo militar, que põe em commun, mas, para goso exclusivo do partido dominante, os fructos do trabalho coercitivamente imposto ao resto da nação.

Assim, dois mil annos de tentativas e de experiencias deram ao mundo esses dois unicos exemplos de comunista: **Russia e Esparta.**

Em todos dois, as classes dirigentes distinguem-se pela coragem, pela frugalidade e pela absoluta impiedade com que exigem o trabalho forçado dos opprimidos. Em Esparta, quando aparecia entre os escravos ilotas um individuos mais bem dotado physica ou intellectualmente e, por conseguinte, capaz de um dia se tornar chefe de rebelião, essa simples possibilidade o condemnava á morte. Eram designados então dois ou tres jovens dos mais fieis ao regimen, que tinham a **muito honrosa missão** de assassinar mysteriosamente o possivel perturbador da gehena subterranea que trabalhava e soffria para que, na superficie, pudesse florescer as bellas virtudes espartanas ainda hoje celebradas pelos historiadores.

Mas qual a razão desse absoluto insuccesso do sonho collectivista?

E' que só ha dois systemas de fazer trabalhar os homens:

O primeiro, que a própria natureza inventou, foi a necessidade de cada um se manter por si, juncto ao desejo de ter quanto o vizinho. Nesse sistema o trabalho é obtido graças á propriedade individual, á emulação e ás desigualdades. Sem elas, de um modo natural não haveria esforço util, como não ha movimento, nem corrente electrica, sem diferença de potencial...

O segundo, inventado pelos proprios homens, foi a **coerção**. As sociedades que desprezam o sistema natural, vêm-se forçosamente obrigadas a emplegar os processos coercitivos com toda a severidade.

Mas não pode haver vítima sem algoz e, como a situação destes ultimos é realmente privilegiada nas sociedades collectivistas, é fácil avaliar o zelo com que certos propagandistas fazem a apologia de um regimen onde elles esperam desempenhar uma função tão avantajada.

A experiencia parece, pois, ter demonstrado a **impossibilidade económica** de uma sociedade collectivista, a não ser que ella seja supportada por outra submetida á escravidão.

Mas admittamos um instante que ella seja possivel: que uma força interna sobrenatural pudesse obrigar os homens a trabalhar sem coerção e sem visar a propriedade individual.

Vou mostrar-lhes que, mesmo nesse caso, os nossos males seriam singularmente aggravados:

A essencia mesmo dos nossos anceios e do nosso descontentamento é o facto de nos sentirmos sempre in-

feriores a alguém. Uma desgraça collectiva affecta muito menos do que um accidente pessoal, que humilha ou diminue o individuo.

Entretanto a natureza fez os homens profundamente desiguales. Uns são feios, outros bellos; uns fracos, outros fortes; e, na escala da intelligencia, encontramos todas as notas.

O unico remedio capaz de diminuir ou mesmo de suprimir o soffrimento trazido por essas desigualdades, é justamente a instituição da propriedade individual. As desigualdades economicas conseguem attenuar e até mesmo compensar as desigualdades naturaes.

O feio que enriquece á fôrça de trabalho ,de privações ou de riscos, pôde competir com os bellos juntito ás mulheres.

Do mesmo modo, o fraco pode se armar contra os fortes.

Enfim, aquelles cuja intelligencia é destituida de brilho, nem por isso perdem a esperança de consideração social. Assim, hoje, os desherdados da sorte, que são o grande numero, possuem o maior dos bens — que é a esperança, e ella os faz trabalhar, o que satisfaz ás exigencias da natureza.

Na utópica sociedade collectivista, nem a esperança lhe resta; as desigualdades naturaes ficam irredutíveis e para fazer trabalhar os homens torna-se necessário o emprego do chicote e do punhal como em Esparta, ou da privação de alimentos e da geladeira siberiana como na Russia.

Para terminar, contar-lhes-hei, meus Senhores,

uma fabula composta por Victor Hugo aos dezoito annos de idade:

O Odio e a Inveja paseiavam juntos e encontraram uma fada que lhes disse: O primeiro de vocês que se apressar em me pedir qualquer coisa será immediatamente servido... mas o outro terá o dobro. Grande embaraço para o Odio e para a Inveja! Que prazer poderia ter qualquer delles em receber um presente, quando o companheiro teria logo o dôbro? Houve uma longa hesitação, mas a Inveja teve uma idéia genial e, de repente, exclamou: — Peço que me furem um olho! E imediatamente ficou caolha, mas o Odio ficou cego.

Eu poderia dizer, meus Senhores, que esse casal sinistro representa o communismo, mas seria injusto; aliás, si o communismo fôsse apenas inveja e ódio não precisaríamos combatê-lo, elle cahiria por si.

O que anima as perigosas idéias igualitarias não é sómente a inveja, mas, sobretudo, um peccado muito mais grave — o orgulho, **peccado de anjo!** Peccado dos que querem instaurar na terra um regimen incompativel com a natureza.

O orgulho allucina até os sabios, que acabam se afastando de Deus, desvaira até os santos, que se supõe não serem mais homens.

Procurai o orgulho sempre que vislumbrardes orellhas de asno entre borla e capelo ou pés de cabra em sandálias de anacoreta.

Os fazedores de hecatombes não são os invejosos.

As civilizações só se esboroam quando o demonio do orgulho assume o commando dos homens, sob a capa da sciencia ou da santidade.